

REVISTA

DA SEMANA

N.º 50 — 20-12-58 Cr\$ 10,00 em todo o Brasil

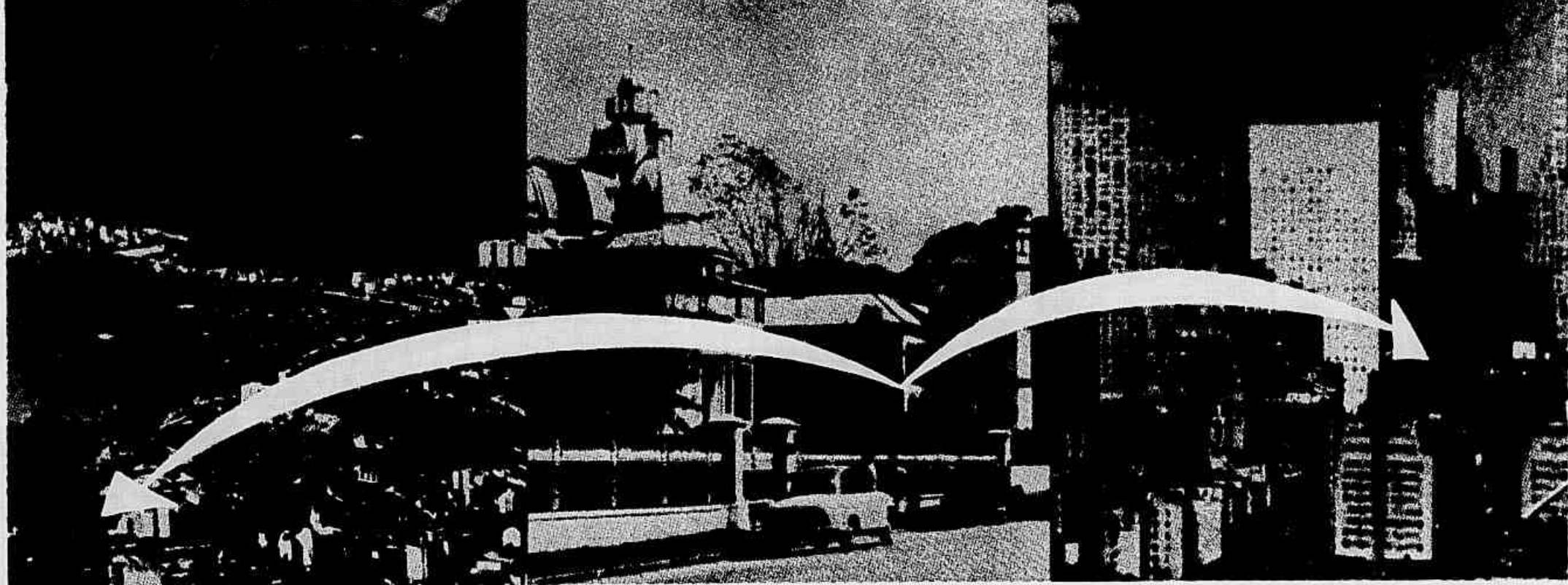


**MORREU OLEGÁRIO,
O ÚLTIMO ROMÂNTICO**

Urbanismo:

**RIO, TEU RECORDE
É DE PACIÊNCIA**

Uma só escala *entre RIO-NOVA YORK*



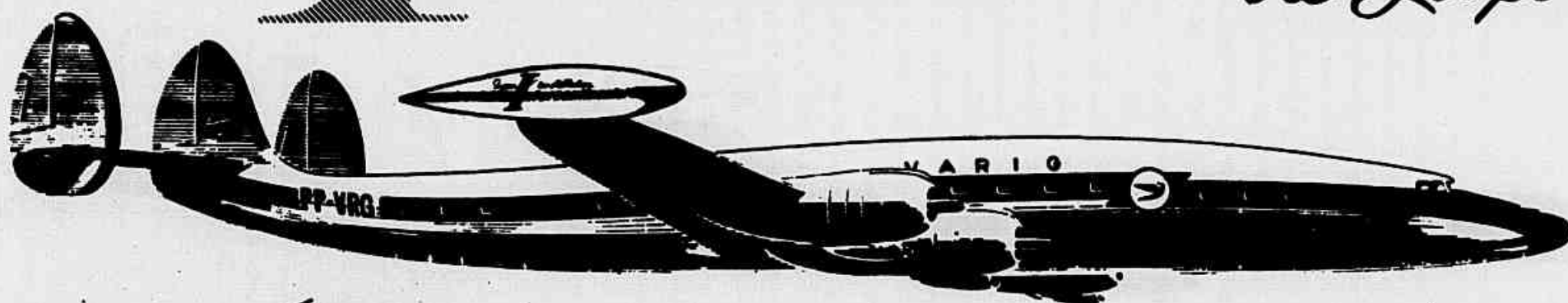
Rio

Trinidad

N. York

no ultra confortável

Super **Constellation**
Intercontinental
de Luxo



Agora, duas vezes por semana a VARIG realiza vôos ainda mais rápidos a Nova York, com uma escala apenas, Port Of Spain... em seus novos Super Constellation Intercontinental de Luxo... com radar, leitos confortáveis, poltronas espaçosas e um esmerado tratamento a bordo.

- * Também dois vôos semanais a Nova York via Belém e Ciudad Trujillo. Em ambas as rotas, acomodações e tarifas de Primeira Classe e tarifas econômicas na Classe Turista.

VARIG

O MELHOR SERVIÇO PARA NOVA YORK

Consulte seu agente de turismo ou as agências da Varig sobre os novos planos de financiamento da sua viagem ao exterior.

REVISTA DA SEMANA

Ano 58 — N.º 50 — Rio, 20-12-1958

PROPRIEDADE DA COMPANHIA EDITORA AMERICANA

CAPA

Millie Perkins (Ektachrome T.C. Fox)

REPORTAGENS

Carlos Lacerda sobre a Operação Pan-Americana	4
Festa do Bomfim: Zora Seljean autografou na São José	16
Nunca abdiquei de minha independência total	25
Os Babes da sociedade debutam no taca	31
Morreu o Enamorado da Vida	34
Alunos do Colégio Militar tomam de assalto	43
Roteiro de Corumbá	48
Chegada de Papai Noel	56
Rio, teu recorde é de paciência	60

POLÍTICA

Trapézio	14
----------------	----

CINEMA

Sophia Loren mais Eugene O'Neil, igual a Desejo	21
---	----

NOVELA

Coroinha (1)	29
--------------------	----

CONTO

Natal na Barca	40
----------------------	----

SOCIEDADE

Kaleidoscópio	46
As Verdades de Mariuzinha Maranguape	51

MODAS

Femininas	54
-----------------	----

SEÇÕES

Palavras Cruzadas	18
Literatura e Arte	26
Humor (Ambrósio)	58
A Revista há cinquenta anos	59

Aproximam-se as festas do Natal, e desde já, começamos a saudá-las. Millie Perkins (capa), estrêla de "O Diário de Anne Frank", sorri para os leitores da Revista, enquanto Papai Noel não vem.



CONTATO

DEPOIS de longa e terrível enfermidade, faleceu, no dia 28 de novembro, aos 69 anos de idade, o poeta Olegário Marianno (reportagem às pgs. 34 e seguintes). Desapareceu Olegário e, com ele, o último representante do parnasianismo, que teve seu apogeu nos anos que antecederam a Semana de Arte Moderna e que desceu a um segundo plano com a eclosão desse movimento renovador.

Único sobrevivente daquela fase de ouro de nossa poética, esteve Olegário, nesses últimos anos, relegado a um segundo plano, pelo advento das novas correntes literárias. Mas, um mestre da poesia em seus moldes tradicionais, sua obra, entretanto, continuou a ser amada pelo povo, que sentia as líricas ressonâncias de seus versos, tendo ele, por este lado, como poucos, a glorificação em vida: sua poesia foi e continua sendo decorada e repetida em tôdas as partes do mundo, onde se conhece a língua portuguesa.

"RIO, meu nego, teu recorde é de paciência" — é o título da reportagem com que Hugo Sérgio Koatz faz o levantamento, no presente número, da lamentável situação em que se encontra esta cidade de São Sebastião, no plano urbanístico. Os magníficos projetos que para ela haviam sido idealizados pelo grande Le Corbusier, quando esteve entre nós em 1936, são aqui lembrados — planos que, se tivessem sido postos em prática, fariam com que vivêssemos hoje, quem sabe, numa cidade ideal. Mas tal não se deu. E o espantoso crescimento do Rio, bem mais rápido do que a previsão de suas autoridades administrativas, veio transformá-lo no lamentável estado em que hoje se encontra.

Agora, através de um vasto plano de obras, tenta a Prefeitura remediar o mal-feito. A abertura de túneis, arrasamento de morros, aterros na baía, aberturas de grandes vias — pretendem dar uma nova fisionomia à cidade, fazê-la, talvez, mais respirável. É a história dessas obras que a revista apresenta, às páginas finais.

CARLOS Lacerda, levado a Recife para participar do já famoso "Encontro Marcado" — programa radiofônico apresentado por Hélio Polito e Darwin Brandão, causa verdadeiro delírio pelas suas respostas, corajosas e objetivas, sobre a situação em que se encontra o país em diversos setores, particularmente no político. Fala, entre outras coisas, da famosa "Operação Pan-americana", a que chama de "a maior história do facadismo que já ouviu contar."

Diretor-Presidente: Gratuliano Brito. — Rua Visconde de Maranguape nº 15, Rio. Endereço Telegráfico: «Revistas». Telefones: Diretoria — 22-2622; Redação — 22-9570 e 22-4447; Publicidade e Contabilidade — 22-2550; Gerência — 22-8647; Oficinas — 22-1013; Portaria — 22-5602. — Assinatura anual — Cr\$ 500,00. Via aérea com acréscimo do porte. Assinatura anual para o exterior, Cr\$ 900,00. Número avulso, Cr\$ 10,00 — Distribuição para todo o Brasil: Fernando Chingaglia Distribuidora S. A. — Avenida Presidente Vargas nº 502 — 19º andar. Telefones: 43-6097 e 32-3575. Rio de Janeiro.

Carlos Lacerda sobre a Operação Pan-americana:

FOI EM RECIFE que o deputado Carlos Lacerda falou no rádio, pela primeira vez depois das últimas eleições, entrevistado no programa "Encontro Marcado", que é transmitido semanalmente (aos sábados) pela Rádio Jornal do Comércio. Entretanto, nessa ocasião, o público pernambucano e do nordeste, conheceu o outro lado do líder udenista, já que os entrevistadores (Darwin Brandão e Hélio Polito) limitaram-se a perguntas sobre jornalismo, arte e problemas de educação. O Lacerda que compareceu ao auditório do Rádio Jornal do Comércio, para responder a perguntas no programa que tem a duração de 45 minutos e acabou prolongando-se por uma hora a mais, esteve bem diferente do político agressivo que todos nós conhecemos. Muito ao contrário. Recomendou prudência na solução da crise que inquietava Pernambuco, naquela ocasião, chegando alguns a afirmar que foi ele o responsável pela solução pacífica da grave situação que atravessava o Estado. "Encontro Marcado" conseguiu portanto este milagre: apresentar a palavra de um dos mais discutidos políticos atuais, sem se deixar envolver nas intrigas e polêmicas, que um debate muitas vezes pode provocar.

Esse não seria entretanto, o caso da REVISTA DA SEMANA. Sem as censuras a que está sujeito o rádio e sem compromissos com quaisquer grupos financeiros ou políticos, o nosso interesse é apresentar aos leitores, o Deputado Carlos Lacerda como ele é realmente, falando sem censuras e livremente. As suas respostas ao questionário que lhe submeteu o nosso repórter Hélio Polito, poderá descontentar a muitos. Poderá ferir susceptibilidades. Provocar discussões e talvez até brigas. Mas não nos caberia o papel de censores. Os nossos entrevistados respondem livremente e as suas palavras são publicadas na íntegra, sem uma vírgula a mais ou a menos. E as perguntas que fizemos ao Deputado Carlos Lacerda, longe do intuito de provocar sensacionalismo, foram as que certamente fariam muitos de vocês, se estivessem na nossa posição de jornalistas. Vamos a elas portanto:

- Qual o seu melhor amigo?
- **Tenho dois: Sérgio e Sebastião.**
- Você acha que a sua carreira política frustrou a sua vocação literária?
- **Adiou.**
- Diga três coisas que você considera imprescindíveis para a salvação política, econômica e social do Brasil.
- **São três exigências de ordem moral: honradez, dedicação, sentimento de responsabilidade.**
- Um Presidente da República que pensasse como você, qual seria o ministério ideal?
- **De homens inteligentes e capazes, que existem no Brasil — mas raramente chegam a ministros.**
- Se você tivesse de reunir em uma frase um conselho ao seu filho como paradigma de conduta, qual seria esta frase?



— É A MAIS LONGA HISTÓRIA DE



“FACADISTA” QUE JÁ OUVI CONTAR

Entrevista concedida a HÉLIO POLITO

CARLOS LACERDA



Como se sentiria como homem de Governo? — Muito bem. Nasci para fazer. Só tenho medo de me acostumar com automóvel oficial.

- Vale a pena insistir.
- Você tem sido acusado de:
 - a) — não tem noção dos limites, não sabendo parar nos momentos devidos.
- Isto é crítica a motorista de lotação.
 - b) — não saber tirar proveito das pausas nos momentos em que o silêncio é necessário.
- Que pausas? Que silêncio?
 - c) — E esta acusação mais grave: de cometer injustiças por colocar a sua atuação de político e jornalista acima de toda e qualquer consideração de ordem pessoal, mesmo a mais justa.

— É possível que tenha cometido injustiças, acima de qualquer consideração de ordem pessoal este o dever do homem e do jornalista.

— Quais são, na sua opinião, os livros mais importantes da literatura brasileira. E por que?

— Os romances do Nordeste, a obra de Mário de Andrade, os poetas de 30 em diante.

— Você foi incluído na lista de Osório Borba dos piores poetas vivos do Brasil. Você acha justa esta opinião?

— Acho.

— Qual, em sua opinião, a maior figura do jornalismo brasileiro atual e quais os requisitos fundamentais para ser um bom jornalista?

— Júlio Mesquita Filho. Curiosidade universal, integridade intelectual, saúde, sendo.

— Chegou ao nosso conhecimento que você está escrevendo uma reportagem sobre rosas, e entende de rosas, plantando rosas em Petrópolis. Trata-se apenas de um "hobby" ou as rosas têm para você uma significação poética como para RILKE?

— A rosa é uma síntese da natureza e convida à reflexão. Não entendo de rosas. Apenas leio sobre elas. No Brasil, só recentemente se vai redescobindo as plantas. Há uma guerra ao mundo vegetal, neste país.

— O que teria sido para o Brasil se tivesse vencido as eleições o General Juarez Távora?

— Talvez estivesse pior o general. O país creio que estaria melhor. A não ser que ele continuasse a querer governar com esquemas e sem a UDN, o que seria, aliás, impossível.

— Qual é, na sua opinião, a sua maior qualidade e o seu maior defeito?

— A tenacidade. E a tenacidade.

— Consta que lhe pesa a acusação de demolidor e que lhe seria grata a oportunidade de demonstrar as suas qualidades de administrador numa atuação política mormente construtiva. No caso afirmativo qual o cargo ou setor em que melhor poderia exercê-lo?

— Sou candidato à educação ou ao trabalho ou à missão de contar ao mundo o que o Brasil pode fazer por ele. Mas, num governo decente. Em governos como o atual, sou candidato a "demolidor" — como Ruy Barbosa. Um dia se saberá quanto eu construí — parecendo que demolla.

— Qual é o seu livro de cabeceira?

— Varia muito. Leio vários ao mesmo tempo. Infelizmente leio pouco, para poder pensar um pouco.

— Se você pudesse encontrar e conviver com alguma figura da humanidade em todos os tempos, quem seria?

— Em geral as grandes figuras da humanidade não são fáceis de conviver. Pergunte a São Pedro...

— Quando você é forçado a encontrar, em circunstâncias inevitáveis, alguém que a sua atuação de jornalista levou a atacar, sente algum constrangimento interior?

— Depende. Se além de inevitável, foi justa, creio que o constrangimento não é meu...

— Consta entre os amigos que lhe conhecem mais de perto, que você é dotado de um esplêndido "sense of humour". Lembra-se de algum episódio em sua carreira, que tal qualidade se pode exercer? Em outras palavras, algum caso divertido ou curioso ao longo de sua vida pública?

— Certa vez, numa cidade do São Francisco (1937), depois de um comício uma moça me abraçou entusiasmadamente dizendo: O sr. é um perfeito demagogo. Outra vez, em Norwalk, onde moramos algum tempo graças às inocentes travessuras do general Lott, na casa que alugamos a uma viúva, recebi a visita de um homenzarrão que queria falar com o dono da casa:

— Mas, o dono da casa já morreu, Mister.

— Eu sei — disse o homem.

— Como vai a UDN? Acredita que ela chegue ao Catete em 1960?

— Eu acredito. Os outros acreditarão?

— Como se sentiria como homem de Governo?

— Muito bem. Nasci para fazer. A única coisa que eu tenho medo é de me acostumar demais com automóvel oficial.

— A UDN está preparada para governar o país?

— Não tanto quanto eu desejaria. Mas ninguém está mais do que ela.

— Pode antecipar alguns pontos do programa de governo da UDN?

— Leia o programa todo. É bom não confundir síntese com "slogan". Não se governa com "slogans".

— Acha que a UDN pode vencer as eleições com candidato próprio?

— Acho, desde que conquiste apólos.

— E a candidatura Jânio? Quais as exigências que a UDN faria para apoiá-la?

— Respeitar os partidos grandes, em vez de destruí-los. Sem opinião pública organizada em partidos grandes não há democracia que se agüente. O povo — e o governo, sòzinhos, ou dão em anarquia ou em ditadura.

— Acredita na candidatura Lott? Quais as forças que apoiariam essa candidatura? Teria possibilidades de êxito?

— Não. Os tanques, os comunistas, os inconscientes e os sem-vergonhas de todos os cantos. Teria.

— E a candidatura Jango?

— Jango é um "stand in", como dizem os cinematografistas. A sua candidatura só existe para ocupar lugar até que chegue a outra. Ele hoje é muito mais impopular que o sr. Kubitschek. É um "gangster" extraviado na política. Nasceu de um abuso de confiança contra o velho Vargas, viveu de um equívoco, triunfou graças à traição do general Lott; mas não se engana a tantos, tanto tempo... Tirem-lhe a máquina dos Institutos e do Banco do Brasil — ele será apenas um rico estancieiro arruinado. Por isto é que a atuação do general Lott foi criminosa: ele entregou os trabalhadores e o povo em geral a êsse reles e desonesto demagogo!

— Acha possível o acôrdo UDN-PTB nas eleições presidenciais? Por que?

— Depende de que PTB você fala.

— Acha provável a manutenção do eixo PTB-PSD nas próximas eleições?

— Tudo é possível, mas isto não é provável.

— A UDN aceitaria o apoio dos comunistas para o seu candidato ao Catete?

— Dêsse susto ela não morrerá.

— Como vê a chapa Jânio-Lacerda para o Catete?

— Não vejo.

— Jânio é um udenista? Tem idéias udenistas?

— Não sei. Não conheço ainda as suas idéias.

— Como vê a vitória de Cid Sampaio em Pernambuco? Acha que ele, como udenista deve manter boas relações com o Governo Juscelino?

— Foi uma grande vitória. Se fôsse para entregá-la ao sr. Kubitschek, não valeria a pena ganhá-la. Não creio que o sr. Cid Sampaio cometa o monótono erro de tantos governadores. Ele bem sabe que a Federação precisa ser restaurada, se não se quiser que o Brasil desmorone.

— Qual a maior vitória da Oposição, na Câmara, nesta legislatura?

— Fazer oposição e popularizar o seu programa de governo. Se você fala de um episódio, foi sem dúvida o da defesa do mandato do deputado que provou a traição cometida contra o Brasil pelo vice-presidente da República do sr. Lott.

— Como vai o Governo? Os seus erros? O que tem feito de bom?

— Mal. Muitos. Viajar para não ser monotonamente péssimo.

— Brasília é boa coisa para o país?

— Brasília é uma exposição de arquitetura em tamanho natural. E como custa caro!

— Quais os pontos principais do projeto que apresentou na Câmara sobre a educação?



Ainda não cumpri o meu dever para com o país. Só se acaba de cumpri-lo quando não se tem mais força para viver.

— Ensino livre da tabela do Estado. Mas, com sua licença, o projeto é todo êle muito bom. De meu, mesmo, só tem o empenho que faço para vê-lo aprovado.

Curioso: numa só legislatura apresento três projetos como o do Código do Trabalho, o do Crédito Profissional e agora o da Educação, fora trinta e três outros — e até hoje há gente que pensa que não apresento projeto nenhum...

— Como vê a crise da Aeronáutica?

— Reação normal de homens dignos e honrados à indignidade e à desonra dos que têm a pretensão de comandá-los.

— E o general Lott? Que acha dos seus últimos pronunciamentos?

(Continua na pág. 10)



O cientista francês Boyer de Belfever, em companhia do prof. Mauricio de Medeiros, numa fase da entrevista realizada na ABI.

A VERDADE SÔBRE A GELÉIA REAL DE ABELHAS

HÁ POUCO MAIS de um ano o Brasil recebia a visita do cientista francês Boyer de Belfever, o descobridor da estabilização da geléia real de abelhas e lançador no mercado mundial do produto denominado Apisérum. Desde então, o uso desse conhecido agente terapêutico da nutrição intensificou-se extraordinariamente, daí resultando o aparecimento de uma concorrência as mais das vezes desabrida e mesmo inescrupulosa, o que fatalmente acabaria por lançar a confusão e generalizar a des-

confiança em torno de uma das mais interessantes conquistas de ciência, comprovadamente benéfica à humanidade. Os abusos cometidos iam da pilhéria à má fé, da intrujice à simulação grosseira.

Neste ponto, retorna ao nosso convívio o sr. Boyer de Belfever, que, em excursão pelos países sul-americanos, aproveita o ensejo para um demorado contato com os jornalistas brasileiros, quando ofereceu à imprensa uma série de esclarecimentos

sobre a geléia real de abelhas, durante um coquetel realizado no terraço da A.B.I., com a presença da quase totalidade dos jornais e revistas da Capital. Numa palestra informal, porém longa e minuciosa, aludiu de início ao desconhecimento do problema, o que faz surgir, vez por outra, certas campanhas de descrédito.

A propósito, vamos reproduzir para os nossos leitores os principais informes que nos prestou o sr. de Belfever. Inicialmente

esclareceu que a produção mundial de geléia real está no nível do consumo que tem o produto (verdadeiro) estabilizado, como é o caso do Apisérum. Somente a França produz 500 quilos daquela substância anualmente, podendo fazê-lo, porém, em quantidade três vezes maior. Modernos métodos de colheita permitem obter, em média, duzentas gramas de geléia por ano e por colmeia, na França e em todos os países onde são aplicados.

Adiante, disse-nos o sr. de Belfever que a ação terapêutica da geléia real de abelhas está fartamente comprovada. Importantes trabalhos sobre o poderoso tônico têm sido realizados em diversos países. Na Alemanha, ultimamente, o dr. Boegler fez experiências em animais relativamente à ação da geléia real sobre a glândula supra-renal, demonstrando que doses infinitesimais bastavam para obter, "in vivo", a congestão dessa glândula, ação constatada pelos cortes histológicos. O professor Butenand, prêmio Nobel de Bioquímica, estudando a composição da geléia real, descobriu uma substância, ainda desconhecida, próxima da desoxirubonucleína, a que atribui grande importância. Na França, sábios de renome indiscutível, como Mme. Randoin, realizaram inúmeros trabalhos, inclusive quanto à influência da geléia real na fixação do cálcio e do fósforo. Nos hospitais da França e da Inglaterra trabalhos clínicos e bioquímicos de grande significação demonstraram o valor da geléia real na normalização das funções hepáticas e

como substância altamente anabolizante e energética.

O sr. Boyer de Belfever desmentiu, categoricamente, que substâncias polivitamínicas possam substituir vantajosamente a geléia real, como alguns afirmam. Embora conhecida em 97% a sua composição, a síntese obtida com os elementos correspondentes resultou num fracasso total do ponto de vista terapêutico. Isto porque faltaram os 3% desconhecidos entre os componentes da geléia real, e que não podem ser substituídos. É esta a razão pela qual o elemento natural — a geléia real de abelhas — não encontra substituto em nenhum outro produto, qualquer que seja o seu valor.

O sr. de Belfever esclareceu que a geléia real é conhecida desde séculos, porque sempre existiu. Mas, sendo uma substância eminentemente lábil, não podia ser empregada em benefício do homem, pois não vive mais do que três dias. No entanto, seu uso está perfeitamente assegurado mediante a técnica de estabilização conseguida por Belfever em 1952, após oito anos de experiências. Adiantou o cientista que o público deve estar atento ao fato de que muitos produtos à base de geléia real alardeiam técnicas de estabilização verdadeiramente fantasistas. Este é um aspecto fundamental, eis que a estabilidade da poderosa substância, tal como foi conseguida por Boyer de Belfever e é adotada no conhecido produto Apisérum, constitui elemento de capital importância para sua utilização pelo homem.



Outra vista da movimentada palestra. Diversos grupos discutiram o assunto.

Ao término de sua demorada palestra com os jornalistas, durante a qual exibiu vários gráficos e fotografias sobre o momentoso assunto, disse o sr. de Belfever: "A geléia real não produz milagres e por isso não deve ser cercada de lendas. É, hoje em dia, uma substância conhecida, com valor certo e importante como parte que é da terapêutica, único e insubstituível. E a prova está em que Apisérum, desde 1954, acha-se licenciado, como produto farmacêutico, no Departamento de Saúde da França."



Entre drinks e salgadinhos, o sr. de Belfever fazia demonstrações fartamente ilustradas sobre a produção da geléia real.



O prof. Maurício de Medeiros assistiu ao encontro de Belfever com a imprensa. Na foto, palestra com o cientista francês.

Usando REGULADOR GESTEIRA



A Senhora também poderá **SORRIR**
todos os dias do mês!

REGULADOR GESTEIRA

é um remédio extraordinariamente eficaz no
tratamento das menstruações dolorosas e outros
distúrbios funcionais dos órgãos femininos.

LEIAM

EU SEI TUDO

★ CONTOS

★ HISTÓRIAS

★ ROMANCES

★ CIÊNCIA

★ POLÍTICA, ETC.

Cr\$ 15,00

CARLOS LACERDA

(Continuação da pág. 7)

— Estou convencido de que ele precisa se tratar. Gostaria de indicar-lhe um médico de toda confiança. Os sintomas são alarmantes.

— Tem soluções para os problemas do Nordeste?

— Panacéias, não. Soluções, sim.

— Acha que há muitos mineiros no Governo?

— Não. Só há um que é demais. Esse tem mania de falar que foi telegrafista. Só não conta que não foi dedilhando o Morse que subiu na vida e sim com outra especialidade e outro aparelho.

— Qual a sua opinião sobre o discurso de Schmidt no Comitê dos 21?

— Quem manda levarem o Schmidt a uma coisa séria? A única coisa que o Schmidt faz bem, é intriga. Já fez poesia, também. Mas, declarou-a morta — para ver se o faziam inventariante dos outros poetas. Li o seu discurso na íntegra. Não é dele. É espantoso. O homem faz discursos para o Juscelino; na hora de fazer o seu, lê o de outro. É um discurso pedante, pretensioso que deve ter causado muito riso em alguns — e bocejos em outros. Falou demais e só disse uma coisa: que se os Estados Unidos não lhe derem dinheiro o Brasil se entregará à Rússia.

— É favorável ao reatamento de relações comerciais com a URSS e a China?

— Sim, tão logo não possa a quinta-coluna russa no Brasil pertencer ao serviço público civil e militar.

— Vai à missa aos domingos?

— Vou quase sempre. E quero ir sempre.

— Como líder da UDN você tem tempo para as diversões?

— Graças a Deus sou como toda gente: preciso me divertir para poder levar a vida a sério.

— Gosta de teatro? Cinema? Lê muito?

— Sim, mas no Brasil vou pouco. O cinema descansa, o teatro excita. O teatro é muito mais inteligente do que o cinema, por causa da voz e da presença dos atores. Leio muito menos do que devia.

— A oposição aceitaria reforçar a base civil do Presidente Juscelino para evitar um golpe militar?

— Que base?

— Se você pudesse teria dado o golpe em novembro de 55?

— Eu pregava a necessidade de adiar por uns poucos meses a eleição para fazer a reforma eleitoral e umas quantas reformas necessárias à desintoxicação do Brasil após tão longo domínio ditatorial e oligárquico. Isto eu faria, se tivesse dependido de mim.

— Por que não deu?

— Não chame de "golpe" o que era o complemento necessário dos movimentos de democratização do Brasil, desde 5 de julho de 1922 a 24 de agosto de 1954. Os líderes não quiseram liderar, por incompreensão e medo da responsabilidade.

— Como divide o seu tempo?

— Multiplicando-o.

— Torcerá pela vitória dos democratas nas eleições presidenciais dos EUA?

— Não sei. Lá, como aqui, há democratas e democratas.

— O que acha da Operação Pan-americana?

— É a mais longa história de "facadista" que já ouvi contar. É uma "fachada" internacional. Mas, no fundo, não difere da do sujeito que conta que precisa do dinheiro para dar de comer aos filhinhos — e se contenta sempre com muito menos porque só quer o necessário para continuar a beber. É pena que se estrague assim uma idéia política, uma aliança e uma Nação.

— Acha que já cumpriu o seu dever para com o país?

— Ainda não. Só se acaba de cumpri-lo quando não se tem mais força para viver. Desculpe a "tirada" mas é exatamente assim que eu penso. Como aquele Nathan Hale que lamentou só ter uma vida para o seu país. Não sei bem se isto é patriotismo ou gratidão a Deus pelo bem da vida — boa demais para ser desperdiçada. Eu gostaria de não fazer nada — mas a vida, assim, passa depressa demais.

— Você fez as pazes com Armando Falcão?

— Quem é? Refere-se ao líder da Maioria? Ele julgou necessário falar comigo sobre matéria de interesse público. Nessa matéria, não tenho porque não falar. Quanto ao homem Armando Falcão, portou-se como um pobre diabo. Não lhe guardo rancor. Mas, acredito que se sinta envergonhado.

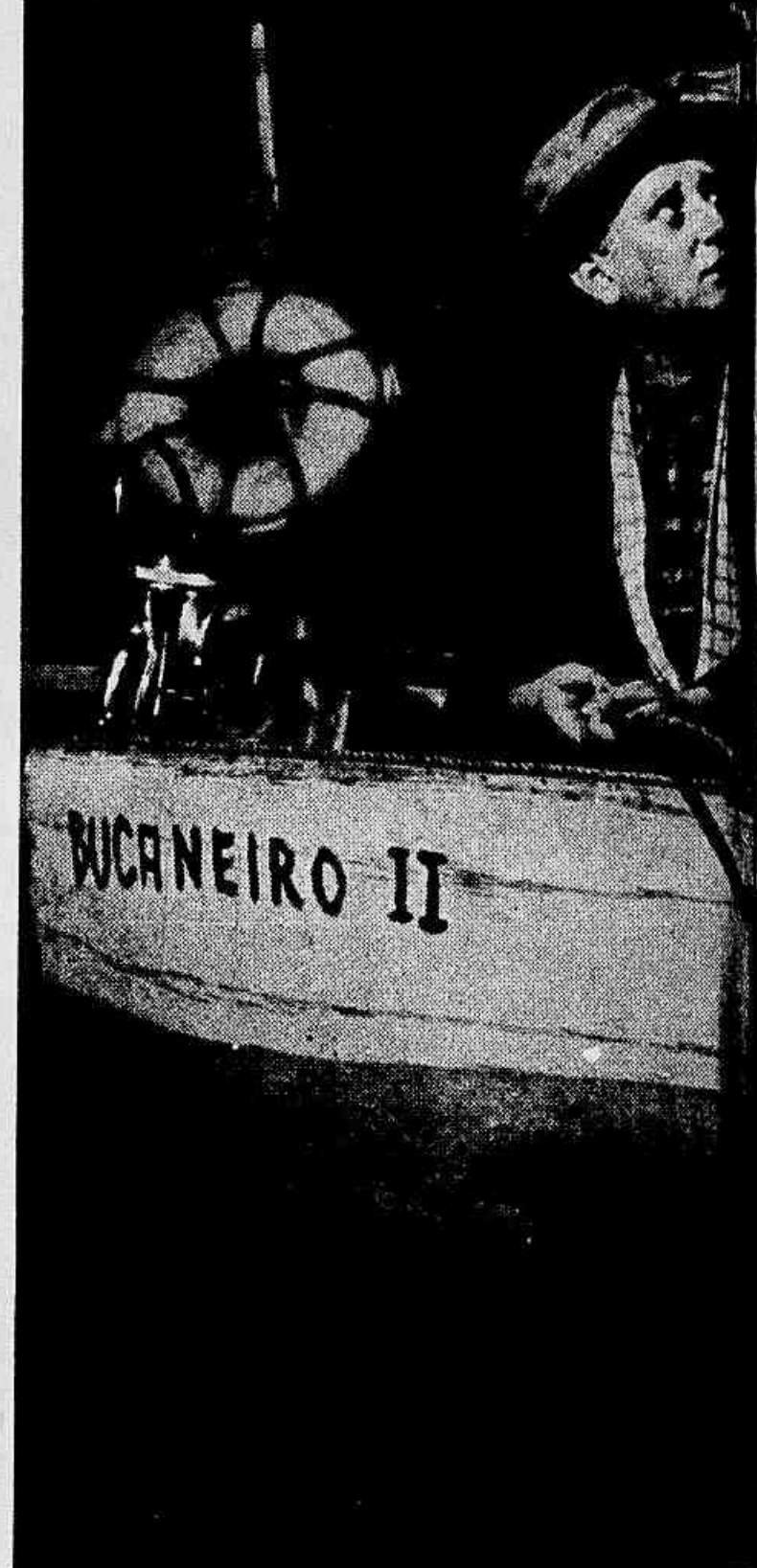
TEATRO

A FÁBULA DE BROOKLIN



Zélia Guimarães faz Angelina Espósito, a exuberante romana que tenta conquistar o tímido grego Anagos (Fábio Sabag).

O NOVO SUCESSO DO “TEATRO DA PRAÇA”



Nesta fábula moderna, é Harold Goff (Oswaldo Loureiro) o lobo

UMA BELA PEÇA, a escolhida pelo Teatro da Praça, em Copacabana, para dar prosseguimento às suas atividades no presente ano: "A Fábula de Brooklin" (Gentle People), do americano Irving Shaw. Embora seja um trabalho representado pela primeira vez há vinte anos e se sinta nêlo um certo esquematismo, não perdeu sua beleza e a segura direção de Geraldo Queiroz conseguiu transmitir tôda a sua eloqüente carga de emoção, tornando-o um espetáculo que se assiste com uma ternura comovida. Aquela melancólica história de uma bonita jovem, confinada no ambiente estreito de Brooklin, que se apega ao primeiro homem que lhe acena com uma vida de riqueza e viagens, embora a realização dêsse sonho de sua vida implique em tôda uma série de pequenas tragédias, é uma peça comovente, que a Revista tem o orgulho de recomendar aos seus leitores.

12 — REVISTA DA SEMANA

A equipe de jovens do "Teatro da Praça" foi outro importante elemento com que se contou para fazer dêsse espetáculo uma das melhores coisas que o Rio está tendo oportunidade de ver neste fim de ano: meia dúzia de atores de primeira classe — Fábio Sabag, Isolda de Souza, Roberto de Cleto, Marita Passos, Zélia Guimarães, Emílio de Matos — liderados por êsse magnífico Cláudio Correia e Castro, irrepreensível no papel do velho e aparente bonachão Jonas Goodman.

A propósito dessa peça, assim se expressou o seu tradutor brasileiro Millor Fernandes — o grande humorista Vão Gogo: "Gentle People" é, segundo o próprio autor, uma fábula. Uma fábula citadina, urbana, mas nem por isso menos povoada de lobos do que tantas fábulas florestais. Esta mostra a ferocidade terrível dos pacatos e a santa ingenuidade dos ferozes. Dois dos perso-



mau que transtorna a vida da pacata família Goodman

nagens principais, como a história virá demonstrá-lo, são terríveis assassinos que (pena!) começaram um pouco tarde. O terceiro personagem principal, tendo o mesmo objetivo dos outros (o que os americanos denominam "the pursuit of happiness"), definiu-se, porém, mais cedo, e mais violentamente em seus intuitos. Em busca de sua exclusiva e individualíssima felicidade, intimida, corrompe, rouba, espanca, mata. E, por isso, desperta, naturalmente, a inveja e ódio dos outros; primeiro porque gostariam de ser como ele é e não conseguem; segundo porque não sendo tosquidadores, só lhes resta ser tosquidados. O que é chato e humilhante.

Mas não se assustem com essas complicações que a peça é muito engraçada e vocês vão morrer de rir; uma graça de corvo de Põe, se quiserem pois Irving Shaw não parece ter vindo ao mundo

para fazer ninguém rir digestivamente. Nem eu, por falar nisso. Mas uma graça.

É fábula, dizia o autor, e vai desenvolvendo a história num plot simples, como nas fábulas. E, para os que apreciam os fins felizes, há, está visto, um happy end. Mas não se aborreçam os que preferem a crua verdade: o happy end é falso. O personagem concretizou uma ação para que nada o indicava. E, assim, o Mal, embora morto, pesa-lhe no coração... sob o sol de Cuba. Isso para os metafísicos. Agora para os materialistas o importante é que algo aconteceu, um ser humano tomou uma decisão, impôs ao Destino."

Moral da fábula — termina o humorista: Se você não consegue realizar seus sonhos, procure ao menos realizar seus pesadelos.

UDN + PSD = JURACY

PANELA VASIA

POPULISTAS: LOTT OU JANGO

NOS BASTIDORES APARECE JURACY. Com grande antecipação, o nome do Sr. Juracy Magalhães apareceu nas cogitações de bastidores, esta semana, para candidato à sucessão presidencial com base num acôrdo UDN-PSD. Motivos: PSD não tem um nome suficientemente "leve". UDN acha que vence a eleição de 1960. E seu candidato natural é o presidente do partido.

NA RIBALTA APARECE JÂNIO. O motivo estratégico é ganharem juntos (para não perderem separados) os dois grandes partidos conservadores do país. O motivo tático é o aparecimento do Sr. Jânio Quadros na ribalta, pretendendo, desde logo, carregar tôdas as glórias do espetáculo da sucessão do Sr. Juscelino Kubitschek.

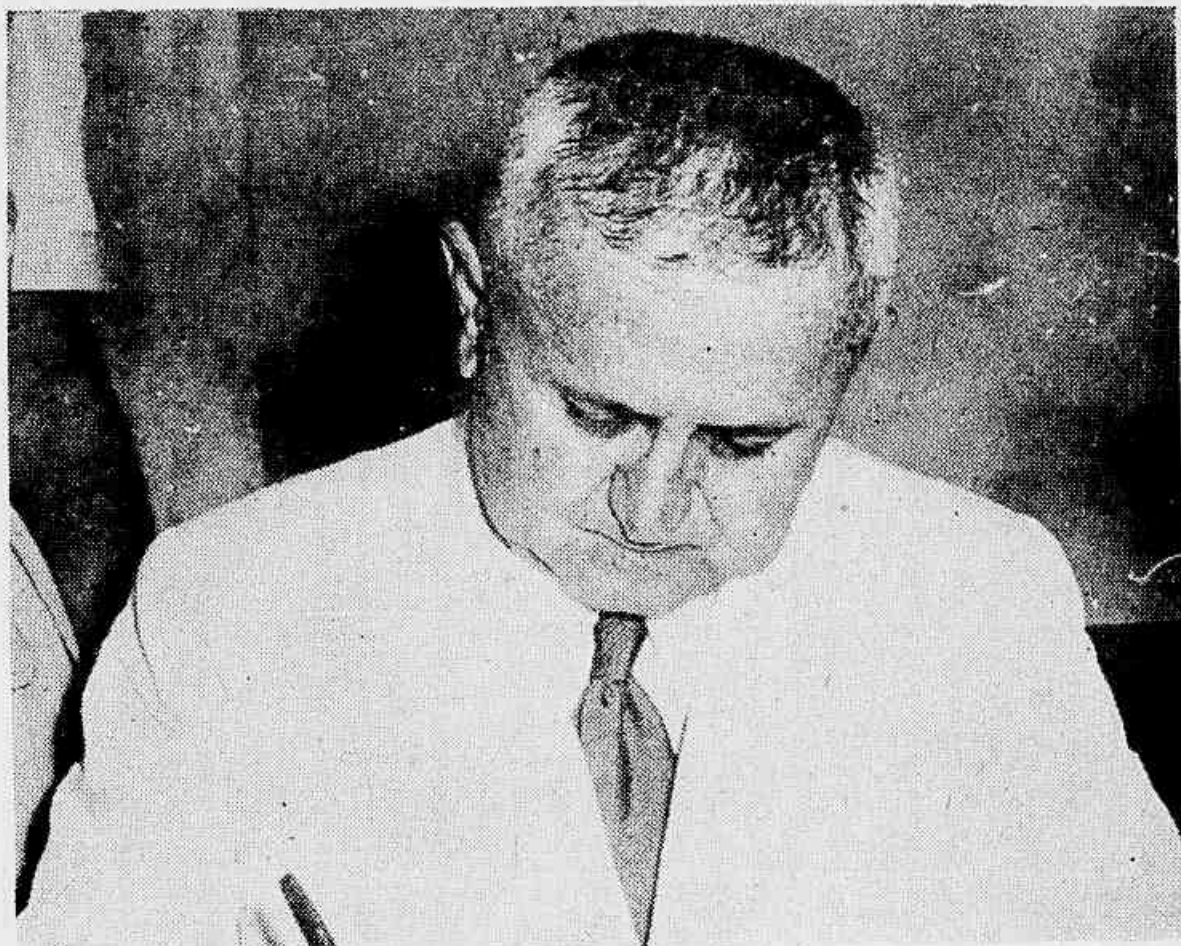
NAS RUAS APARECE A PANELA VASIA. Circunstancialmente, aparece também, desde já, nas ruas, a grande eleitora de 1960: a panela vasia. Não será mais aquela panela vasia que surgiu, em S. Paulo, há alguns anos, pintada de vermelho. Mas outra, incolor e fria pela falta de uso nos lares. Ela esteve estes dias, (novamente) em São Paulo, em Pôrto Alegre, em Garanhuns, no Recife, em Belo Horizonte, em Florianópolis, em Santos, em Fortaleza. É uma eleitora desesperada. E faminta.

NOS POPULISTAS APARECE A DÚVIDA. No eleitorado definido como populista, surgiu a dúvida sobre o nome preferido: Lott ou Jango? O Ministro da Guerra entrou agora num período desfavorável ao seu signo político. Mas tem a estrêla inesperada que lhe deu o 11 de Novembro.

O presidente do PTB (que se prepara a fim de deixar o Governo) espera crescer na Oposição e ser o grande favorito das massas em 1960.

NO SAUDISISMO APARECE DUTRA — Proveniente de uma área de saudade, apareceu o nome do General (hoje Marechal) Eurico Gaspar Dutra. Seria o candidato para unir PSD e UDN. Assim pensam os que relembram os tempos de há dez anos. O surgimento do Marechal já se considera uma indicação de como o PSD está necessitado de nomes para concorrer.

NO CATETE APARECE A INDAGAÇÃO. Enquanto isso, no Catete, começou a indagação minuciosa do fenômeno político. O Presidente acha que não está suficientemente informado. Quer saber de tudo. Para isso organizou o GAP (Grupo de Ação Política) que funcionará como esculca e relaguarda da ação política do Governo muito mais dêste do que do PSD. O Governo quer saber: antes que seja tarde demais para aprender.



Dutra.



Jânio.



COM O VOTO DOS MARÍTIMOS

QUANDO SE ABRIRAM as urnas e começaram as desilusões no PTB carioca, verificou-se que o nome de Waldyr Simões estava na linha de vanguarda dos candidatos a deputado. Hoje, o ex-presidente do Instituto dos Marítimos está eleito. Foi maciçamente votado pelos que trabalham no mar e suas famílias. Os homens votaram porque confiam em que Waldyr seja um intransigente defensor dos seus interesses, especialmente no momento em que a remuneração e vantagens concedidas aos marítimos são controvertidas e se a classe não tiver firme orientação pode perder. As mulheres votaram porque Waldyr, no IPM, foi um dirigente preocupado com o bem estar dos filhos e das esposas dos trabalhadores do mar.

LINHA DE FRENTE DA OPA

A OPA VAI DE VENTO EM POPA. E' o que diz o Itamarati (onde o hábito do Sr. Francisco Negrão de Lima de não deixar de falar nunca à imprensa está mudando os costumes da Casa e, agora, já se fala francamente sobre a política exterior brasileira). O México (que era o principal opositor da Operação Pan-Americana) já manifestou seu integral apoio à atitude assumida pelo Brasil, achando que é preciso formular, mesmo, uma política de combate ao sub-desenvolvimento em termos práticos e urgentes; a Argentina apoia (através de D. César Barros Hurtado, superestimado Embaixador de Frondizi em Washington); Chile apoia, Paraguai, Bolívia, Guatemala estão entusiasmados.

Esta é a linha de frente da OPA. Ao centro, Negrão de Lima (Chanceler) e Augusto Frederico Schmidt (Delegado no "Comité das 21 Repúblicas"). Ladeiam: à esquerda, Secretário Sousa e Silva, Ministro Araújo Castro (Chefe do Departamento Político do Itamarati), Secretário Armando Mascarenhas (Sub-Chefe do Gabinete da Chancelaria); à direita: Secretário Mozart Valente e Ministro Henrique Vale, (Encarregado de Negócios da Embaixada nos Estados Unidos). Nessa noite (24 de Setembro) quando a OPA atravessou a maior prova, estavam todos esperançosos, no alto do terraço da Embaixada brasileira em Washington.



NÃO DESANIMA

O CAFÉ VAI MAL, porém Teófilo de Andrade não desanima e, todos os dias, há vinte e cinco anos, se debruça sobre o produto que é o sangue do Brasil e descobre sintomas de novos males, aponta novos caminhos. De uma lado, a concorrência dos países latino-americanos. A crescer cada vez mais. De outro, os financiamentos dos americanos às plantações coloniais na África. A crescer cada vez mais. Pela frente, o Mercado Comum Europeu, com as preferências para o produto de suas colônias. Cada vez maiores.

Teófilo de Andrade, entretanto, não desiste. Por isso, todos os que lutam ou se interessam pelo café no Brasil, não podendo homenagear o próprio vafé, homenagearam Teófilo pelo seu jubiléu caféiro, jubiléu realmente "sui generis", que se espera seja repetido por outros Teófilos, em outras gerações, se a política brasileira do café não desanimar, de saída, os Teófilos e o próprio café.



"FESTA DO BOMFIM"

ZORA SELJEAN AUTOGRAFOU



Zora Seljean, quando autografava, para Rosângela Maldonado, um exemplar de "Festa do Bomfim".

NA SÃO JOSÉ



Da esquerda para a direita: Valdemar Cavalcanti, Jorge Amado, Zora Seljean e Alina Paim.

Zora Seljean ao lado de seu marido — o poeta Antônio Olintho, e Ivone Jean — jornalista.

— COMECEI A INTERESSAR-ME por teatro desde a infância, através dos teatros de bonecos, de que eu era grande apaixonada. Quanto ao interesse pela Bahia, expresso nas minhas peças — ele me veio através da leitura dos livros de Jorge Amado.

São essas as primeiras palavras de Zora Seljean ao repórter, na tarde de 28 de novembro, quando autografou, na livraria São José, o seu segundo livro de peças teatrais — “Senhor do Bonfim”. Palavras ditas nos pequenos intervalos entre as “autografagens”, e logo interrompidas pelos escritores, leitores e amigos da autora, que se estendiam na longa fila, aos fundos da livraria Carlos Ribeiro.

Zora Seljean, mineira, da mineiríssima Ouro Preto, já tem vários livros publicados, o primeiro deles — “Eu vi as Democracias Populares”, publicado em 1951. Depois de incursionar na literatura infantil, com o “Livro de Fuzilico” e “João Minhoca”, apresentou, em princípios do ano, “Três Mulheres de Xangô”, que foi, realmente, o livro que a lançou no panorama literário. Entusiasmada com a literatura de Jorge Amado, depois com os livros de Edson Carneiro, Zora aprofundara-se no estudo dos cultos afro-brasileiros. Viajara, depois, por todo o Brasil, estudando os “Terreiros”. Havia ela compreendido o grande e inexplorado mundo que havia ali, para a arte dramática, e até então apenas aproveitado através das danças, apresentadas pelos conjuntos folclóricos. Foi, disso tudo, que nasceu a sua idéia de fazer teatro, nele incluindo, à guisa de enredo, as lendas afro-brasileiras.

E a tarefa foi bem sucedida. Seu primeiro livro — “Mulheres

de Xangô” — teve expressiva acolhida. Nomes como Henrique Pongetti, Brito Broca, Luís da Câmara Cascudo, Raul Lima, Paschoal Carlos Magno sobre ele se pronunciaram, entusiasmados. Depoimentos importantes, como, por exemplo, o de Cascudo — uma das nossas maiores autoridades em folclore: “Esse livro não se lê — assiste-se”, escreveu ele; “acabei de assistir à evocação das ações prodigiosas dos orixás, à gesta sonora e mímica de suas aventuras no tempo.”

Antes desta festa, no Rio, fôra feito o lançamento do livro na própria Bahia, para onde fôra organizada uma caravana de escritores residentes no Rio, entre eles — Jorge Amado, Eneida, Valdemar Cavalcanti, José Condé, Antônio Olintho, Maurítônio Meira. E, na própria terra das macumbas foi Zora carinhosamente recebida pela mãe de Santo — Senhora, que fêz, no candomblé onde se efetuou o lançamento, uma casa para ela se hospedar com o marido, o poeta Antônio Olintho — suprema honra que só a muito poucos tem sido dada. O que vem provar que a literatura de Zora não é uma literatura apenas para intelectuais. Ela tem ressonância no povo, na própria alma daqueles que conservam a tradição desse grande manancial folclórico que nos veio da África.

“Oxum Abalê”, uma das peças incluídas em “Três Mulheres de Xangô”, foi incluída no repertório da companhia de Maria Della Costa. Quanto a este “Festa do Bonfim”, menção honrosa no Concurso Orlando Dantas de 1957, do “Diário de Notícias” — será encenada, em 1959, em grande forma, no Municipal.



PROBLEMA N.º 62 — PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: 1. Seguiam — 4. Fundador do reino da Noruega — 7. Sorria — 8. Cólera — 9. Homem mulherengo, afinado — 11. Pedra do altar — 12. Símbolo químico da prata — 13. Batráquio — 15. Liga — 18. Velhas; que existiram no passado — 21. Sadio — 22. Larva que se desenvolve em feridas de animais — 23. Contração plural — 24. Gemidos.

VERTICAIS: 1. Feminino de irmão — 2. Camareira — 3. Adeptos do maragatismo — 4. País da América Central — 5. Reza — 6. Pouco profundo — 10. Andar — 14. Moradia — 16. Variação pronominal de tu — 17. Membros empenhados das aves — 19. Negação — 20. Nome de homem.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS N.º 62

PARA VETERANOS

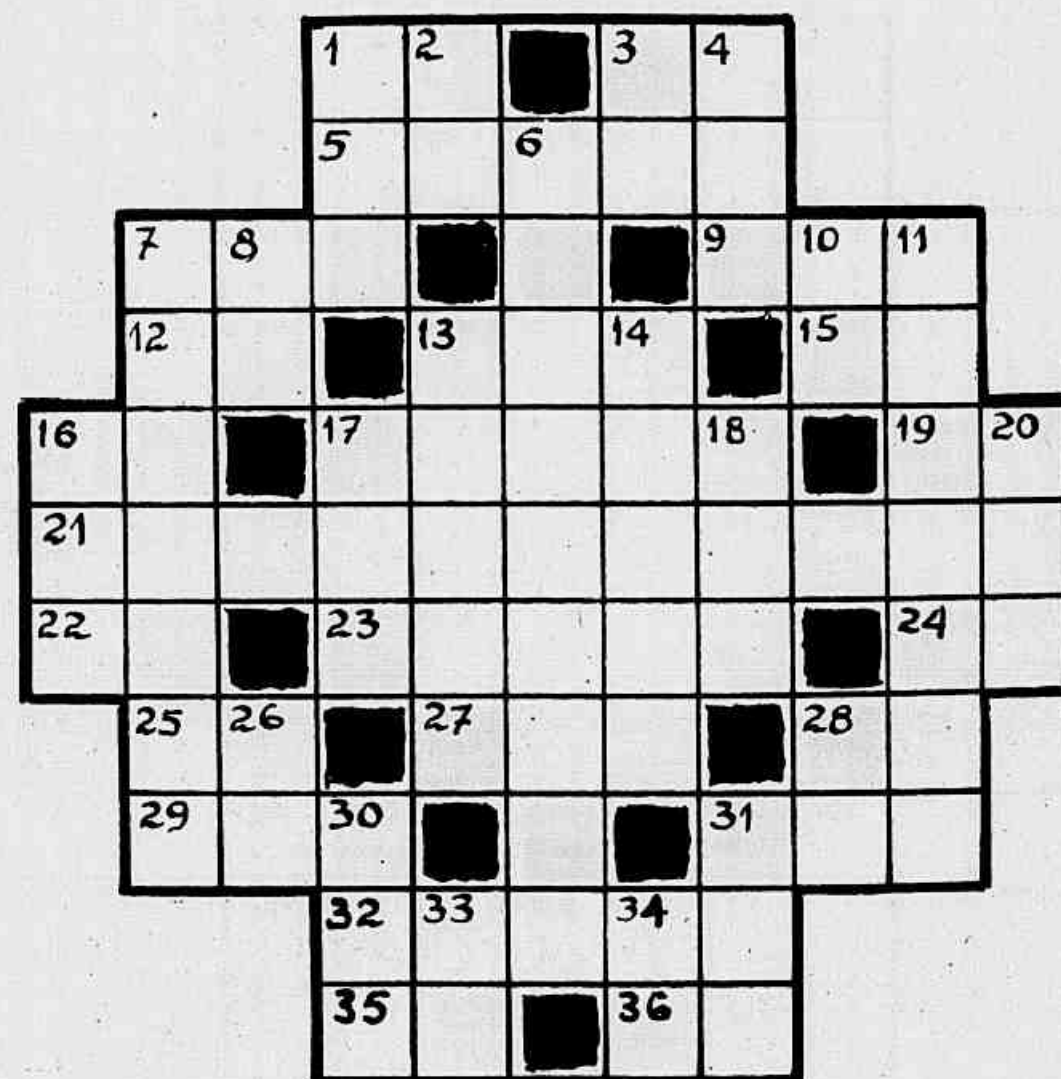
HORIZONTAIS: aa — Br — ombrear — fra — mor — macrosticos — aba — uga — ala — ur — arara — ab — Lia — ata — ini — aclimamento — Aar — ate — rataplã — si — ah.

VERTICAIS: amar — ab — bé — rami — orca — resgatara — roca — fábrica — rolante — maula — ouram — taram — sábio — alar — intã — iras — ealh — ti — pá.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — al — pá — arara — ama — ora — tâmaras — Ari — arredar — sai — aro — lassa — má — Sé.

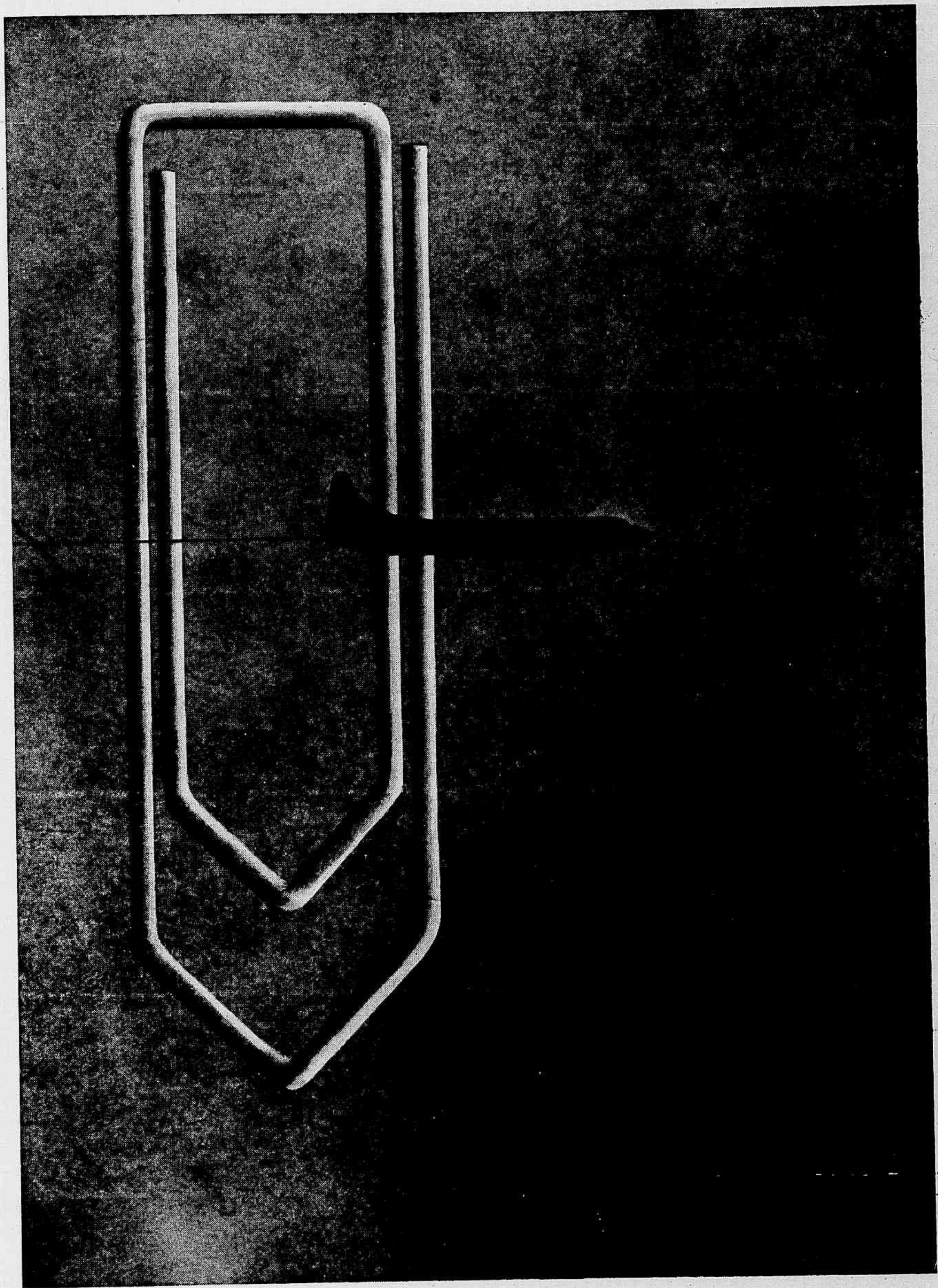
VERTICAIS: lama — cá — Pará — ramaria — róridas — atlas — astro — are — rala — aras — só.



PROBLEMA N.º 62 — PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: 1. Prefixo que traz a idéia de ponta, direção — 3. Nome da 10.ª letra do alfabeto árabe — 5. Homem rico (plural) — 7. Assentada — 9. Nome que os japoneses dão aos religiosos budistas — 12. Desataviado — 13. Pessoa pouco sociável — 15. Invocação mística dos hindus — 16. Nota musical — 17. Árvore leguminosa do Brasil (pl.) — 19. Feições — 21. Terminante — 22. Nota musical — 23. Fatias — 24. Símbolo químico do nióbio — 25. Nome da 6.ª letra do alfabeto russo — 27. Ilha do Danúbio, na Hungria — 28. Símbolo químico do metal de peso atômico 22,997 — 29. Pólo austral — 31. A jarda inglesa na China (pl.) — 32. Pescada amarela — 35. Medida itinerária no Japão, equivalente a um quilômetro — 26. Coisa diversa.

VERTICAIS: 1. Beira — 2. Dêste lado — 3. Variedade de melão — 4. Ala — 6. Ferida agravada — 7. Materiais — 8. Idioma africano — 10. Aglomeração — 11. Colhes as velas — 13. Sujeitos — 14. Escolher, separando o bom do mau — 16. Em alto grau — 17. Unidade acústica — 18. Povoação da Espanha, província de Saragoça — 20. Xarope — 26. Aprêço que nos é pessoal — 28. Loureiro do Japão — 30. O seio da família — 31. Raiva — 33. Escarnece — 34. Basta!







Sophia Loren e Burl Ives, numa cena de "Desejo". Delbert Mann foi o diretor.

Eugene O'Neill + Sophia Loren =

DESEJO

A PARTIR DA ESTREIA na Broadway, há cerca de dois anos, de "Long Day's Journey Into Night", a peça autobiográfica de Eugene O'Neill, verificou-se nos Estados Unidos uma onda de interesse — uma onda nova — em torno do grande teatrólogo falecido em 1953, em Boston, aos 65 anos de idade. A última peça encenada durante a vida do autor foi "The Iceman Cometh", em 1946. Das 65 que escreveu nas últimas quatro décadas, nem todas foram montadas — ou melhor, 42 o foram. Com eles, O'Neill ganhou quatro vezes o prêmio Pulitzer e, em triunfo maior, também o prêmio Nobel.

O cinema, que se baseou algumas vezes na obra de O'Neill, porém raramente a aproveitou como devia, não ficou alheio ao

movimento provocado pela representação póstuma de "Long Day's Journey Into Night" (que até no Brasil já foi encenada, naturalmente com vários cortes). A Paramount interessou-se pela filmagem de "Desire Under the Elms", escolhendo uma das mais populares do autor, também uma das mais fortes e, artisticamente, mais válidas.

OS FILMES COM O'NEILL

Até então, haviam sido transportadas à tela as seguintes obras de O'Neill: "Anna Christie" (duas vezes, a primeira com Blanche Sweet, a segunda, falada, com Greta Garbo), "Strange Interlude"



(com Norma Shearer e Clark Gable, em versão muito simplificada), "Emperor Jones" (com Paul Robeson), "Ah, Wilderness" (com Wallace Beery, Lionel Barrymore, Mickey Rooney, a primeira vez, e com o título de "Summer Holliday", em versão musicada, que a mesma MGM produziu treze anos depois, em 1948), "The Long Voyage Home" (1940, com John Wayne, Thomas Mitchell, Ian Hunter), "The Hairy Ape" (com Susan Hayward e William Bendix) e, em ambiciosa produção de Dudley Nichols, "Mourning Becomes Electra", com Rosalind Russell, Michael Redgrave, Leo Genn, Raymond Massey, Katina Paxinou, em 1948.

De todos os filmes extraídos de O'Neill só um é, do ponto de vista cinematográfico, extraordinário: "The Long Voyage Home" (A Longa Viagem de Volta), admirável fusão dos elementos dispersos em quatro peças em um ato, as **S.S. Glencairn plays**, que Dudley Nichols adaptou e John Ford, o grande cineasta, realizou com grandes aplausos da crítica e dos intelectuais do mundo inteiro, mas sem um êxito de bilheteria à altura da grandeza da fita.

Poucos, aliás — e sempre por motivos alheios a O'Neill — foram os filmes extraídos dessas peças que conseguiram impor-se ao chamado grande público. Por isso, a fama de "maldito" (no

sentido que se dá no cinema a esta palavra) veio logo e são inúmeras, assim, as peças do maior teatrólogo americano que ainda esperam o dia de ser filmadas. Por isso, também, o chefe da produção da Paramount, Don Hartman, revelou uma certa dose de audácia ao decidir transformar em filme (e com orçamento de superprodução) "Desire Under the Elms".

O DESEJO DE SOPHIA

O filme já foi exibido no Festival de Cannes e já foi lançado comercialmente nos Estados Unidos. Nos papéis centrais, estão Sophia Loren, Burl Ives e Anthony Perkins. A adaptação ficou a cargo do escritor Irwin Shaw (autor de "The Young Lions", entre outras novelas de sucesso) e, como diretor, funcionou o jovem Delbert Mann, laureado pela Academia com seu filme de estréia, o superpremiado **Marty**. No Brasil, a Paramount encurtou o título para **Desejo**, seguindo, aliás, o exemplo da companhia teatral que, há vários anos, encenou aqui a peça, num dos primeiros triunfos de Maria Della Costa.



HOLLYWOOD VOLTA

A PROCURAR INSPIRAÇÃO NO MAIOR

TEATRÓLOGO AMERICANO:

"DESIRE UNDER THE ELMS",

UMA DAS GRANDES

PEÇAS DE O'NEILL, AGORA EM

VERSÃO CINEMATOGRAFICA,

COM SOPHIA LOREN,

BURL IVES E ANTHONY PERKINS.

Na tela, o papel de Anna ficou com Sophia Loren. E a atriz italiana, agora monopolizada por Hollywood, está entre Burl Ives, o velho Ephraim que se casa com ela, levando-a, todo-poderoso, para a sua fazenda na Nova Inglaterra, e Anthony Perkins, o jovem Eben, o filho que odeia o autoritarismo paterno e o único (êle é o mais moço dos três filhos de Ephraim) que permanece na fazenda, já com a idéia de dominá-la, quando o pai chega com a nova (a terceira) mulher. Lentamente começa a configurar-se a tragédia. Como Eben, também Anna ambiciona a propriedade e, sabendo que Ephraim desejava mais do que tudo um filho (mas já estava, talvez, muito velho para essa nova paternidade), ela séduz Eben e torna-se grávida ante a alegria do marido, que pensa que o filho é dêle.

O amor se intromete na ambição, para atrapalhar tudo. Conhecendo o primitivo plano de Anna, Eben a repele agora. A mulher mata o filho, o amante chama o sheriff, o velho Ephraim, sabedor do que se passou, explode como um urso ferido. E, ferido ou não, fica só no final, quando Eben, compreendendo que ama a mulher do pai, insiste em ser tomado como seu cúmplice perante a lei.

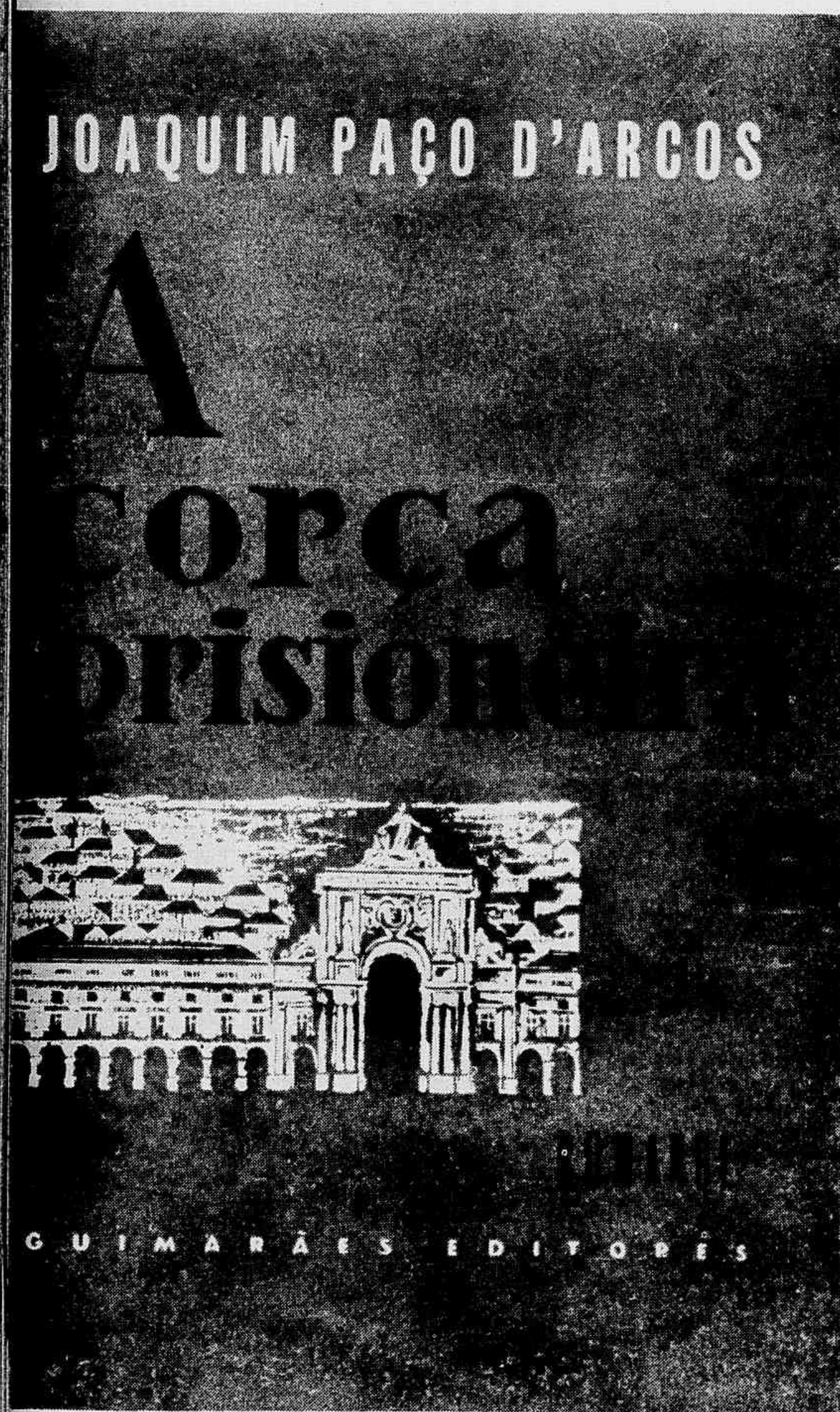
Único dono de sua fazenda, na última cena de *Desejo*, Ephraim levanta, quase num desafio, a cabeça para o céu.

SOPHIA ENTRE PAI E FILHO

Sophia Loren, que já deixou de ser apenas uma italiana com a beleza em grande gala, hoje é uma atriz, sem ter perdido nada de seu *sex-appeal* extraordinário. A sua escolha para heroína de O'Neill, embora audaciosa, é exata. Os críticos teatrais não esquecem o ator que, em 1924, ano da estréia de "Desire Under the Elms", criou o papel de Ephraim — o grande Walter Huston. Mas mesmo alguns desses críticos, ou seus seguidores, aceitam plenamente o Ephraim de Burl Ives. Este, diga-se de passagem, passou de simples cantor de baladas a ator de primeira turma na Broadway, onde tem feito Tennessee Williams, e em Hollywood, onde faz O'Neill agora. O terceiro personagem central, Eben, o novo Édipo, estaria melhor, provavelmente, se outro ator estivesse no lugar de Anthony Perkins. Ainda no elenco de *Desejo*: Frank Overton, Pernell Roberts, Rebecca Welles (a filha de Orson e Rita), Jean Willes, Anne Seymour e Roy Fant.

- NUNCA ABDIQUEI DE MINHA INDEPENDÊNCIA TO

Lisboa — Via Lufthansa (Da enviada especial da "Revista da Semana" — FERNANDA REIS)



Último livro de Joaquim Paço D'Arcos: "A Corça Prisioneira".

NO BELÍSSIMO PALÁCIO das Necessidades, em Lisboa, onde está instalado o Ministério dos Negócios Estrangeiros de Portugal, fomos procurar o dr. Joaquim Paço D'Arcos que ali exerce há muitos anos o importante cargo de Chefe dos Serviços de Imprensa. No seu gabinete, com ampla vista sobre o frondoso Parque do Palácio, a parte ocidental da cidade e a barra do Tejo, encontramos-lo imerso em imensa atividade.

O escritor Joaquim Paço D'Arcos, nasceu em Lisboa em 1908. Estudou em Angola e em Macau, onde seu pai, o comandante Paço D'Arcos era então Governador.

De 1928 a 1930, o futuro escritor foi comerciante e jornalista no Brasil, em São Paulo. Viveu em seguida na França. Nesse país escreveu o seu primeiro romance publicado em Lisboa, em 1933, quando regressou e, desde então, é o Chefe dos Serviços de Imprensa do Ministério dos Negócios Estrangeiros. Tem viajado muitíssimo, com prolongadas estadias em países como a América do Norte, nação que lhe inspirou o seu notável livro "Floresta de Cimento — Claridade e Sombras dos Estados Unidos".

O grande escritor português tem, até à data, vinte e seis obras publicadas no campo do romance, das novelas, do teatro (todas elas representadas antes da sua publicação), do ensaio e da poesia. Seus trabalhos têm sido traduzidos e editados em inúmeros países, devendo a sua Obra Completa ser em breve publicada pelo editor Aguilar, do Rio de Janeiro, na sua categorizada Biblioteca Luso-Brasileira.

É interessante notar que Joaquim Paço D'Arcos mantém uma independência literária absoluta, por entender que a sua missão de escritor a exige totalmente.

— Pode-nos dizer, Paço D'Arcos, por que se fez escritor?

— Suponho que por vocação inata, revelada cedo, nos primeiros exercícios liceais. Foi o antigo, a esse tempo futuro, Patriarca das Índias, D. José da Costa Nunes, meu professor de Português no Liceu de Macau, quem me profetizou, perante umas composições minhas, o destino de escritor. E o destino cumpriu-se.

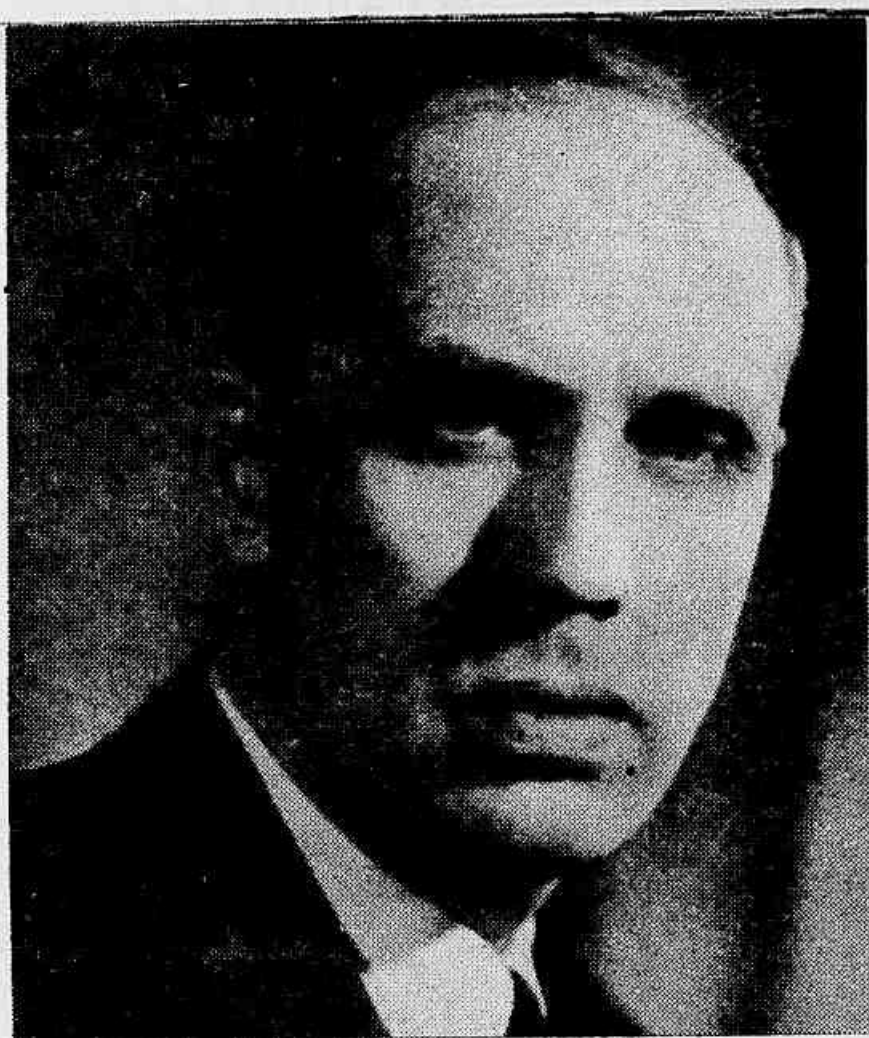
— O ambiente familiar na adolescência foi propício ao desenvolvimento da sua personalidade artística?

— Sem dúvida. Meu avô, o Almirante Conde de Paço D'Arcos, que foi Ministro de Portugal no Brasil no final do século passado, meu pai, o Comandante Corrêa da Silva (Paço D'Arcos), foram escritores. Meu irmão Carlos Eugénio deixou uma grande obra, prematuramente interrompida, de humanista e de pensador; Anrique Paço D'Arcos, grande poeta, é meu irmão muito querido.

— Antes de ocupar este seu posto, de tanto interesse, no Ministério dos Negócios Estrangeiros, que outras atividades exerceu?

— Olhe, minha amiga, tenho sido muita coisa na vida. Fui empregado bancário, num banco inglês. Fui secretário e chefe de gabinete de meu pai, num governo seu na África Portuguesa. Fui sócio duns antiquários no Brasil, em São Paulo, e jornalista na mesma cidade. Tive aí o prazer de ser colaborador de Paulo Duarte, há muitos anos, em 1929-30. Depois adoeci e fui para os Pirineus descansar e escrever o meu primeiro romance. Voltei ao Brasil mais tarde, por poucos meses, como Inspetor da Com-

O TAL, NUNCA TRANSIGI



panhia Nacional de Navegação, onde então trabalhava. Ao mesmo tempo ia abrindo o meu caminho nas letras. Romances, novelas, a primeira peça de teatro... Depois ingressei no Ministério dos Estrangeiros e, embora o meu pôsto seja em Lisboa, êle, ou outras atividades, ou o simples devaneio turístico, têm-me levado a todos os cantos do mundo. Como também sou diretor duma Companhia de Caminho de Ferro em Moçambique, de vez em quando abalo até África, onde passei parte da infância e da mocidade e a que me ligam tantos laços de saudade.

— Entende que a extrema mobilidade e variedade da sua vida foram úteis à sua obra literária.

— Sem dúvida. Não me isolei numa torre de marfim, não me cobri com um falso verniz literário. A minha obra é toda arrancada à realidade, alicerçada na minha experiência, na minha observação e na extraordinária aventura da nossa época, apaixonante e perturbadora.

— Sendo tão variada a gama dos seus interesses literários, tocando tão diversas teclas, romance, novela, teatro, poesia, ensaio, diga-nos qual o gênero que considera o essencial na sua obra?

— É difícil falarmos da nossa própria obra. Todavia se me é permitido uma indicação, considero os seis romances da "Crônica da Vida Portuguesa", que vão desde "Ana Paula" ao mais recente, "A Corça Prisioneira", como a espinha dorsal de minha obra.

— Considera essa "Crônica" terminada?

— Se tiver vida para a prosseguir, espero ainda prolongá-la. Não conto estabelecer-lhe um fim. A Morte se encarregará de lhe pôr termo, quando me derrubar. A Morte ou a fadiga que um dia tocará o escritor. Lembre-se que já dobrei o meio século e que já levo vinte e cinco ou vinte e seis obras publicadas — diz, com um misto de melancolia e de satisfação.

— Não o surpreenderam os ataques recentes ao seu livro "Diário dum Emigrante"?

— Surpreenderam-me e muito. O "Diário dum Emigrante" é um livro muito antigo, publicado em 1936, e que conta só em Lisboa já cinco edições. É o romance dum emigrante que se faz comerciante e não tem vocação para o negócio. Foi o meu caso, em São Paulo, há trinta anos! E porque o comerciante não tinha vocação para o negócio é que saiu escritor, suponho que com mais vantagem para as letras do que para o comércio. Mas não é de forma alguma, nem podia ser, um livro hostil ao Brasil, país a que me ligam laços da maior e melhor camaradagem com os seus escritores, laços da maior admiração e respeito pela grande pátria, irmã da minha. Como português, quase não estabeleço diferença entre Portugal e Brasil no afeto que a um e outro consagro. Felizmente, quando no ano passado, vinte e dois anos depois da sua publicação, me quiseram atacar por causa desse livro, grandes espíritos das letras e da intelectualidade brasileira vieram em minha defesa. E eu próprio tive ocasião de reafirmar os sentimentos profundos e sinceros que me ligam ao Brasil.

— Entende que o intercâmbio cultural luso-brasileiro se está a efetuar como deve?

— De forma alguma. Há muito a fazer neste campo e vejo fazer-se muito pouco. Os escritores brasileiros têm grande e justa projeção em Portugal. O mesmo se não dá no Brasil com os escritores portugueses. O livro não deveria ser tratado só como mercadoria comercial, deveria ter um tratamento de exceção, tendo-se em conta o seu conteúdo espiritual, laço mais forte, pela língua comum, entre as duas pátrias.

— Diga-me ainda, Paço D'Arcos, tem lutado muito para ocupar a grande posição de escritor que ocupa?

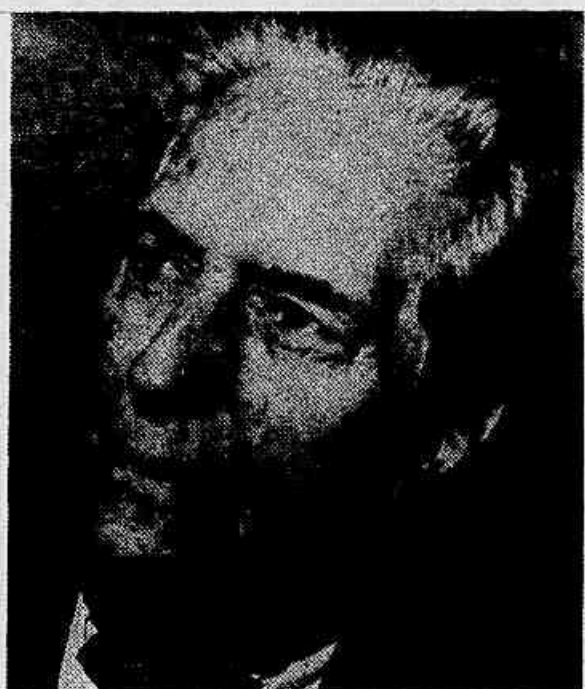
— Sem dúvida. Tenho aberto o meu caminho com perseverança, com uma fidelidade absoluta à minha profissão de escritor. Mas sem empurrar ninguém. Tenho colocado a minha missão de escritor acima, muito acima de todas as minhas outras ocupações. Nunca abdiquei da minha independência total, nunca transigi. Posso ter errado e é certamente muito imperfeita a minha obra. Mas anima-a, mesmo quando parece revolver o lodo (o lodo dos meios em que coloco meus romances e teatro) — anima-a uma aspiração muito grande de tolerância, de justiça, de dignidade humana, um acento de revolta ante a estupidez do homem cruel, assassino do homem. Se das milhentas páginas que escrevi ecoar êsse grito, cumpro a minha missão, esclarece ao finalizar esta entrevista.

Joaquim Paço D'Arcos, que é um homem imensamente elegante de maneiras e de espírito, é o romancista mais atual da vida portuguesa. É um crítico implacável, pois os seus livros traçam e abrangem os graves problemas e as profundas interrogações do mundo moderno. O seu último livro "A Corça Prisioneira", numa edição especial para o Brasil a ser distribuída pela "Livros de Portugal", mereceu de João de Barros as seguintes palavras: "Um sópro balzaquiano o anima de maneira prodigiosa, embora seja sempre de forte originalidade". E o diplomata, escritor, poeta e jornalista brasileiro dr. Ribeiro Couto, diz: "Grandes páginas de análise psicológica, sem par no romance português". Também o prof. Soares Amora, em Estado de São Paulo, se refere a êle desta forma: "Este romance não vale apenas pelas virtudes da sua expressão, de crônica fluente e interessante: vale como documento para a história duma sociedade. Obra escrita com impressionante coragem, revolve em todo sentido um caldo social que denuncia um mundo em flagrante e alarmante crise". E já o grande escritor brasileiro, Gilberto Freyre, escreve: "Joaquim Paço D'Arcos: um romancista ao mesmo tempo português e cosmopolita, dentro da boa tradição de Eça e em contraste com o casticismo intransigente de Camilo".

Muitas das suas obras estão esgotadas e todas para além das segundas edições.

Joaquim Paço D'Arcos — que há vinte e seis anos não vem ao Brasil — teve um honroso convite da Universidade da Bahia, para, como seu hóspede, assistir ao Colóquio Luso-Brasileiro que se realizará nessa capital em 1959.

CRÔNICA DE LITERATURA



OLEGÁRIO MARIANO E OUTROS ASSUNTOS

ESTAVAMOS TODOS, no Brasil, tão ocupados em discutir os diferentes aspectos da atribuição do Prêmio Nobel ao romance "Dr. Zhivago", de Pasternak, que mal tomamos conhecimento da prisão, em Portugal, de dois velhos escritores: Jayme Cortesão e Antônio Sérgio, acusados um e outro de um crime sui generis — o terem convidado um líder trabalhista britânico, Mr. Bevan, para fazer conferências em Lisboa e em outras cidades lusas. Nós que com tanta facilidade falamos em liberdade de pensamento e de expressão, que reivindicamos para a idéia aquela autonomia e aquela independência que são o clima, mesmo, em que pode medrar, inexplicavelmente deixamos passar em branco — ou quase em branco — a monstruosidade, voltados como estávamos para terras exóticas e distantes...

Que Estado é esse, que prende dois setuagenários, que detém, qual se fossem criminosos, os melhores de seus filhos? Que Governo é esse, que se diz cristão e democrata, que lança num cárcere dois pensadores pelo simples fato de pensarem, que tenta matar uma idéia pela destruição dos que a acalentam? E onde estão os que, tendo protestado de modo tão ardoroso contra a brutal reação dos russos à gremiação do seu Pasternak, hoje se calam vil e covardemente, como se o espezinhamento à liberdade fosse tão somente um fenômeno soviético?

FALECEU O POETA Olegário Marianno, aos 69 anos, e após dolorosa enfermidade. Não apreclávamos seus versos, dissemos-lo inúmeras vezes. Mas é inegável que esse homem, em uma carreira literária que durou mais de cinquenta anos, soube conquistar uma posição de destaque no seio da literatura brasileira. O público, então, o adorava: provam-no as edições sucessivas de seus muitos livros, o título de "Príncipe dos Poetas Brasileiros" que lhe foi conferido há cerca de 20 anos, e o galardão supremo

a que pode um poeta aspirar: a popularidade de seus versos, muitos sabido de cor e anônimamente.

Não é esse o momento para se fazer a análise dessa poesia simples e nada intelectual, que brotava como água corrente: outros que a realizem um dia, e com mais recursos. Essa análise decerto virá apontar com mais segurança o lugar a ser ocupado, no futuro, pela obra poética bastante vasta do autor de "Últimas Cigarrras" — pelo poeta que, ficando à parte da renovação moderna que como um ciclone varreu quase todos os resquícios da antiga poética, entre nós, conservou-se sempre um romântico, um ser obediente à forma tradicional — mas tudo dentro de um alto nível de individualidade.

Com Olegário Marianno desaparece, ao que tudo indica, o último dos românticos brasileiros.

O SENHOR GUILHERME de Almeida imaginou um brasão para Brasília: está aí no que deu o sonho de modernidade do senhor Juscelino Kubitschek... Explicou-o, em sua terminologia rançosa, o vespertino "O Globo", como sempre muito cioso do lado tradicional das coisas e das pessoas. E o mais interessante e que a mesma idéia brotada no cérebro do vate paulista, teve-a igualmente o senhor Gustavo Barroso, e ao mesmo tempo. Ora, quando dois fulanos como Guilherme de Almeida e Gustavo Barroso têm uma idéia idêntica e contemporânea, é sinal de que alguma coisa não anda bem. Enfim, esperemos. Vamos ver como sai esse brasão, "escudo quadrangular em sinopse com uma caderna de setas de ouro, em cruz, farpadas e emplumadas da mesma cor, coroa mural, de ouro também, de quatro torres com uma porta cada uma" — e mais uma linda inscrição latina: "Venturis Ventis"...

ROTEIRO DOS LIVROS

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE: 50 Poemas Escolhidos pelo Autor (Ministério da Educação e Cultura, Serviço de Documentação. Rio de Janeiro, 1958. 220 páginas) — O grande poeta Carlos Drummond de Andrade volta a apresentar, através do Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura, uma antologia de cinquenta peças poéticas bem representativas de seu estilo poético. O livro é uma viagem através o que de melhor tem produzido Drummond, em quase trinta anos de uma carreira inigualável.

MARIA-ALICE BARROSO: Estamos Sós (Pongetti. Rio de Janeiro, 1958. 168 p) — A autora, que não é uma estreante no gênero (escreveu antes, Os Possessos) retrata na presente novela o tema da juventude dita transviada, com suas conseqüentes lógicas: lambretas, rock'n'rolls, entorpecentes, etc. O tom de vulgaridade que emana do livro inteiro, da primeira à última página, o mau gosto de muitas cenas, não sabemos se atribuí-lo às limitações do tema, ou às da escritora. De qualquer maneira, Estamos Sós não merece grandes con-

siderações, a não ser como um documentário, como uma reportagem, que é o que vem a ser, no fim de contas. Para ser obra de arte literária falta-lhe muito, sem sombra de dúvida.

CRISTINO PIMENTEL: Pedacos da História de Campina Grande (Livraria Pedrosa. Campina Grande, 1958. 280 p) — O autor passa em revista os vultos principais da cidade paraibana de Campina Grande — escritores, médicos, políticos, etc.

—, e os principais fatos acontecidos até ao momento na existência da Rainha de Borborema, já velha de mais de duzentos anos. O livro é dedicado aos críticos sensatos — e nem sabemos se somos um deles...

PEREIRA DA SILVA: Poemas Amazônicos (Particular. Rio de Janeiro, 1958. Segunda Edição. 221 p) — A primeira edição dos **Poemas Amazônicos** do senhor Pereira da Silva, edição que mereceu os êncômios do mais terrível e erudito crítico do norte do país, àquele tempo, padre Florencio Dubois, surgiu em 1927. O gosto literário de então para cá muito mudou — e já hoje não podemos de modo algum aceitar êsses poemas cheios de interjeições, todos ou quase todos feitos mais para serem declamados do que lidos, num tom empolado e ufanista que é a própria negação da poesia. Quanto às ilustrações, de Solon Botelho, estão à altura exata dos versos.

EUGÊNIO GOMES: Machado de Assis (Livreria São José. Rio de Janeiro, 1958. 215 p) — O autor, um dos mais conhecidos exegetas da obra de Machado de Assis, reúne agora em volume vários artigos dantes estampados na imprensa especializada do Rio de Janeiro e de S. Paulo. Particularmente bons os estudos relacionados à literatura comparada (Schopenhauer e M.A., Lamb e Machado, M.A. e Álvares de Azevedo, M.A. e Gogol), que são os da especialidade do autor.

FRANKLIN PEREIRA DOS REIS: Cristianismo, Religião Cósmica Universal (Pongetti. Rio de Janeiro, 1958. 348 p) — Um punhado de sandices e de lugares-comuns, uma série de superstições e de filosofices, tudo de cambulhada, e estava escrito o presente volume, de leitura absolutamente impraticável.

CRÔNICA DE ARTE

O SUCESSO DE ALDEMIR

ALDEMIR MARTINS passou de raspão pelo Rio, e no gabinete de Simeão Leal exibiu-nos um álbum de suas mais recentes obras, gravadas segundo o processo de "silk-screen". Conversamos algumas horas seguidas — e já sabemos a razão do êxito do conhecido artista cearense, que irá expor em setembro em Roma e possivelmente também em Londres, e que está vendendo um de seus rutilantes "Galos" ou "Peixes" por nunca menos de quarenta mil cruzeiros.

É que Aldemir é hoje em dia um dos poucos artistas que, longe de teorias e de fórmulas, cria pelo prazer e pela necessidade de criar, sente gosto em fazer brotar do nada um traço, e logo após outro, e ver aos poucos crescer e desabrochar uma forma bela. **UMA FORMA BELA:** quantos artistas contemporâneos ainda se lembram da beleza? Podemos contar nos dedos os que não a puseram ainda, a Beleza, entre o rol das velharias, no ferro-velho dos lugares-comuns e dos pieguismos imprestáveis. Estamos de

tal modo enredados num mar de esteticismo e de impersonalidade artística, que não vemos segundo uma visão criadora os seres e as coisas. Vazios como estamos, como poderíamos transformar o que vemos em obras de arte? Saturados como estamos de modismos, como não dar a quanto fazemos a marca do momento, o selo da descença, que é bem nossa, no destino da obra de arte num mundo, como o atual, em que o artista deu as costas à sociedade, embora ainda deseje ser amparado por ela? Dilema trágico êsse, para o qual não encontramos solução, marca decerto o fim de um período e o despontar de outra era.

Dêsse dilema furtou-se aparentemente Aldemir Martins, eis a verdade. E porque se furtou a êle, por não sentir necessidade de se sacrificar a seus pés ou por qualquer outro motivo, é um artista vitorioso, sem fazer — diga-se de passagem — concessões de qualquer espécie, mas a custa de seu talento e de muito e muito trabalho.

ROTEIRO DAS EXPOSIÇÕES

MOSAICOS DE RAVENNA (Museu Nacional de Belas Artes, desde 25 de novembro) — Setenta e três peças, cópias de obras célebres conservadas nas igrejas de Ravena, acham-se expostas no Rio de Janeiro, nos vastos salões do Museu Nacional de Belas Artes. Já antes tinham sido apresentadas em São Paulo, e com grande êxito. No Rio não tem sido diferente o sucesso — e ainda bem. Uma série de conferências, e mesmo uma aula prática, ministrada por um dos componentes do grupo **Mosaicisti di Ravenna**, que elaborou as cópias, constituem a parte adjutória da mostra, de marcada finalidade didática. Pena é que a luminosidade dos salões do Museu carioca não permita ver as obras de mosaico no lusco-fusco para o qual foram concebidas, e no qual ganham aquela atmosfera de mistério e de doce religiosidade que são o seu apanágio.

NEMESIO ANTUNES (Museu de Arte Moderna) — O artista, um dos maiores das Américas, aos quarenta anos é considerado um dos mais importantes artistas-pintores do Chile — onde nasceu, em 1918. Sua exposição atual é a primeira individual que realiza no Rio de Janeiro.

COLETIVA (Galeria Gea, desde 5 de dezembro) — Após a exposição (dupla) Grassmann & Agnaldo, a Gea, que foi inaugurada a 5 de dezembro de 1957 com uma coletiva de 9 conhecidos artistas, está apresentando, como parte comemorativa de seu primeiro aniversário, uma importante coletiva de vários dos mais conhecidos artistas brasileiros da atualidade, entre pintores, escultores, gravadores, desenhistas e decoradores. E tudo num ambiente de bom-gosto insuperável, bom gosto que é o responsável em grande parte, pelo êxito da loja de Sérgio Camargo.



Eugênio Gomes.



Aldemir Martins.



COROINHA

RENARD PEREZ

DO PORTÃO, Daniel olhou a praça arborizada, o patamar da igreja, a entrada larga que dava para a sacristia. Pensou que àquela hora frei José estaria preparando as hóstias, e irritou-se com madame Claudinete. Procurava um meio de libertar-se, sumir-se para a igreja, ajudar o trabalho de frei José.

A sua frente, madame Claudinete ia e vinha, suavemente, na cadeira de balanço. Os grandes crisântemos azuis se destacavam do fundo amarelo do quimono, os braceletes brilhavam nos pulsos brancos, a saírem das mangas de cetim. O menino sentiu o perfume quente a subir do decote semi-aberto, e se recordou, angustiado, das conversas de Vicente:

— Sem vergonha!

A vizinha causava-lhe verdadeiro pânico. Antigamente, tinha pena dela e de sua solidão — aquela eterna presença, de quimono e pantufas, no pequeno terraço, além do muro gradeado — e sentia uma simpatia pelos homens que a cumprimentavam da calçada, ou que se aproximavam, em rápidas conversas misteriosas. Mas Daniel agora conhecia a verdade, sabia que madame Claudinete era a própria personificação do demônio.

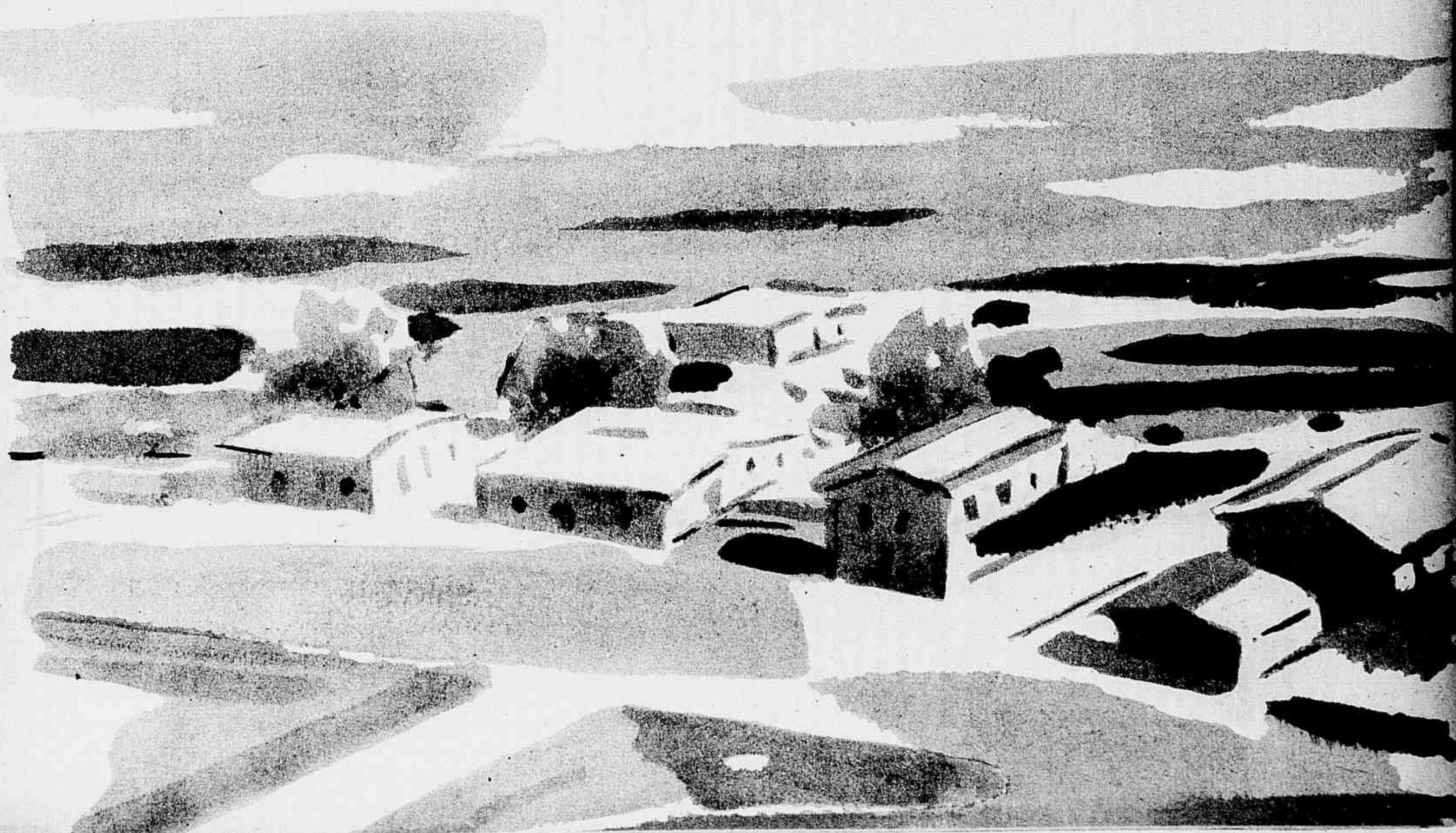
Inventou que a mãe o mandara às compras, e conseguiu desvencilhar-se. Era o segundo perigo que conseguia vencer. O

primeiro fôra a família — o terceiro seria Vicente. Atravessou a rua, relanceou os olhos pelos bancos da praça. Não viu o amigo, e subiu as escadarias do patamar da igreja, tranqüilizado.

Agora, no silêncio das paredes brancas, encontrava a paz. Da cômoda, frei José ia retirando paninhos de pontas rendadas, muito engomados, em cuja alvura as letras bordadas — JHS — faziam relêvo. Um cheiro bom, excitante, desprendia-se das gavetas abertas.

Daniel acompanhava frei José na sua faina, para mudar as toalhas dos altares, trocar velas, renovar as flores e as águas dos vasos. Os castiçais, maciços e reluzentes, pesavam em suas mãos — peças de prata que ali estavam há mais de cinquenta anos, contava o sacristão. Tudo era pesado, grande, falava de força e de riqueza.

Os passos ressoavam no silêncio da igreja vazia e a voz de frei José, em surdina, parecia vibrar. Gostava daquela paz, daquele cheiro de incenso e de coisa antiga. E o menino se lembrava da graça que o levava àquele encontro com o sacristão, uma





Um cheiro bom, excitante,
desprendia-se
das gavetas abertas...

tarde, enquanto esperava Vicente para as brincadeiras na praça. Como Saulo, fôra tomado pela graça de Deus. Como Saulo, na estrada de Damasco. O frade se chegara com sua voz mansa, fizera-lhe perguntas, convidara-o a visitar a igreja. Encontro bendito: depois daquilo, nova fase começara.

Daniel recordava-se da voz macia a indagar-lhe o nome, onde morava. Constrangido, apontara com o queixo um lugar qualquer do outro lado da praça, imaginando o que faria Vicente em tal situação. Tinha vontade de levantar-se, e ir esperar o amigo em outro local. Mas o frade continuava insistindo, a fala suave, parecia não lhe notar a perturbação. A sua pergunta, acabou por confessar, constrangido, que não ia à missa.

O frade o fitara, pensativo:

— Sabe quem é Deus?

Daniel levantara os ombros, incomodado. Mas disse que sabia — e fez um gesto vago, indicando a igreja, indicando o céu. Tinha medo de que Vicente chegasse de repente e o surpreendesse naquela conversa bêsta.

Agora, sentia-se feliz de ter ouvido as palavras de frei José, de ter-lhe aceito o convite. É verdade que o fizera por fraqueza, porque não tinha a ousadia de Vicente para recusar, e que prometera a si mesmo que jamais alguém saberia daquilo. Mas nunca se esqueceria da visita na penumbra da tarde — a igreja imersa na semi-obscuridade, o altar-mor reluzindo nos dourados, as colunas projetando sombras.

Mais que os dourados, impressionara-o a visão da sacristia, com sua grande cômoda negra, a cruz suspensa na parede e, do outro lado, a caixa vazia do confessional. Tudo aquilo, novo para ele, tinha algo de misterioso. No fim, o frade lhe dera uma imagem, onde aparecia o Menino-Deus de camisola, conduzindo um rebanho sem fim. E falou que voltasse, quando quisesse.

A saída, Daniel olhava os lados, com receio de encontrar Vicente. A noite descera, a praça se desdobrava vazia — com certeza o pai já chegara para o jantar. Escondeu o santinho no bolso e desceu as escadarias, ainda cheio daqueles ouros, daquelas sombras e, principalmente, da voz bondosa a falar-lhe de Deus.

Voltara outras vezes: simpatizara com o jeito bondoso de frei José. E, aos poucos, se foi acostumando às suas conversas — histórias de santos, da Bíblia — algo de doce, que o apaziguava. Acabou por preferir a companhia do frade à de Vicente. Agora, até evitava o amigo.

Daniel preferia aqueles momentos, quando a igreja se esvaziava. A luz que se coava dos vitrais, multicolor, refletia-se nos mármore e azulejos, dava ao lugar uma atmosfera de irrealidade. Tudo era imenso, repousante. As colunas vetustas a subirem muito alto e a se abraçarem lá em cima, os enormes portais que se abriam com gemidos ao rodar das chaves pesadas. Tudo era descomunal, grandioso, fazia-o sentir-se pequenino e humilde. Mas havia um contraste entre aquela imponência e as faces sofridas das imagens, abrigadas sob os nichos dourados. Ficava a olhar as suas fisionomias desalentadas, suas mãos macilentas. Aquela riqueza não era pelos santos, não era pelo Cristo — devia ser pelo Pai — imaginou. E teve pavor do grande Deus. Simpatizava mais com a fragilidade do Filho, com a humildade da Mãe.

Uma tarde, subiu a escada em caracol que ia dar no campanário. O sino, tão pequeno lá de baixo, ocupava quase todo o espaço do compartimento. Surpreendeu-se com as suas dimensões; não podia abarcá-lo, não podia deslocá-lo, sequer. Tocou-lhe nas bordas espessas e negras, teve ímpetos de puxar a corda que mergulhava sem fim, pela abertura do piso.

O vento zunia pela janela em ogiva, o frio batia-lhe no rosto. A cidadezinha se espalhava lá em baixo, miúda e insignificante. Debruçou-se na cavidade, segurando-se no largo peitoril. Lá estava a sua casa, encravada no quarteirão, pegada à de madame Claudinete, a pequena trepadeira escondendo a fachada, e atrás dela o quintal, atravessado por lençóis, suspensos de varais invisíveis. Sentiu-se decepcionado com a mesquinhez de seu mundo. Aguçou o olhar, julgou perceber o vulto de Ernestina — pequena mancha azul diante do coradouro. A própria mangueira, junto ao muro, reduzia-se a uma copa irrisória. Tudo se sumia no contraste da grandeza da Casa de Deus.

Sentiu uma vertigem, retirou a cabeça: nunca subira tão alto. Mas ficou a impressão daquela mesquinhez — a súbita redução de seu mundo o abalava. Compreendeu claramente a frase de frei José, de que fora da igreja não havia salvação. Deus lhe veio à idéia, mais poderoso e onipotente do que nunca, e se julgou defendido entre os paredões, como dentro de uma fortaleza. E teve pena da mãe, de Ernestina, dos amigos — pobres e frágeis seres, afastados da proteção do Senhor.

Chegou em casa, transformado. Na hora do jantar olhou o pai, a mãe — simples manchas — e se sentiu consternado. Não os temia mais, o temor antigo convertera-se em piedade. Precisava salvá-los.

Compreendeu a responsabilidade que lhe pesava sobre os ombros. Era necessário rezar por eles, preservá-los do inferno — a mãe, ao pai, à Ernestina, a Vicente. A própria madame Claudinete seria reconduzida ao verdadeiro caminho.

Naquela tarde, quando o velho despejou uma de suas blasfêmias, diminuiu-se trântido. Deus os estava vendo lá de cima. poderia destruí-los no mesmo instante como o fizera a Sodoma — arrasá-los com um simples sopro. "Perdoai, Senhor, ele não sabe o que faz" — mormurou, numa angústia. Pediria a Deus que os poupasse, entrariam num acôrdo — isso já acontecera uma vez. E se não houvesse os quatro justos? E olhou para o pai, tomado de dúvida e de apreensão. Ainda assim, arrastaria a mãe e a Ernestina para a Igreja, resguardá-las-ia na fortaleza. E se a mãe olhasse para trás? Teve a súbita visão da mãe entre os crotos, transformada numa estátua de sal, e sentiu um arrepio.

— O que é que tem esse menino?

O olhar do pai, irritado, fê-lo relancear a vista para o teto. "Agora não, Senhor, esperai ao menos um mês". Conseguiria uma trégua, para a sua catequese. Mas era preciso iniciá-la urgentemente. Fixou as fisionomias em tórno — compreendeu que o trabalho que lhe daria o pai era o mais penoso. Começaria por Ernestina.

(Continua)



Polistas do futuro:

OS BABIES DA SOCIEDADE DEBUTAM NO TACO

REALIZOU-SE NO CAMPO de Jacarepaguá o primeiro encontro infanto-juvenil de pólo no Brasil. À primeira vista parece que estou fazendo propaganda de "baby's" cujos papais ocupam lugares de destaques nos nossos mais altos meios sociais. Todavia, os que assim pensam estão completamente enganados. O que aconteceu naquele sábado, foi o início de uma nova era para o pólo brasileiro. Começou naquele dia o cultivo de uma nova mentalidade esportiva, iniciou-se o aprendizado do polista do futuro.

WALTER BRANDAO

REVISTA DA SEMANA — 91

OS BABIES DA SOCIEDADE DEBUTAM NO TACO

OS IDEALISTAS

Deve-se a idéia aos polistas do Jacarepaguá que juntamente com Didu de Souza Campos, tudo fizeram para a sua efetivação. O craque Maurício Memória foi o treinador da meninada. Todo sábado levava os garotos para treinarem no Jacarepaguá.

BEZI FILHO, NAO APARECEU

O jogo reuniu os filhos dos seguintes jogadores de pólo do Itanhangá e do Jacarepaguá: — Miguel Faria Júnior (14 anos, filho de Miguel Faria), Carlos Eduardo de Souza Campos Filho (filho do casal Didu e Tereza de Souza Campos, 9 anos), Cláudio Roberto (11 anos, sobrinho de Buby e Maurício Spyer) e, finalmente, o craque Jorginho Rangel (de 9 anos, filho do treinador Aguinaldo) todos defendendo as cores rubras do Itanhangá. Serginho e Gustavo Padilha (de 11 e 9 anos, filhos de Buby Padilha) e Carlos Eduardo Memória de 9 anos e Maurício Evandro Memória de 11 anos (filhos de Maurício Memória, todos do Jacarepaguá. Dos convocados só Bezi Filho, primogênito de Amilcar Bezi, não pôde comparecer, infelizmente.

PRIMEIRA SAFRA

Não se enganem, senhores leitores, esta é apenas a primeira safra, de agora em diante vamos semear disciplinarmente, com todo carinho, aproveitando este campo fértil e esse entusiasmo, para dar ao Brasil do futuro, uma elite esportiva digna de sua grandeza. Estes garotos iniciaram uma estrada por onde muitos outros irão trilhar para gáudio de todos nós.

ASSISTENCIA SELETA

Muito antes da porfia, a mansão dos Padilhas já se encontrava repleta de beldades e figuras ilustres, motivo para qualquer cronista social ilustrar sua coluna. Se algum lá estivesse, veria as flições das mães. Embora habituadas com as contusões dos maridos craques, queriam e não queriam que seus rebentos jogassem. Também o excessivo calor (39 graus à sombra), concorreu para este estado de excitação. O que mais me alegrou foi

ver dentre os assistentes a senhora Miguel Faria (torceu bastante para o Miguelzinho), e acredito mesmo que irá fazer uma exceção para o garoto (não gosta que o Miguel Faria, pai, jogue pólo).

O JOGO TÉCNICAMENTE FALANDO

Na parte técnica não se podia obter melhores resultados, pois a garotada excedeu a expectativa. Vamos descrever alguns lances do jogo do ano: — Eram precisamente 16 horas e 30 minutos, quando os juizes senhores Oscar Nolasco e Didu de Souza Campos, chamaram os contendores para o centro do campo. As equipes estavam assim constituídas: — Jacarepaguá com Sérgio Padilha, Maurício Evandro Memória, Carlos Eduardo Memória e Gustavo Padilha. O Itanhangá com Jorginho Rangel, Miguel Faria, Cláudio Roberto e Diduzinho de Souza Campos. Ficou combinado que o encontro teria a duração de 25 minutos ou seja 5 tempos de 5 minutos cada, e 5 minutos de mudança de cavalos (descanso).

CARLOS EDUARDO MEMÓRIA, 1.º GOAL

O acontecimento deu-se no 1º tempo quando o Jacarepaguá que vinha dominando o jogo apesar dos esforços de Jorginho. Num avanço "in loco" dos periquitinhos, Carlos Eduardo Memória recebe a pelota e num estilo a "la Miguel Faria" vai se infiltrando e com bola e tudo entra pela cidadela do Itanhangá consignando o primeiro goal da partida histórica.

SERGINHO PADILHA, O ARTILHEIRO

Coube a este garoto que é uma promessa do pólo nacional, a conquista dos outros dois goals. Sim porque o Jacarepaguá venceu por três a um. Fazer goals não é importante mais é essencial, todavia, o como fazê-los é que é o interessante. Pois Serginho nos fez lembrar o veterano astro Laert Assunção. De 30 jardas, batendo uma penalidade, com uma tacada forte (para a idade) e bem dirigida, o garoto-revelação colocou a esfera bem no centro do goal do Itanhangá. O outro goal teve o mérito da oportunidade e coragem. Ao bater um corner, Ser-



Cerrado ataque do Itanhangá-mirim. Em primeiro plano — Sérgio Padilha tentando evitar a entrada de Jorginho Rangel. O juiz (Didu), está atento.



A equipe infantil do Itanhangá. gel, Diduzinho de Souza Campos

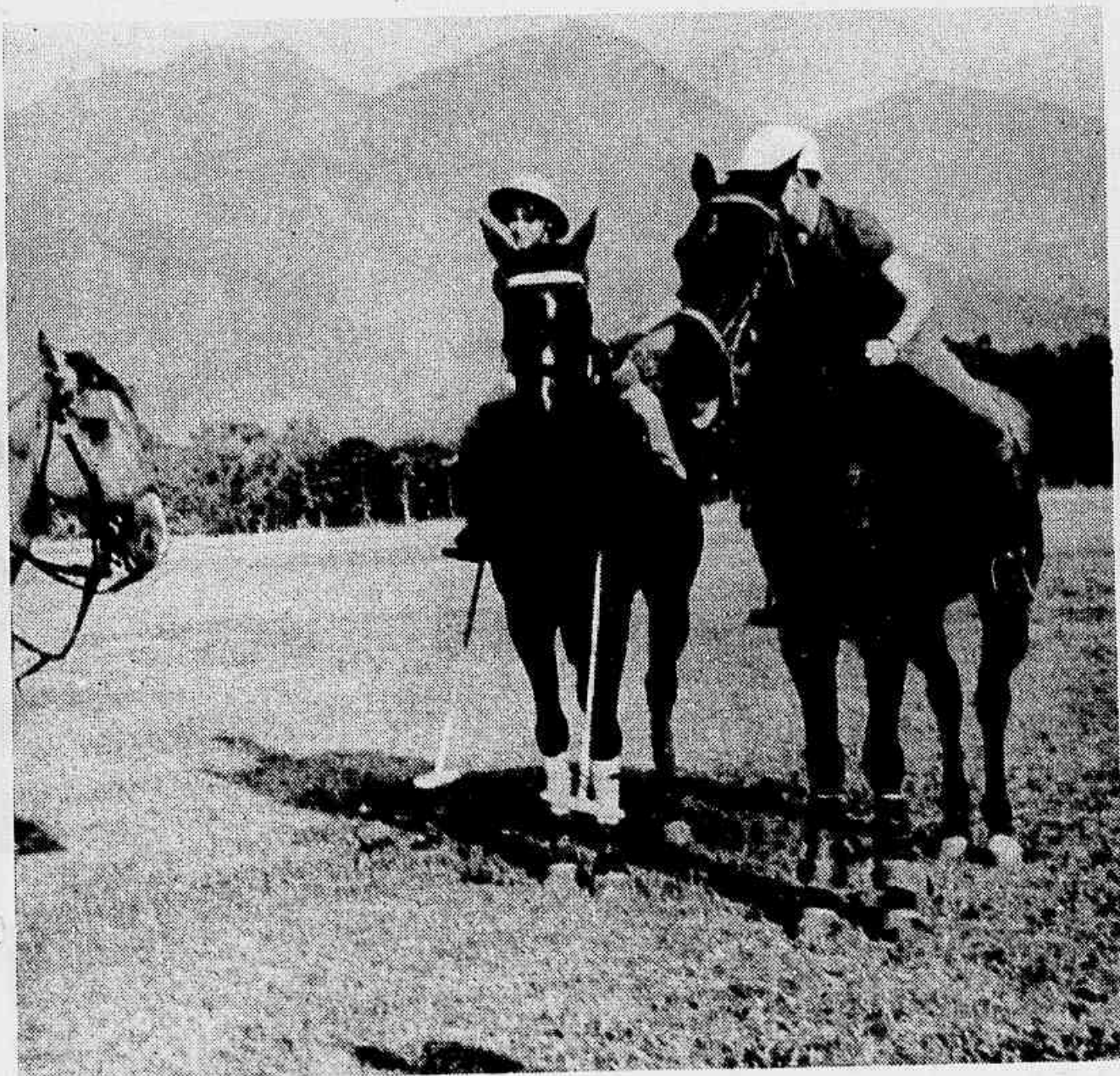
ginho acompanhou a linha da bola e nas proximidades do goal embora apertado por Jorginho, taqueou para dentro do arco adversário.

UM GAROTO OBEDIENTE E OUTRO CRAQUE

Muitos ficaram intrigados porque o Maurício Evandro, garoto de tacada forte não se sobressaía. Quem nos contou foi o técnico da equipe senhor Oscar Nolasco. O caso é que recebeu instruções durante toda semana para marcar o perigoso Jorginho Rangel, e o fez com certa maestria. Isto prova que o esporte ensina uma das grandes virtudes do homem: — saber obedecer. Salve o Mauricinho. Agora vou falar de um craque em formação, uma revelação tal qual o Serginho. Trata-se de Jorginho Rangel, modesto filho de um tratador do Itanhangá, porém muito estimado por todos: — Aguinaldo. O garoto taqueia como gente grande, coloca-se muito bem, tem bons beques e é um lutador. Com 9 anos de idade, ainda no curso primário, moreninho, o garoto não fez tudo que sabe, estava um tanto acanhado, pois por incrível que pareça, o patrão do pai não o liberou para acompanhar o garoto até o Jacarepaguá (comentários desfavoráveis). Assim mesmo o Jorginho fez jogadas que muitos polistas adultos têm vontade de fazer. Ao terminar a porfia, o garoto foi alvo dos maiores elogios por parte dos astros que se encontravam na assistência. Por causa do garoto, falam em comprar o passe do Aguinaldo para o Jacarepaguá.

DIDUZINHO, MIGUELZINHO E GUSTAVO PADILHA

Foi uma temeridade o que o casal 20 fez com seu pimpolho. Colocar um menino de 9 anos nuns cavalos que têm sido a causa de vários acidentes, não deixa de ser perigoso. Muitas vezes durante o jogo, o poney não obedecia ao pulso frágil do garoto, prejudicando inclusive a sua atuação. Andou dando suas tacadinhas. Promete ser um craque, porém com cavalos adequados. Miguelzinho, tem boa tacada e se continuar (mamãe está propensa a concordar), vamos continuar a ter um Faria no pólo. Ao que tudo indica, não terá as mesmas características do pai. Gustavozinho Padilha, é jeitoso, mas muito pequeno. Teve seus momentos, taqueou com acerto. Monta bem e tem coragem, além de



Da esquerda para a direita: Cláudio Roberto, Jorginho Rangel e Miguelzinho Faria.



As mães Lila Padilha e Tatiana Memória posam com seus pimpolhos: Maurício Evandro, Carlos Eduardo, Gustavo e Sérgio Padilha. Ficaram roucas de torcer.

algum conhecimento do esporte. Ambientado vai dar dor de cabeça.

MIGUEL FARIA EM MINIATURA E UM DESCONHECIDO ILUSTRE

O Carlinhos Memória, é um Miguel Faria em formação. Maneiroso, duro, e amigo da vassourinha (empurrar a bola a pouca distância). Tem ainda um traço característico para um jogador de miolo: — é brigão. Esse garoto vai longe. Esse desconhecido que ocupou com muito acerto o lugar de Amílcar Bezi Filho, chama-se Cláudio Roberto e é filho de um ilustre engenheiro e sobrinho de dois craques ou sejam Maurício Spuer e Buby Padilha. O garoto chegou para tapar buraco, viu, jogou e mostrou que vai jogar pólo e bem. Desambientado, pois não treinou com os demais companheiros andou fazendo das suas lá no centro do campo, sob o ar de admiração da vovó. O menino tem jeito, é só aproveitá-lo. Aliás será aproveitado na próxima equipe.

PRÓXIMO ENCONTRO

Assim que a garotada terminar os exames, haverá novo encontro e dele participarão não só estes, como outros que quiserem aprender a jogar pólo.



MORREU O ENAMORADO



A NOTÍCIA chegou na noite de sexta-feira, dia 29: morreu o poeta Olegário Marianno, na casa de saúde S. Vicente, na Gávea, onde voltara a ser internado há algumas semanas, depois das melhoras havidas em seu estado de saúde, em meados de julho. A morte do poeta das cigarras — último remanescente dos grandes parnasianos — já era esperada. As melhoras que ele sentira, e que o fizeram ter alta (provisória) na clínica, onde se internara em começos do ano, eram apenas aparentes. Entretanto, a notícia de seu falecimento, na noite de 29, abalou a cidade e o Brasil. Desaparecia um dos vultos mais famosos de nossa literatura, figura que atravessou escolas e movimentos, na fidelidade aos seus princípios românticos, e que representava um marco, um elo entre o presente e a grande poesia do passado.

Essa morte é também profundamente sentida por nós, que o tínhamos entre os mais queridos amigos. A última entrevista com o poeta, quando na clínica São Vicente, foi feita por nós. Acompanhamos toda a lenta progressão de sua doença, do mesmo modo que as homenagens que lhe foram prestadas em julho, pelo presidente Kubitschek, quando o visitou no Hospital e lhe concedeu a "Ordem do Mérito". Acompanha o presente, a biografia escrita por Renard Perez, que, orgulhamo-nos em dizer, é o mais completo depoimento do poeta, feito numa série de contatos entre os dois escritores, e que faz parte do volume "Escritores Brasileiros Contemporâneos", a sair em meados do próximo ano.

NASCEU O POETA OLEGARIO MARIANNO da Cunha no dia 21 de março de 1889, em Poço de Panela, arrabalde do Recife. Seu pai, José Mariano, republicano e abolicionista exaltado, foi um grande chefe político de Pernambuco e deputado em várias legislaturas. Sua mãe — d. Olegarinha, acompanhava-o nas lutas políticas; teve ela quatro filhos, sendo dois homens.

Ficou o poeta até os oito anos no Recife, e as recordações dessa fase estão ligadas ao colégio Pestalozzi, do velho Luís Honório da Silva, onde fez o curso primário, e às festas populares a que costumava assistir — o pastoril, o bumba-meu-boi. Lembra-se, principalmente, da revolução de Floriano, quando o pai foi prêso.

Em 1897, a família veio para o Rio, ficando provisoriamente em Aldeia Campista, na casa de um parente — o dr. Arruda Beltrão. Foram depois para a rua Conde de Baependi, a dois passos do Largo do Machado, que então centralizava praticamente a vida no Rio. O poeta recorda-se, aí, do Parque Fluminense,

Uma multidão acompanhou o corpo do poeta ao cemitério de São João Batista. Falou, na ocasião do entêrro, o ministro Paschoal Carlos Magno.



O DA VIDA



Ocelho Neto foi um dos maiores amigos de Olegário. Aqui o vemos durante uma comemoração, em 1928.

situado no local onde é hoje o Cine Politeama, com sua feira popular, seu carrossel, e um teatro de operetas, que o poeta costumava freqüentar em companhia de seu amigo, o desenhista Luis Peixoto (Peixoto estudava no colégio Alfredo Gomes, e Olegário passava com ele os sábados e domingos. A esse tempo — tinha treze para quatorze anos — já Olegário fazia os primeiros versos, que o amigo ilustrava).

O poeta fez todo o curso ginásial no internato do colégio Pio-Americano, dirigido pelo padre Manuel Lobato Carneiro da Cunha, e onde teve como professores, entre outros, Alberto de Oliveira e o Barão de Ramiz Galvão — o primeiro, mestre de português e literatura, e o segundo de lógica. Mais tarde, o poeta iria tornar-se colega de ambos, na Academia...

Embora a sua vocação para a literatura tenha surgido muito cedo, pois já com tenra idade fazia versos humorísticos, em casa, traçando perfis dos parentes, o poeta muito deve à orientação e ao estímulo de Alberto de Oliveira. Aliás, o primeiro prêmio de literatura que teve lhe foi dado, justamente, pelo grande parnasiano.

Terminado o curso no Pio-Americano, matriculou-se Olegário na Faculdade de Direito, que não chegou a cursar: Rodrigues Alves, então presidente da República, dera a José Mariano um cartório, indo o rapaz trabalhar ao lado do pai.

Da rua Conde de Baependi, o poeta se mudou para o Cosme Velho, onde viveria muitos anos, e onde se processaria uma das fases mais importantes de sua vida: a de sua formação literária. O pai tinha muitas ligações com poetas e escritores, e através deles o rapaz aprofundaria as suas inclinações naturais. Um desses, era o jornalista e poeta Augusto Guimarães, cunhado de Castro Alves, padrinho de sua irmã Georgina e braço-forte de José Marianno na campanha abolicionista da Bahia. Olegário não chegou a conhecê-lo, a não ser pelas conversas do pai. Mas mesmo indiretamente influiria para uma melhor compreensão da obra do poeta dos escravos.

Entretanto, apesar da admiração por Castro Alves (preferia o lírico ao condoreiro), foi Gonçalves Dias o poeta que mais atuou no seu espírito e mais influência exerceu na sua poesia. Graças a ele, fez o "Meu Brasil" e outros trabalhos de inspiração patriótica. E à medida que se ia aprofundando na obra do grande indianista, mais crescia por ele o seu entusiasmo e mais empalidecia a figura do poeta baiano.

Por outro lado, era o cartório do pai lugar de encontro de importantes personalidades, e entre políticos como Rafael Cabeda,

Pedro Moacir, Gaspar Drummond, Antônio Gitirana, lá apareciam os grandes boêmios da época como Bilac, Guimarães Passos, Emílio de Menezes — grupo a que o moço se ligaria intimamente.

Também teve o poeta oportunidade de conhecer de perto Machado de Assis, que morava nas vizinhanças de sua casa, e a quem devotava imensa admiração. Quando o pai ia para o cartório, sempre levava o romancista para a cidade de carro — a ele e o arquiteto italiano Tomazzo Zezzi (que fez o Palácio Itamarati). Tímido, Machado falava muito pouco. O poeta se recorda de que o escritor descia na cidade, na Avenida Central, à altura da rua da Assembléia.

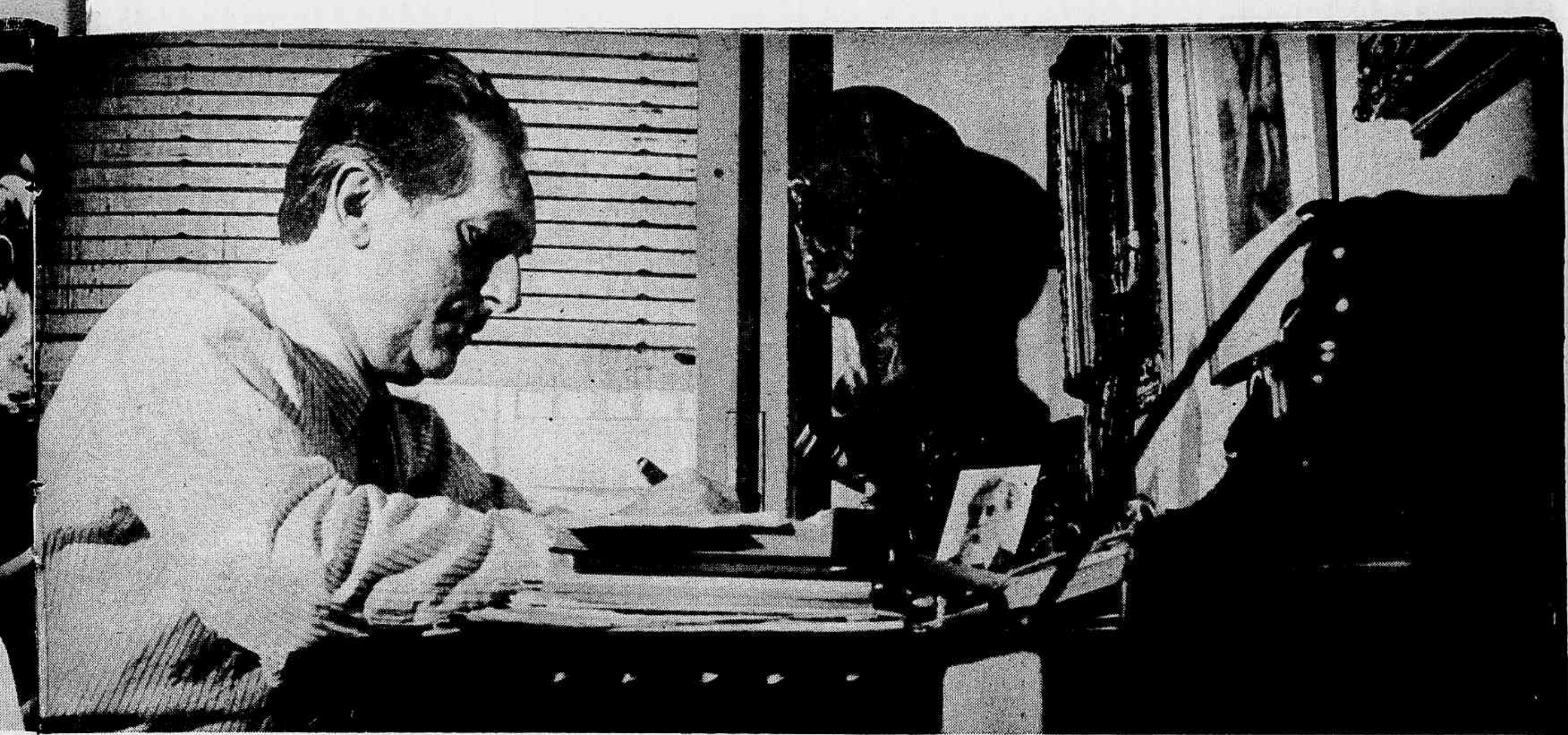
Olegário manteve também relações cordiais com o Barão do Rio Branco — muito amigo do pai. Aliás, por diversas vezes procurou Rio Branco inutilmente o conhecimento de José Marianno para que o rapaz entrasse na diplomacia. Mas o velho alegava que a carreira faria com que o filho perdesse o contato com a própria terra... Mal imaginava que, anos mais tarde, iria Olegário exercer vários e importantes cargos em comissão, na referida carreira...

Entre as leituras da mocidade, o poeta se recorda de "O Ateu", de Raul Pompéia, "O Cortiço", de Aluísio Azevedo; todo o Machado. Entre os poetas — Gonçalves Dias, Castro Alves, Casimiro de Abreu, Olavo Bilac, Alberto de Oliveira.

O seu primeiro soneto — "A Estátua de Hero", foi publicado por Rodrigo Otávio, na "Renascença", de que era diretor. Quanto à sua estreia em livro, deu-se aos quinze anos, com um livrinho intitulado "Visões de Moço", prefaciado por Guimarães Passos; livro que o poeta hoje lamenta haver publicado, e cujos exemplares cata ainda, para destruir...

Pouco mais tarde, Olegário entrava em contato com os rapazes da revista "Fon-Fon", então dirigida por Gasparoni: Alvaro Moreyra, Gonzaga Duque, Felipe d'Oliveira, Rodrigo Otávio Filho. Aí, e depois em "A Careta", e no "Para Todos", manteve seções mundanas. Era o período áureo da crônica social, quando Figueiredo Pimentel brilhava na "Gazeta de Notícias" e João do Rio encantava os leitores através de sua seção "Pall-Mall", em "O País".

Em 1911, o poeta casou-se com d. Maria Clara Sabóia de Albuquerque, natural do Rio Grande do Norte. Foi passar a lua de mel na Europa, tendo lá se demorado quase um ano, mas teve de voltar, devido à notícia do estado de saúde do pai. Ainda o encontrou com vida, tendo assistido ao seu falecimento. Foi



Olegário, em seu gabinete de trabalho, no cartório à rua México, 164. Notar, sobre a mesa, um busto do poeta.

depois com o irmão levar o corpo para Recife, onde ficou cerca de uma semana. Quase todo Pernambuco desfilou diante do cadáver do pai, exposto na Assembléia do Recife, numa homenagem impressionante: os antigos eleitores choravam e rasgavam seus títulos, depositando-os na urna funerária.

O poeta voltaria a Pernambuco em agosto de 1950, por ocasião do centenário do nascimento do pai, ao tempo do governo de Barbosa Lima Sobrinho.

Olegário Marianno entrou na Academia Brasileira em 1926, na vaga de Mário de Alencar, e foi empossado no dia 20 de abril de 1927. Teve oito concorrentes, entre outros, Clementino Fraga, Mário Barreto e Belmiro Braga.

O poeta tem tido, na sua vida, muitos amigos escritores. Mas os maiores naquela época foram, sem dúvida, Coelho Neto, Olavo Bilac e Guimarães Passos. Conviveu também com Lima Barreto e Luís Murat. A propósito desse último, o escritor recorda um encontro curioso, ao tempo de sua campanha à Academia.

Numa noite do ano de 1926, levou-o Coelho Neto à casa de Murat, que se encontrava doente (e que morava numa rua íngreme do bairro da Tijuca), a fim de fazer a visita protocolar, positivando assim um encontro que Olegário, muito tímido, vinha adiando.

Os dois amigos encontraram Murat deitado na sua cama, no quarto cercado de estantes. O poeta soergueu-se, contente com a visita, tendo perguntado a Olegário porque não o havia ainda procurado. Como alegasse Marianno a doença do amigo, Murat exclamou:

— É, mas agora estou bem. E melhor estaria se não fôsse o Floriano.

Não atinando sobre que Floriano o doente falava, o candidato à Academia olhou de vize para Coelho Neto, que lhe fez sinal de advertência. Mas já Murat continuava:

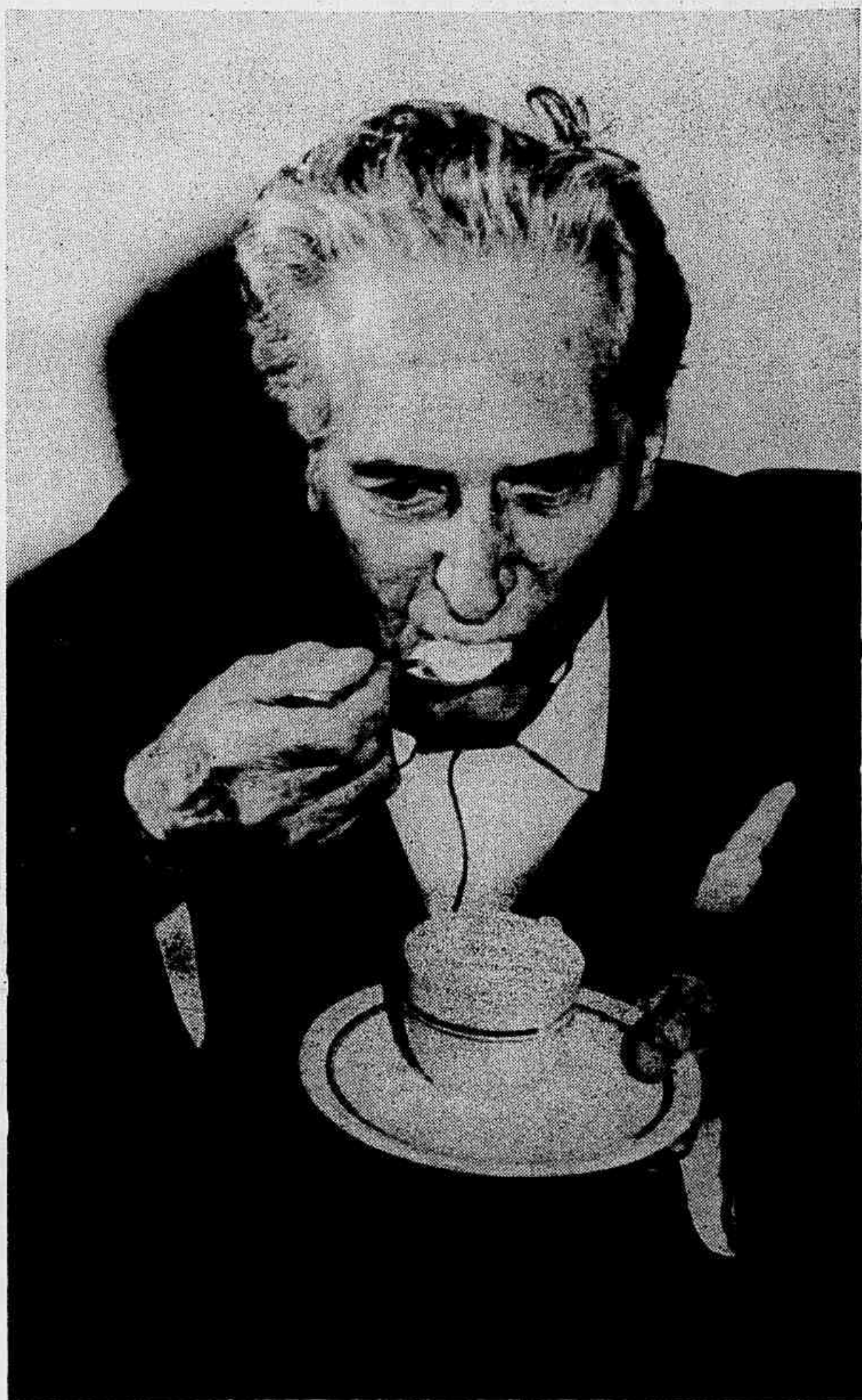
— Como você deve saber, eu fui um grande amigo de Floriano. Brigamos, mas depois fizemos as pazes. Éramos tão amigos que, na revolta, quando constou que Floriano ia fuzilar o velho Zé Marianno, seu pai, eu o procurei e lhe disse que matar o velho Marianno era o mesmo que matar o próprio Leão do Norte! Você deve lembrar-se disso, não é?

Olegário não se lembrava, mas exclamou:

— É... Eu sei...

E Murat continuou:

— Mas o Floriano anda abusando de nossa amizade... Aparece todas as noites para conversar, mas não tem nenhuma compos-



Uma das últimas fotos de Olegário, tirada em julho de 1958, na clínica São Vicente. A doença já estava avançada.



Consagração em vida: o busto do poeta, em uma das alamêdas do Passeio Público, no Rio. Outro busto se encontra numa praça de Teresópolis.



A 9 de julho, era Olegário condecorado com a Ordem do Mérito. Aspecto da entrega da insígnia, pelo Presidente Kubitschek, na Clínica São Vicente.

tura! Sobe a escada a cavalo, faz um barulho dos diabos! Os empregados nem querem mais ficar aqui...

Olegário acompanhava atônito aquela história fantástica. Murat falava desembaraçadamente de um homem que morrera há tanto tempo!... Só depois saberia, por Coelho Neto, que o homem era espírita...

De repente, Murat desceu do "astral" e perguntou bruscamente:

— Quando é a eleição?

— Daqui a quatro dias.

Murat falou, então:

— Meu filho Thomaz levará ao Neto (C. Neto) os meus quatro escrutínios — para quem escreveu este livro que conservo na cabeceira...

E apontou o volume, que Olegário reconheceu serem as "Últimas Cigarras"...

Olegário ficou comovido. Mas, pouco depois, quando já descia as escadas da rua, observou para Coelho Neto:

— Neto... Não estou seguro quanto ao voto de Murat... Porque logo mais aparece aí o Floriano e lhe diz: "Seu Murat, você não vai votar no filho do meu maior inimigo!..."

O romancista aborreceu-se diante daquela falta de confiança; na verdade, ela era infundada, e já no dia seguinte, Murat enviava os votos prometidos...

Ainda na campanha acadêmica, sucedeu outro fato pitoresco, tendo como personagem o acadêmico e médico professor Miguel Couto.

O embaixador Afrânio de Melo Franco telefonara uma manhã para Olegário, convidando-o para almoçar na sua casa, esclarecendo que também lá estaria o prof. Miguel Couto, de quem pretendia conseguir o voto para o amigo.

No almoço, Olegário ficou sentado ao lado de Couto, a quem muito admirava, mas inibido diante da delicadeza da situação, não foi capaz de dizer uma só palavra. Terminado o almoço, Melo Franco os levou para a sala de fumar, mas aí o embaraço continuou. Inatingível, o velho Couto tamborilava com os dedos no espaldar da poltrona onde estava sentado. Parecia esperar... Olegário, constrangido, permanecia mudo. De repente, quebrando o silêncio, Afrânio falou:

— Couto, o Olegário é candidato à cadeira de Mário de Alencar, na Academia...

E Couto, sumariamente:

— Eu sei. Eu li nos jornais.

E o silêncio pesou outra vez, ainda mais opressivo.

Olegário olhava para Afrânio, aflito, com vontade de se sumir... Mas, de repente, aconteceu o imprevisto: ainda a tamborilar na poltrona, Miguel Couto recitou pausadamente o "Entérro da Cigarra", da autoria de Olegário, de forma integral.

Afrânio levantou-se e abraçou o professor, efusivamente; enquanto isso, Olegário enxugava as melhores lágrimas de sua vida...

Em 1930 (do mesmo modo que Rodrigues Alves fez com José Marianno), Getúlio Vargas, já então grande amigo seu, deu-lhe um cartório de que o poeta vive até hoje.

Atualmente, é Olegário um espectador desencantado da vida; alcançou tudo o que um homem público pode desejar. Sua vasta obra conseguiu uma projeção popular além fronteiras, ainda não alcançada por nenhum de nossos poetas vivos.

Quanto à sua posição de poeta — sempre foi um lírico romântico, e orgulha-se de nunca ter fugido disso.

Entre seus livros, podemos citar: "Angeles" (1911); "Sonetos" (1912); "Evangelho da Sombra e do Silêncio" (1913); "Água Corrente", com uma carta-prefácio de Bilac (1917); "Últimas Cigarras" (1920); "Castelos na Areia" (1922); "Cidade Maravilhosa" (1923); "Destino" (1931); "Teatro" (1932); "Canto da Minha Terra" (1933); "O Enamorado da Vida" (1937) — que é o livro de sua predileção, porque é mais um retrospecto de sua vida de infância; "Da Cadeira n. 21" — conferências e crônicas (1938); "Quando vem baixando o crepúsculo" (1944); "Cantigas de Encurtar Caminho" (1948); e "Tangará conta Histórias" (1953). Em fins de 1957 a editora José Olímpio publicou as suas poesias completas, em dois tomos — "Tôda Uma Vida de Poesia". Tem ainda o poeta vários livros a sair, entre os quais "Se Não Me Falha a Memória" (memórias).

O poeta é grande Oficial de Santiago e Espada e da Cruz de Cristo de Portugal; Comendador da Legião de Honra; Palmas de Ouro da Academia de Ciências de Lisboa; Grande Oficial da "Ordem do Sol", do Peru, e do "Condor dos Andes", da Bolívia.

Foi secretário de Embaixada na Missão Melo Franco à Bolívia, ministro plenipotenciário na Missão Francisco José Pinto às comemorações do duplo centenário de Portugal e delegado do governo na Convenção ortográfica de Lisboa e embaixador de Portugal.

É, também, membro da Academia de Ciências de Lisboa.

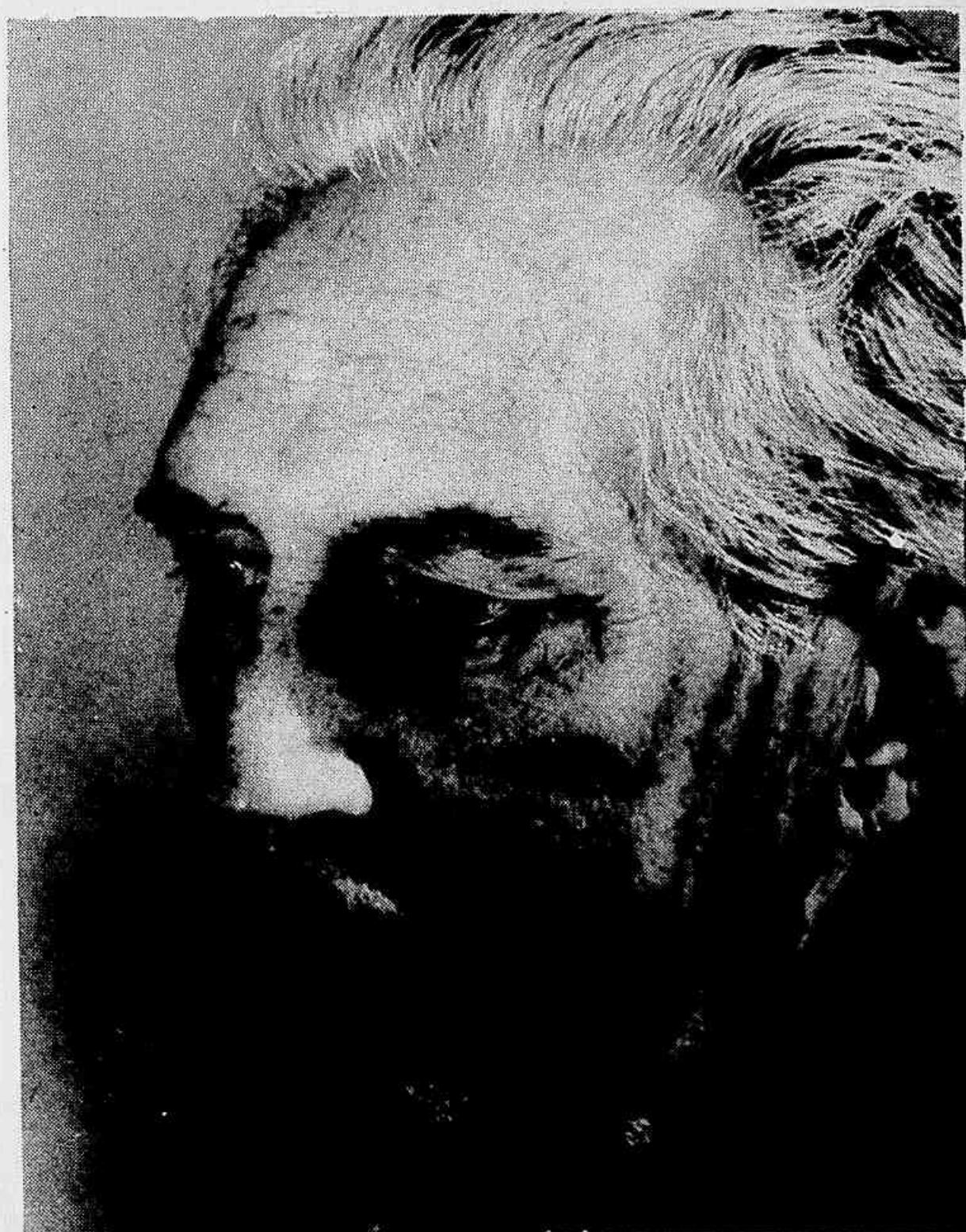
Gosta de pássaros e animais (tem sete cachorros; tem um sítio em Teresópolis — "A Toca da Cigarra" (próximo à praça Olegário Marianno), velha casa colonial de mais de cem anos, alpendrada, cheia de pássaros e trepadeiras, onde arma redes e tem a impressão de que está na sua casa grande do Poço da Panela.



O poeta, ao lado de d. Maria Clara — a querida companheira de 47 anos. Na Academia, ela permaneceu todo o tempo junto ao corpo do marido.

Foto de Olegário, ao tempo de sua entrada na Academia. Ocupou êle a vaga de Mário de Alencar e sua posse se deu em abril de 1927.

Uma das últimas fotos do poeta, na clínica São Vicente. Aproximava-se, já, o "término da jornada", vaticinado num soneto de 1937.



NATAL NA BARCA

Conto de LYGIA FAGUNDES TELLES

A BARCAÇA varava a noite. Era uma noite gelada e negra. E as águas do rio eram também negras como tinta, escorrendo obstinadamente por entre as árvores.

Era Natal. Não quero nem devo lembrar aqui por que motivo eu me encontrava naquela barca. Só sei que em redor tudo era silêncio e treva. E que apesar de tudo eu sentia um feroz bem-estar naquela solidão.

Na barca desconfortável, apenas quatro passageiros. Uma lanterna nos iluminava com sua luz vacilante: um velho, uma mulher com uma criança no colo e eu.

O velho, um bêbedo maltrapilho, deitara-se de comprido no banco, dirigira palavras amenas a um vizinho invisível e agora dormia profundamente. A mulher estava sentada entre nós, apertando nos braços a trouxa de roupa que envolvia a criança. Era uma mulher ainda jovem e de semblante muito pálido. O longo manto escuro que lhe cobria a cabeça dava-lhe o aspecto de uma figura bíblica.

Pensei em falar-lhe assim que entrei na barca. Mas já devíamos estar quase no fim da viagem e até aquele instante não me ocorrera dizer-lhe qualquer palavra. Não combinava mesmo com a barca tão desataviada, tão sem artifícios, a ociosidade de um diálogo convencional. Estávamos sós. Asperamente sós. E o melhor ainda era não fazer nada. Não dizer nada. E apenas olhar o sulco que a embarcação ia cavando no rio.

Debrucei-me na grade de madeira carcomida. Acendi um cigarro. Ali estávamos os quatro, silenciosos como mortos num antigo barco de mortos, a vagar na escuridão. Contudo, estávamos vivos. E era noite de Natal.

A caixa de fósforos escapou-me das mãos e quase resvalou para o rio. Agachei-me para apanhá-la e, nesse instante, senti alguns respingos de água no rosto. Inclinei-me e mergulhei as pontas dos dedos na água.

— Como é gelada — eu disse enxugando a mão.

— Mas de manhã ela é quente.

Voltei-me. A mulher embalava a criança coberta com um xale. E me observava com uma expressão cordial. Sentei-me no banco ao seu lado. Reparei então que tinha belos olhos claros, extraordinariamente brilhantes. E que suas roupas, pobres roupas puídas, revestiam-se no entanto de uma estranha dignidade.

— A senhora disse que de manhã este rio é quente ?

— Quente e verde — respondeu-me com um sorriso. — E tão verde, que a primeira vez que lavei uma peça de roupa nêlo, tive a impressão de que a roupa ia sair esverdeada.

— Confesso que é difícil imaginá-lo assim.

— E' a primeira vez que vem por estas bandas? — perguntou-me.

Baixei a cabeça, constrangida. E respondi à sua pergunta com uma outra pergunta:





E fiquei imóvel a olhar para o chão.

O menino estava morto.

— Mas a senhora mora aqui por perto, não ?

— Em Lucerna. Já tomei esta barca não sei quantas vezes, mas não esperava que justamente hoje...

A criança agitou-se, choramingando. A mulher ajeitou-a melhor entre os panos. Cobriu-lhe a cabeça com o xale. E pôs-se a niná-la com um brando movimento de cadeira de balanço. Suas mãos destacavam-se exaltadas sobre o xale escuro, mas seu rosto era tranqüilo.

— Seu filho ?

— E'. Está doente, vou levá-lo ao especialista, o médico de Lucerna achou que eu devia consultar hoje mesmo um especialista. Ontem ele ainda estava bem, mas de repente piorou. Uma febre, só febre...

Calou-se. E ergueu a cabeça com energia. Contraiu os lábios. Sua atitude poderia ser ativa se seu olhar não estivesse impregnado da mais humilde doçura.

— Mas Deus não vai me abandonar.

— A senhora só tem esse ?

— Só. O meu primeiro morreu o ano passado. Subiu no muro, estava brincando de mágico. De repente, avisou: "Vou voar." E atirou-se no espaço. A queda não foi grande, o muro não era alto. Mas caiu de tal jeito... Tinha pouco mais de quatro anos.

Esmaguei a brasa do cigarro no tacão do sapato. Agitei-me. Era preciso desviar o assunto para aquele filho que estava ali, doente, embora. Mas vivo.

— E este, que idade tem ?

— Vai completar um ano. — Fêz uma pausa. E inclinando a cabeça para o ombro, prosseguiu num tom brando: — Era um menino muito bonzinho. Tinha verdadeira mania com mágicas. Claro que não saía, mas era tão engraçado... A última mágica que fêz foi perfeita. "Vou voar !" — disse abrindo os braços. E voou.

Levantei-me. Eu queria tanto ficar só naquela noite, completamente só, sem lembranças nem piedade. E eis que os laços — os tais laços humanos — ameaçavam me envolver. Eu os evitara, é certo. Mas agora não tinha forças para rompê-los.

— Seu marido está à sua espera ?

— Meu marido me abandonou. Imagine que... — Interrompeu a frase. E esboçou um sorriso triste. — Nós vivíamos muito bem, sabe ? Mas um dia ele encontrou a antiga namorada. Não tinha se casado porque houve um desencontro qualquer, e depois uma intriga... Perderam-se de vista. E agora encontraram-se depois de vários anos. Bastou um simples encontro. E voltou tudo, tudo. Há seis meses vivem juntos. Eu moro com minha mãe, numa casa que alugamos ao lado da escolinha onde leciono.

Fixei-me nas nuvens negras que corriam na mesma direção do rio. E em seguida, encarei-a. Era extraordinário o modo como ela me contava as sucessivas desgraças, com um ar assim tão sereno, tão seguro... Era como se nada daquilo a tivesse atingido. Fôra pisada, duramente pisada. Como se não bastasse a pobreza que espiava pelos seus remendos, perdera o filho, o marido, e ainda via pairar uma sombra sobre a frágil vida que tinha entre os braços. No entanto, ali estava sem nenhuma revolta. Confiante. Intocável.

E não era apatia, não, que não podiam ser de uma criatura apática aquelas mãos enérgicas e aqueles olhos vivíssimos. Era inconsciência, então ? Inconsciência ? Não sei que obscura irrisação me fêz sorrir com ironia.

— A senhora é conformada.

— Eu tenho fé. Deus nunca me abandonou.

— Deus — repeti vagamente.

Agora entendia. Aí estava o segredo da misteriosa luz que pa-

recia se irradiar dos seus olhos. O segredo daquela confiança. Daquela paz. Era a tal fé que removia montanhas...

— A senhora não acredita em Deus — perguntou-me.

— Acredito — murmurei. E ao ouvir o som tão débil da minha afirmativa, sem saber por que, perturbei-me.

Ela mudou a posição da criança, passando-a do ombro direito para o esquerdo. E começou com voz quente de paixão:

— Foi logo depois da morte do meu menino. Acordei uma noite tão desesperada, mas tão desesperada, que saí pela rua afora, descalça e chorando como louca, mas tão desesperada... Sentei-me num banco do jardim onde costumava levá-lo todas as manhãs. E pedi-lhe, a ele que gostava tanto de fazer mágicas, que se mostrasse ao menos uma vez, só mais uma?... Nem sei como acabei dormindo ali no banco. No sonho, Deus me apareceu, ou melhor, senti sua mão de luz pousar na minha. E vi então o meu menino brincando com o Menino Jesus no jardim do Paraíso. Assim que me viu, veio ao meu encontro e me beijou tanto, tanto... E era tamanha sua alegria, que acordei rindo também, com um raio de sol batendo em mim.

Calou-se. Sem saber o que dizer, voltei-me instintivamente para a criança e ergui a ponta do xale novamente. E fiquei imóvel, a olhar para o chão. O menino estava morto.

Entrelacei as mãos para dominar o tremor que me sacudiu. Estava morto. A mãe continuava a niná-lo, apertando-o contra o peito. Mas ele estava morto.

Levantei-me e debrucei-me na grade, a olhar o negrume insondável do rio. Respirei angustiosamente. Era como se estivesse mergulhada até o pescoço naquela água.

Senti a mulher mover-se atrás de mim.

— Estamos chegando ! — exclamou.

— E', estamos chegando — repeti surdamente.

E apanhei minha pasta. O importante agora era sair, sair depressa, sumir antes que ela descobrisse. A prova era terrível demais, ela não suportaria. E eis aí um espetáculo a que de modo algum desejava assistir.

A barca já diminuía a marcha e fazia agora uma longa curva antes de atracar. O bilheteiro apareceu e pôs-se a sacudir o velho:

— Chegamos !... Ei !... Chegamos !...

Aproximei-me dela de cabeça baixa.

— Acho melhor nos despedirmos aqui... comecei atropeladamente, estendendo a mão.

Ela pareceu não notar meu gesto. Levantou-se e fêz menção de apanhar a sacola. Ajudei-a. Mas ao invés de pegar a sacola que lhe estendi, antes mesmo que eu pudesse impedi-lo, afastou o xale que cobria a cabeça do filho.

— Acordou o dorminhoco ! E parece agora sem nenhuma febre...

— Acordou ? !

Ela teve um sorriso inefável

Veja...

Inclinei-me, perplexa. A criança abriu os olhos — aqueles olhos que há pouco eu vira cerrados num sono que me pareceu eterno. E bocejava, entediada.

Uma onda de calor aqueceu-me o coração. Quis falar. E meus lábios gretados mal conseguiram sorrir.

— Então, bom Natal ! — disse ela enfiando a sacola no braço.

Encareia-a pela última vez. Seu rosto resplandecia. Apertei-lhe a mão vigorosa. E acompanhei-a com o olhar até que ela desapareceu na noite.

Saí por último da barca. E quando saía, voltei-me ainda uma vez para ver o rio. E pude, então, imaginá-lo como seria de manhã cedo: verde e quente. Verde e quente.



ALUNOS DO COLÉGIO MILITAR TOMAM DE ASSALTO GERICINÓ

Texto e fotos de YVON A. LUZ

Cerrado fogo de artilharia bombardeou pesadamente o "inimigo", situado nas elevações próximas ao Morro do Jaques, que foram tomadas de assalto, posteriormente, pela "carga" da cavalaria e ocupadas pela infantaria.

Essa manobra, que teve todas as características de uma batalha real, foi realizada na semana passada, pelos alunos do Colégio Militar, que permaneceram acampados no Campo de Gericinó, sob a supervisão do General Augusto Magessi, comandante daquele estabelecimento de ensino.

Os exercícios assinalaram o fim do currículo de instrução do Centro de Formação de Reservistas, habilitando, assim, os seus participantes, alunos da 1.ª, 2.ª e 3.ª séries Científicas, a receberem o certificado de reservistas de 1.ª categoria.

A tropa em operação era composta por companhias de Artilharia, Infantaria e Cavalaria. As duas primeiras deslocaram-se do Colégio Militar ao campo de manobras em veículos motorizados enquanto que o esquadrão de cavalaria fez o percurso em suas montarias.

TIRO REAL E INSTRUÇÃO TÁTICA

A fim de emprestar o realismo necessário à manobra e familiarizar o aluno com o material de guerra, a munição empregada era real. Todos os exercícios foram planejados, comandados e executados pelos "alunos-combatentes", sob a orientação dos oficiais instrutores.

A artilharia que bombardeou o "inimigo", com precisão, como que manejada por velhos artilheiros, era composta por obuzes "105", morteiros "81", metralhadoras leves e pesadas.

O desenvolvimento dos trabalhos das manobras obedecia a uma ordem de instrução tática individual e coletiva.

Os tiros de artilharia eram dirigidos por um esquadrão de comunicações que, com seus elementos ocultos nas matas, comunicava, por telefone de campanha, os dados necessários para o cálculo dos disparos, feitos pelo "Contrôle de Tiro".

A cavalaria, composta por 78 homens, guarneceu o "Pôsto de Vigilância" e a "Patrulha de Vanguarda", que avançou sobre o objetivo.

PATRULHAS — DEMONSTRAÇÕES

A noite, foram organizadas patrulhas de reconhecimento que percorriam todo o campo de batalha à procura de algum "destacamento inimigo".

Finalmente, toda a tropa realizou uma marcha noturna em volta do campo, encerrando o programa de marchas, deste ano, do Centro de Formação de Reservistas.

Com uma missa campal, celebrada, na manhã de sábado, pelo capitão-capelão Alfir Barreto de Araújo, foram encerradas as manobras dos alunos do Colégio Militar, que passaram, então, a assistir a demonstrações de Guerra Moderna, feitas por destacamentos da Escola de Instrução Especializada do Exército.

Sobre a Guerra Química foi feita uma explanação pelo major Quintiliano, que apresentou todos os tipos de máscaras e apa-

Antes de partir para uma missão, a patrulha recebe as orientações do oficial instrutor. Os alunos-combatentes tiveram oportunidade de



relhos de defesa, bem como vários tipos de geradores de fumaça.

Os recursos proporcionados pelos explosivos foram demonstrados pelos capitães Bonecker e Roberto, que fizeram funcionar minas, armadilhas, bazookas e bombas de termite. Foram feitas, também, demonstrações de assalto com tanques acompanhados por tropas de infantaria.

SEGURANÇA

Pelo general Augusto Magessi, comandante do Colégio Militar, acessorado pelo tenente-coronel Tício Moraes de Souza, foram planejadas todas as medidas de segurança, que possibilitaram o desenvolvimento das atividades das manobras sem que nenhum incidente se registrasse.

Os alunos-combatentes demonstraram, desprendimento e solidariedade durante a manobra, mantendo o bom humor, apesar do rigorismo dos exercícios e do calor reinante.

A alimentação dos alunos obedeceu ao padrão exigido pelo comando do Colégio Militar, dela participando o General Magessi e seus oficiais.

Encerrando as atividades, foi servido um churrasco com salada de legumes, farofa de cenoura (de autoria do General Magessi), arroz, feijão, salada de batatas, melancia, goiabada e café.

Na ocasião o comandante do Colégio Militar em breves palavras, manifestou a sua satisfação pelo êxito alcançado nas manobras, congratulando-se com os oficiais professores, instrutores e pais dos alunos.



travar conhecimento com o mais moderno armamento, como as poderosas bazookas, destruidoras de tanques e com o canhão sem recuo.





Terezinha.

O NATAL E SUAS TRAGÉDIAS já se aproximam. Será que esta primeira frase foi chocante? Muitos dirão que foi uma frase pouco cristã. Mas a verdade é que o Natal já perdeu de muito seu significado religioso, para tornar-se a principal data dos mercadores. A única esperança que nos resta é a de que em breve a exploração comercial terminará por devolver sentido puramente religioso ao Natal, já que poucos poderão acompanhar as celebrações mais mundanas.

Eu já estive cogitando de pintar alguns cartões a mão, para que as pessoas que os receberem sintam que, se não houve presente, pelo menos o cartão me deu certo trabalho. Contudo, quando penso que o D.C.T. provavelmente os perderia a todos ou faria a entrega nas Festas Juninas, perco logo a inspiração artística.

Enfim, vamos supor que o Natal é mesmo protegido por um velhinho de barbas brancas e roupas vermelhas, que nos traria — se não o que nos daria prazer — pelo menos o que de mais necessitamos.

PARA O CAFÉ-SOCIETY a Modéstia não poderia ser colocada nos sapatos à janela, ou nas meias, já que poucos reconheceriam o presente. Mas há outras coisas. Baby Pignatari poderia ganhar um retrato na capa do "Time Magazine". Para Didu de Souza Campos o prático seria um uniforme de jogador de "rugby" americano, mas para ser usado jogando pólo. Já Yvone Lopes merecia ganhar um escritório comercial, em Portugal, digamos. Falando em nomeações, o que poderia ser mais ideal como presente para Neuza Ferreira que ser nomeada diretora do Departamento de Turismo? Para Jorge Guinle temos o presente ideal: uma americana de 25 anos de idade, loura com um metro e setenta e cinco de altura, e que sabe tocar contra-baixo. Norma Primo por sua vez ganharia um bilhete de loteria premiado. Ricardinho Fasanello ganharia a própria Loteria. Nossa elegante Lêda Ribeiro seria feita a principal acionista das lojas de modas "Seveteen". Eunice Modesto Leal receberia uma peruca autêntica usada por alguma histórica rainha francesa. Mas Virgílio Carneiro só queria um presente: poder conversar com o diabo que foi amigo do célebre Doutor Faust.

NO SETOR ARTÍSTICO seria de mau gosto Papai Noel pendurar Talento na árvore de Natal. Se a maioria já chegou até aqui sem isto, para que ofendê-la agora? Nosso bom Carlos Machado seria agraciado com uma das mais modernas invenções: um "ro-

KALEIDO



Ary.



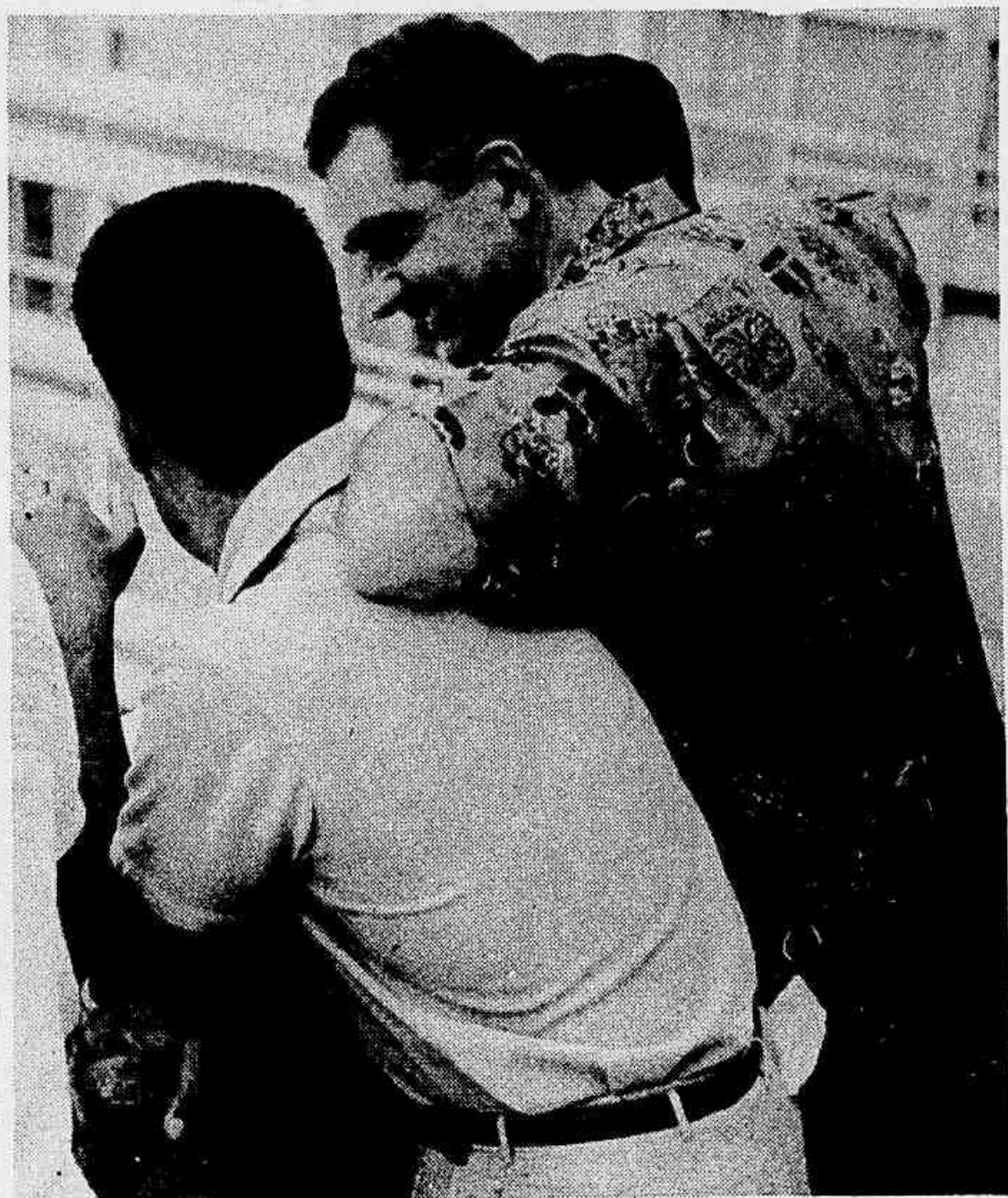
Eunice.

SCÓPIO

CHUCK WOODWARD



Sílvio.



Baby.



Norma.

bot" à sua semelhança, que passaria de cotovêlo impinado, cigarro a altura dos olhos, enquanto o produtor ficaria em casa assistindo, deitado, ao Botafogo jogar pela televisão. Aelson Trindade, figurinista de "Tourbillon", receberia um livro de combinação de côres. Ary Barroso acordaria no dia 25 de dezembro para encontrar no armário um fardão da Academia Brasileira de Letras. Já para a talentosa Terezinha Austregésilo, Papai Noel faria a direção da "Gôndola" contratar uma orquestra, da qual Terezinha seria a "crooner". Norma Benguel encontraria no seu camarim um microfone eletrônico (sem fio) e toda a instalação pronta. Nélia Paula seria nomeada massagista oficial dos Jogos da Primavera. Falando em nomeações, Djalma Ferreira seria eleito diretor-social do Country Club. Sílvio Caldas seria contratado para a versão musicada de "O Velho e o Mar". O famoso galã Eugênio Carlos seria pedido em casamento por Lady Vivien Leigh. E Aurimar Rocha conseguiria com que o general Amaury Kruehl assinasse contrato para ser um dos detetives na peça "Pedro Mico".

SEM ESQUECER OS COLEGAS da Imprensa sadia brasileira, aconselharíamos ao bom Papai Noel os seguintes presentes para os seguintes gênios do jornalismo: Paulo Francis seria nomeado diretor do Serviço Nacional do Teatro. Sérgio Porto seria incluído na lista dos "10 Mais Elegantes" do Ibrahim Sued. Antônio Maria veria o Segundo Distrito Policial ser instalado em frente ao "Sacha's". João Rezende assumiria a chefia da publicidade da Varig. Jacinto de Thormes substituiria Vicente Feola no próximo campeonato de futebol internacional. Jeff Thomas receberia um chamado para ser o chefe do departamento de divulgação do Palácio de Buckingham. Finalmente, há alguns cujo melhor presente que poderiam receber seria serem mencionados nas minhas colunas. Infelizmente, isto terá que ser pedido diretamente ao Papai Noel...

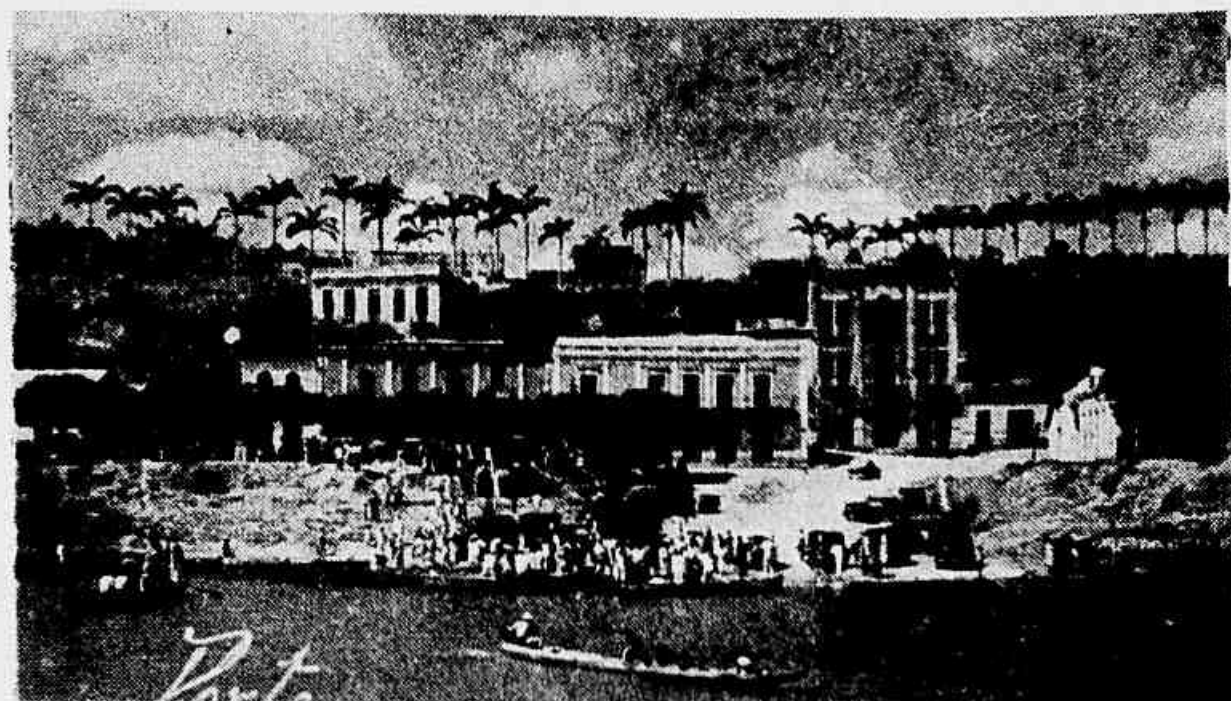
PARA MIM MESMO já sei que muitos fariam sugestões. Uns diriam que meu melhor presente seria ser contratado para o "Night and Day", outros afirmariam que a melhor coisa que eu poderia receber seria a demissão do Ibrahim Sued do colunismo. Na verdade, nenhum destes dois fatos me agradaria. O presente que eu mais desejaria, seria a instituição de uma agência para as quais os colunistas escreveriam, e a agência se encarregaria de vender a dezenas de jornais do país inteiro as colunas. Assim são as colunas, reportagens e até histórias em quadrinhos nos Estados Unidos. Se alguém quiser dar este presente aos colunistas, pode começar hoje mesmo. Inclusive ganharia muito dinheiro.



Corumbá — a cidade branca — confinada entre a floresta e o rio Paraguai.

ROTEIRO DE CORUMBÁ

HARRY LAUS



A LISTA DE telefones da "cidade branca" é ímpar. Além dos aparelhos aparecerem por assinantes, enderêço e profissões, vêm registrados por ordem crescente de numeração. "Se souber o número do telefone, procure na seção numérica continuada" — ensina o catálogo.

O raciocínio normal de quem recorre a um livro dessa espécie parece-me ser: "Qual será o telefone de Fulano?" — Ou então: "Não me recordo do sobrenome mas sei que mora na rua X..." — Ou ainda: "Sei que Fulano é dono de um bar, ou armazém, etc., etc." — A relação numérica vem ampliar as perguntas num sentido desconcertante:

— Quero falar com o número 331. A quem pertencerá? — fala-se com o número e não com a pessoa.

Outra serventia:

— Preciso de uma ligação com o Banco do Brasil. Será 315?

— Vai à lista continuada e... não é. Por tentativas, acabará descobrindo.

Confesso estar envergonhadíssimo; a finalidade me foge. Será para saber-se o total de telefones da cidade? Em Corumbá existem 464 assinantes. Não pode ser. Tal informação cabe em meia linha impressa.

Mas o resto são qualidades, na Lista Telefônica Classificada de Corumbá. É um guia da cidade, útil a todos. Horários de bancos, repartições, movimento de trens e até preço de passagem; exigências para exame de motorista, multas do tráfego, leis de sêlo e — parte mais importante — um roteiro para monografia do município.

População da cidade, estimada em 1954, 29.563 habitantes. Temperatura máxima, 43; mínima 5 graus. Prevalece a nacionalidade brasileira na população mas existem também sírio-libaneses e turcos, que se dedicam ao comércio, paraguaios e bolivianos que "se voltam mais aos trabalhos braçais". Economia: pecuária e extrativa mineral.

O capítulo da produção justifica a fama da região com caça e pesca:

"O rio Paraguai e seus afluentes têm abundância de pesca, destacando-se o pacu, pintado, surubi, dourado, sardinha, pacupeva, jaú, bagre, curvina, giripoca, jurupencem e piranha.

"Havendo um Sindicato de Pescadores cujo produto de pesca é consumido no município e exportado a maior parte do peixe dourado para a Capital do Estado de S. Paulo (sic). A caça também é bastante rica em onça, jaguatirica, caititu, capivara, veado, tatu, etc. sendo as peles silvestres industrializadas fora do município. A produção de lenha extraída das matas que apenas bordejam os rios supre o consumo municipal e é ainda aproveitada pelas empresas de navegação e indústria de ferro.

"Conta Corumbá com uma fábrica de ferro gusa, extraído do Morro do Urucum, a maior mina de manganês do mundo, uma fábrica de cimento moderníssima com capacidade de produção de 50 mil quilos diários; grande extensão de areias e vários fornos de cal, tijolos e congêneres".

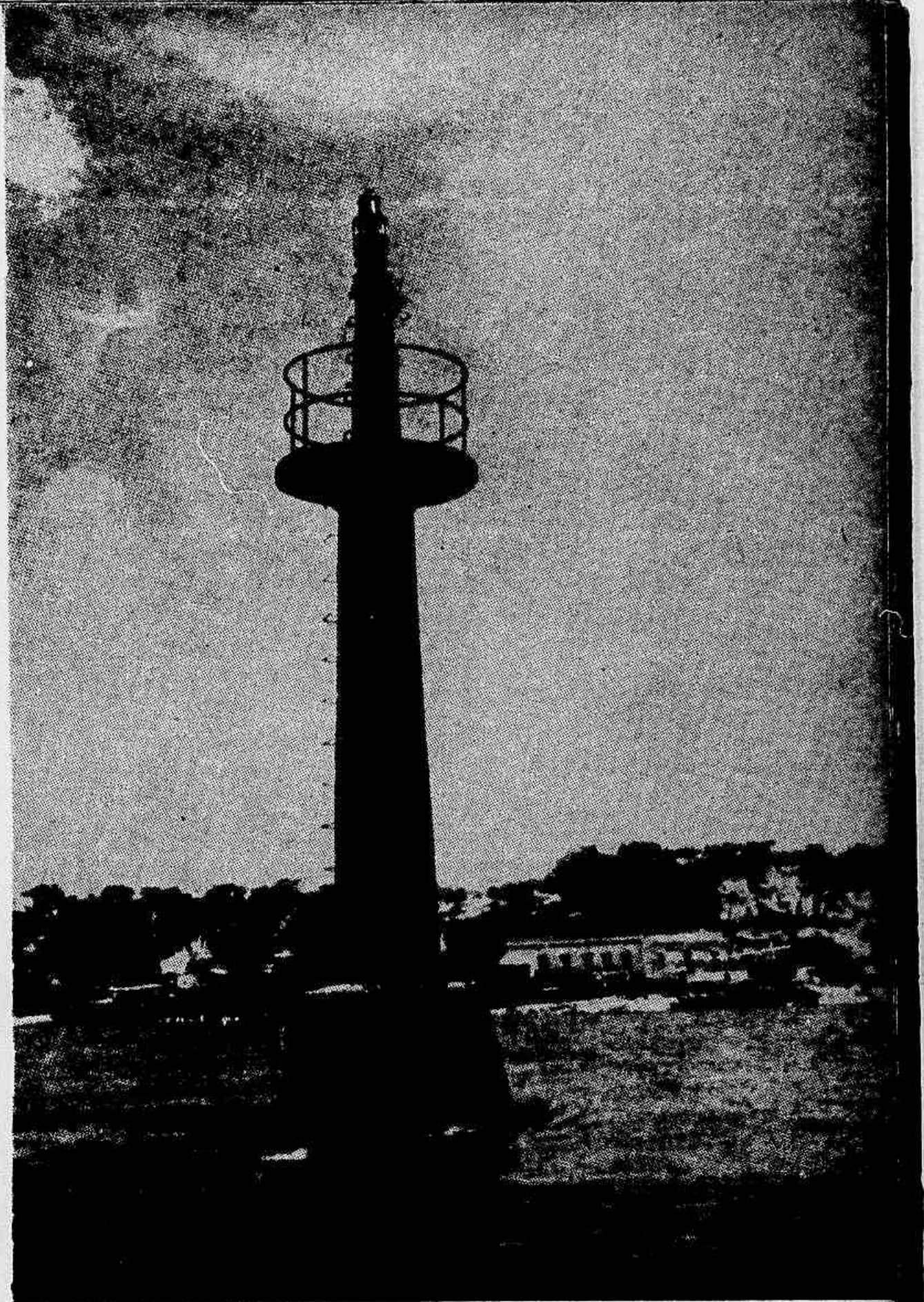
A natureza pantanosa do solo dificulta a abertura de estradas de rodagem. De carro não se vai a Campo Grande, a Cuiabá, somente à Bolívia. Aviação, trem, transporte fluvial resolvem o problema de ligação com o resto do Brasil. E o quadro de distâncias entre os aeroportos (somadas ao preço sempre crescente das passagens) anula nosso desejo de viajar: para São Paulo, 1276 Km.; para o Rio, 1649.

Na lista telefônica figuram não só assinantes como "todos os interessados que desejarem a expansão dos seus negócios e em especial dos visitantes que aportarem esta Cidade Branca". Assim está escrito. Não sei se é o caso dos turistas se inscreverem no livro.

Sob a rubrica de criadores de gado figuram 822 nomes, salvo erro ou omissão em minha contagem. Em 21 fazendas há pistas para avião.

Qualquer pessoa, consultando a Lista, estará armada de boa fonte de informações. Falta a planta da cidade. Substituiria muito bem a tal relação numérica continuada.

Sempre imaginei a cidade à margem esquerda do rio Paraguai. Pois fica à direita, aparentemente em território boliviano, margem alta em contraste absoluto com a outra, baixa e plana, su-



jeita a inundações periódicas. Assemelha-se com cidades do Nordeste, do Estado do Rio, de Santa Catarina.

O Grande Hotel fica na esquina das ruas Frei Mariano e João Pessoa. A primeira, partindo da barranca do rio, sobe até à estação provisória da Estrada de Ferro Brasil-Bolívia, numa extensão aproximada de dois quilômetros. Eixo Norte-Sul. A rua João Pessoa forma o eixo Leste-Oeste, cerca de quatro quilômetros desde o quartel, limite Leste, até às proximidades do aeroporto, que a encerra a Oeste. Tome-se a cruz dessas ruas, tracemos paralelas e transversais e teremos Corumbá, "cidade branca", "o maior parque industrial de Mato Grosso", como diz a estação de rádio local.

O centro comercial aproxima-se do rio, nas duas primeiras quadras da Frei Mariano e nas transversais 13 de Junho e Delamare. Comércio de toda a espécie, artigos importados de São Paulo e Rio, também rêdes tipo Nordeste penduradas às portas.

Letreiro de um bar: "Fiado 5 letras que choram..." — Indicativo de lotação: "Mauá-Méier" (não existe nenhum lugar com esses nomes).

Apenas os trechos comerciais das ruas são calçados. Uma poeira esbranquiçada levanta-se por todo o resto da cidade. Mas há uma beleza latente nas ruas: os flamboyants. Quilômetros e quilômetros dessas árvores acompanhando casas, quando florirem hão de aniquilar de vermelho o colorido das fachadas.

Iluminação fraca, luz fria na Praça Independência com parque infantil e coreto (haverá retretas?) e na Avenida General Rondon, enfeitada com palmeiras imperiais, próxima à barranca do rio. A luz não consegue atravessar os flamboyants e as famílias, como no Nordeste, aproveitam a fresca da noite nas calçadas.

Há um marco de cimento no cruzamento de duas ruas centrais. Marco Zero da cidade. Sem elegância, grosseiro, ostenta quatro mostradores de relógio no topo. Todos os ponteiros parados, cada face num ângulo diferente...

(Trecho do livro "Diário de Corumbá", em preparo).

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON N° 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON N° 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, e eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 708 — Rio de Janeiro.

Queiram enviar-me por Reembolso Postal um vidro de BÉL-HORMON N°

NOME
RUA N°
CIDADE
ESTADO

Por Vale Postal Cr\$ 180,00
Para o Correio de S. Cristóvão

**EU SEI TUDO
TODOS OS MESES**
Cr\$ 15,00

APRENDA A DANÇAR

CHÁ-CHÁ-CHÁ

DOIS E UM

GUARACHA

BOLERO

MARCHA

RUMBA

SWING

SAMBA

TANGO

MAMBO

BAIÃO

CHORO

VALSA

FOX

em apenas 10 dias, pelo moderno método do Prof. Gino Fornaciari, autor do livro «Como Aprender a Dançar», já em 9ª Edição, melhorada, contendo 140 gravuras, que permite a V. S. aprender em seu domicílio, sem professor. Faça seu pedido, pelo Reembolso, à Caixa Postal 649 — São Paulo. Cr\$ 130,00 — Encontra-se também à venda em todas as livrarias de Rio e de São Paulo. O Prof. Gino Fornaciari mantém um curso especial de Aulas Particulares, diariamente, das 9 hs. às 22 hs. à Avenida Liberdade, 120 — 2º andar — conj. 1 — São Paulo.

CARTAS

“Escrevo novelas, romances, etc., etc., estou escrevendo uma novela intitulada: “Ironia e Ilusão”. Gostaria de vê-la publicada, isto é uma aspiração que tenho desde os oito anos de idade, mas por oposição à minha família, somente agora atingida com a emancipação financeira: sou professora estadual, tenho 22 anos de idade. Bem, se o sr. se interessar por minha novela, enviarei os 5 primeiros capítulos, a fim de o sr. lê-las e julgá-las se são, ou não, aproveitáveis em a “Revista da Semana”, que é a minha revista favorita.”

Elbia Sônia de Arâmbula,
Livramento, R. G. Sul

§ Mande-nos cópia dos três primeiros capítulos, sem compromisso. É uma amostra suficiente. Por ela, poderemos dizer se o seu trabalho possui os requisitos necessários para a publicação na Revista.

O Editor

CORÇÃO FURA TUMOR

“Venho cumprimentá-lo, à R.S., a Maurício Caminha de Lacerda, pela belíssima reportagem “Corção Fura Tumor”. Belíssimos também os ensinamentos que nos dá mestre Gustavo Corção, criticando com justiça e invulgar coragem os problemas sociais de hoje. As soluções por ele apontadas são verdadeiras e necessárias para que tudo “entre direitinho nos seus eixos”. Parabéns.”

Tito Madi — D. Federal

AUTORIA

“Não apareceu o nome do autor da reportagem “Minha Tarefa é Aliviar Tensões”, do número 47. Como acompanho todos os números da R.S. e já estou habituado com o estilo de alguns dos redatores, tenho quase certeza de que o referido trabalho foi escrito por Maurício Caminha de Lacerda. Acertei?”

Jaime Thompson — D.F.

§ Perfeito, seu Thompson. A citada reportagem foi realmente escrita por Maurício, mas, por um lapso de redação, a assinatura não saiu. Pelo que pedimos nossas excusas.

O Editor

AMOR DE SOLDADO

“Na crônica de Renard Perez, intitulada “Jorge e Rachel”, há uma referência a um livro de Jorge Amado, publicado simultaneamente com “Gabriela, Cravo e Canela”: “O Amor de Soldado”. Sou antigo leitor de Jorge Amado, que considero o maior romancista brasileiro dos últimos tempos, conheço tôdas as suas obras, inclusive “Gabriela”. Mas não ouvi falar nesse “Amor de Soldado”. Será que houve algum engano?”

Wilson Romero — S. Paulo

§ Não houve engano. O livro saiu em agosto, e é uma reedição. O seu primeiro lançamento foi feito há cerca de dez anos, e tinha como título “O Amor de Castro Alves”. Reeditado agora, com o novo título, achase incluído nas obras do escritor, publicadas pela Martins. V. poderá encontrá-lo em qualquer livraria do Rio ou de São Paulo.

O Editor

CONTO

“Não sou escritora. Jamais tentei escrever qualquer coisa, mas... coisas acontecem que às vezes nos fazem fazer coisas estranhas. Este conto, primeiro que escrevi (talvez último), foi baseado em uma história verdadeira, e por isso é humano.”

Renée Chene, Lins, S. Paulo

§ Muito fraquinho o seu conto. Literatura romântica, superficial, só poderia ser aproveitada em publicações especializadas.

O Editor

OPINIÕES

“Sendo eu amigo de um vendedor de revistas, na minha cidade, gozo da prerrogativa de “passar os olhos” nas mesmas antes de comprá-las. Acontece, porém, que desde há vários meses desanimo, ou melhor, fico impossibilitado de comprar a R.S. (que, aliás, me é muito simpática), não por preconizar idéias más ou subversivas, senão por apresentarem certas páginas fotografias de mulheres seminuas”. “Senhor Diretor, não consinta que retratos indecoro-

sos de mulheres libertinas e provocantes venham manchar a revista de V. Sa. Eles somente podem agradar a uma minoria de pessoas pervertidas. Muitos não se incomodam com eles e por isso compram as revistas que os apresentam. Contudo, se fossem substituídos por outros tantos normais e honestos, o órgão que os focalizasse não cairia no desaprêço destes, muito pelo contrário, ainda mais os agradaria. A maioria vota pela decência...”

Carlos Magno J. M. — B.H. — Minas

“Não me contive. Comprei imediatamente a revista, destaquei a foto do brôto de maiô e preguei na minha mesa de trabalho. Com aquela visão esplendorosa, sinto muito mais prazer em enfrentar a aridez do meu serviço. Com uma foto dessas por semana, não só a R.S. terá uma saída certa aqui na cidade, mas o trabalho aqui no escritório aumentará de muito o rendimento...”

Jorge Murtinho — Maceió



BAMBOLE

“Muito bonita a reportagem de abertura, no número 49: — “Bambolê, feérica epidemia nacional”. Bem escrita, viva, pitoresca. Mas, cá para nós, eu fiquei com minhas dúvidas a respeito daquela foto do cachorro jogando bambolê. É truque de fotografia, não é?”

Leonor Carvalho — D.F.

§ Não é, dona Leonor. A fotografia é autêntica.

O Editor

CADA VEZ MAIOR em São Paulo o **FRIDOFAN** — Fritz D'Orey Fan-Clube — que reúne uma fauna variadíssima: herdeiras quatrocentonas, grangestes endinheiradas, burguesinhas indóceis, funcionárias sapecas e caixeirinhas sonhadoras. Tôdas devotas do novo e jovem deus da velocidade paulistana, derramando ais, gritinhos e suspiros pela pista de Interlagos.

ESTÁ DANDO O que falar um Walter Moreira Salles que apareceu em Pernambuco, revolucionando os meios sindicais e lançando as bases de novo movimento proletário. A diferença entre o recém-chegado e o titular está na grafia: um se escreve simplesmente Walter Moreira Salles e o outro Walter Moreira \$a££e\$.

GENTE DO JOCKEY está pensando em lançar a candidatura de certo sócio à Academia Brasileira de Letras, na vaga de Olegário Mariano, embora o homem em matéria de escrever nunca tenha ido além de rabiscar o seu nome em talões de cheques, o que faz com certa facilidade e leviandade. A iniciativa está sendo justificada pelo entusiasmo com que o quase-candidato atropela as lady-crooners da cidade, durante o seu celibato de veraneio. Para substituir o "cantor das cigarras", ninguém melhor do que "o cigarra das cantoras"...

SÃO MARAVILHOSOS os arranjos de Natal que Rossini Perez criou para a GEA. Aliás a galeria dos Camargo está se transformando numa espécie de QG do bom gosto em Copacabana. Uma visitinha a GEA sempre enche os olhos.

A VOLTA DO BAILE do Galo Vermelho só pode ser recebida com satisfação. A Bahia, que está encarando o turismo tão a sério, não poderia ficar sem esta sua grande promoção carnavalesca.

GANHOU O 1.º PRÊMIO no Salão de Arte da Schell, seção de desenho, a Eloísa Dolabella, que inscreveu-se com um trabalho intitulado "Figura". Está mostrando suas habilidades...

ESTÃO CONTANDO a história como verdadeira. Segundo ela, os americanos finalmente teriam se livrado de um complexo que os persegue há muitos anos, por obra e graça do vate A. F. Schmidt. Depois do estouro malcriado nos 21, piquetes teriam cercado o quarteirão, carregando cartazes com os dizeres: "Schmidt Go Home!"

ESTÁ SENDO PROCESSADO pelo governador Jânio Quadros o cronista Marcelino de Carvalho. Ao contrário do que se possa imaginar, Marcelino não criticou as meias-confeções de JQ, nem tampouco os vinhos e molhos servidos em palácio. A briga, incrível que pareça, gira em torno de uma espelunca chamada "Vagalume", onde tem seu pouso mariposas da madrugada...

O STF dando ganho de causa a uma ação que envolvia gordos interesses do nosso caro Didu, deixou a elegante figura de alma nova. Sabem lá o que é ver a construção de um edifício de apartamentos ser interrompida, com negras perspectivas pela proa?

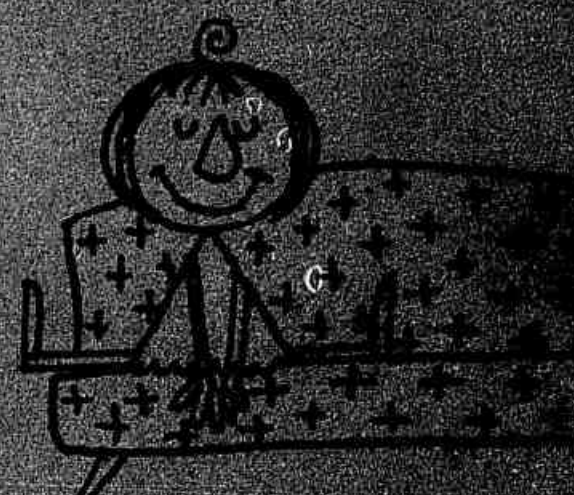
ANUNCIA-SE A INAUGURAÇÃO de uma legítima adega, liuboeta em Copacabana, com Amália Rodrigues garantindo a temporada inicial da casa. Uma excelente idéia. Lembramos apenas uma coisa ao pai da adega, o seu Mesquita: ar refrigerado. Sem ar refrigerado não há adega que se agüente neste Rio tropical, sirva o vinho ou bacalhau que inventar, cante a Amália que cantar.

MARIAZINHA SAÚDA euforicamente a chegada do limpa-praias adquirido pela PDF nos Estados Unidos e recomenda que o bicho esteja vigilante, durante todo o verão, no quarteirão do Copa e Excelsior, defendendo para a alta roda do turismo o conceito da nossa praia mais querida.

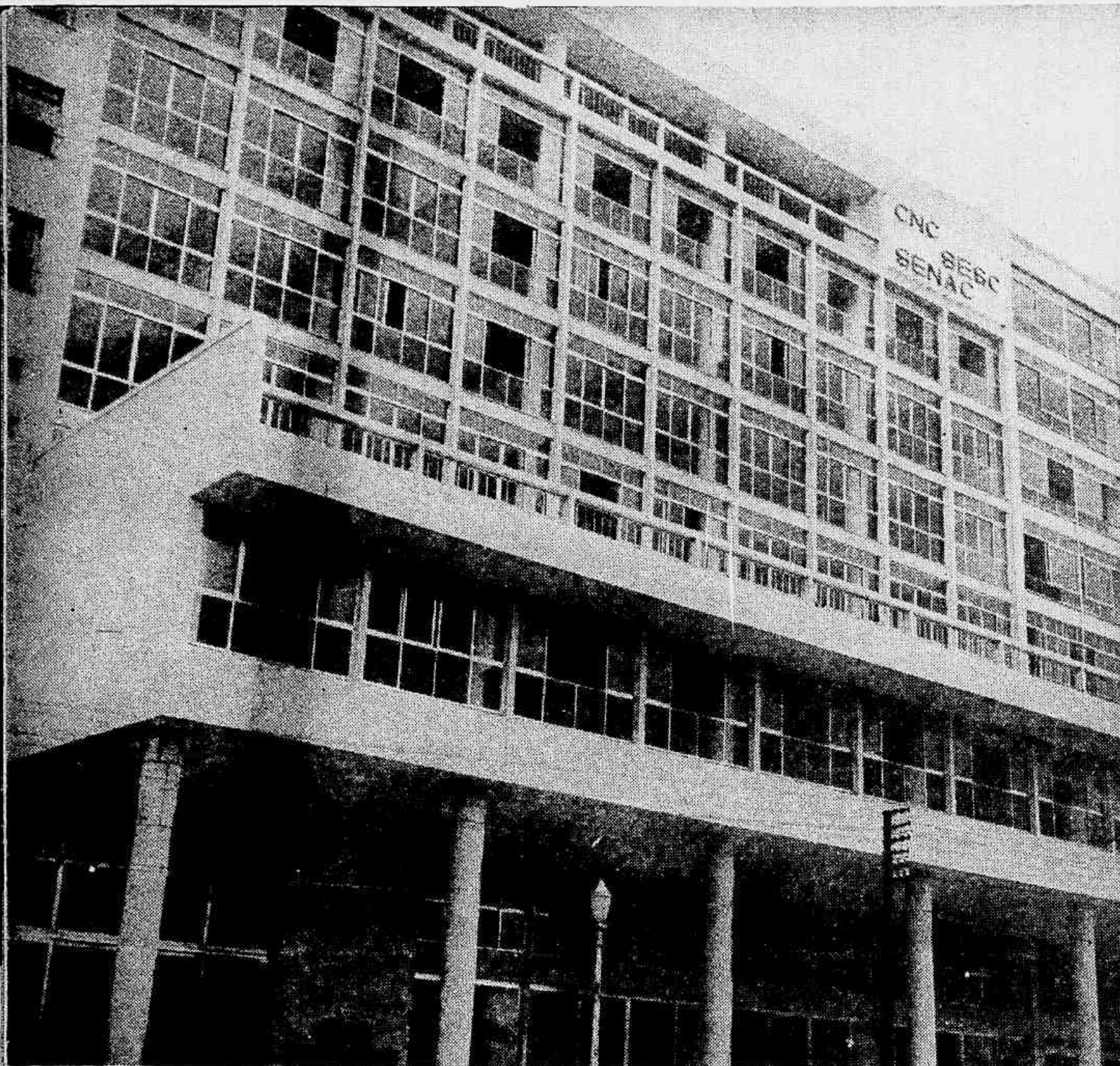
O **JAGADOR BELLINI** fez um sucessão na Festa do Saci, em São Paulo, principalmente entre certas senhoras e senhoritas da sociedade paulistana. O ouvido indiscreto de Mariazinha chegou a surpreender esta confissão de uma balzaquianna: "Este aí eu seria capaz de contratar para jogar futebol de salão comigo, todo fim de semana, em Guarujá".

O **SR. CARLOS GUINLE** chegou da Europa deitando entrevista e se queixando dos jantares que pagou em Paris, num choro que não fica muito bem para um Guinle de truz. O menino Jorge já deve ter pago, aqui mesmo no Brasil, contas muito maiores, sem nunca dar o estrilo...

O **HOMEM MAIS FELIZ** de dezembro é Cícero Leuenroth, eleito o publicitário do ano, título celebrado em prosa e verso, banquete e churasco, pelo capitão da Standard Propaganda e seus amigos. Para a felicidade ser completa só faltava mesmo um daqueles cavalinhos encabulados do Cícero ganhar uma corridinha no Jockey...



AS
VERDADES
DE
MARI
MARI



NOSSE ESFORÇO constitui permanente ato de fé — em nós mesmos e no País que havemos de entregar maior e melhor às gerações de amanhã — disse o sr. Brasília Machado Neto, no discurso que pronunciou na solenidade de posse da nova Diretoria da Confederação Nacional do Comércio. E, completando o pensamento, afirmou: “Porque acreditamos na nossa capacidade, pregamos a livre iniciativa, único signo sob o qual julgamos possível empreender democraticamente, utilizando as armas da concorrência leal, e exercer a plenitude do direito de pensar e de agir.

Prestigiando com a sua presença o ato solene, com o qual se inaugurava, também, a nova sede da Confederação Nacional do Comércio, em edifício próprio, que recebeu o nome de “Visconde de Cairu”, disse o

Edifício “Visconde de Cairu”, nova sede da Confederação Nacional do Comércio, inaugurado no dia em que foi empossada a diretoria da entidade sindical máxima do comércio brasileiro.

Governo e Comércio

UNIDOS PELA REDENÇÃO DO BRASIL



Vista da assistência que lotou completamente o auditório da nova sede da Confederação Nacional do Comércio, à Av. General Justo.

Presidente da República, sr. Juscelino Kubitschek de Oliveira, que ali estava, juntamente com os líderes do comércio, voltado para a causa do engrandecimento e da redenção do Brasil, com a colaboração de homens práticos, imbuídos de uma noção objetiva da realidade brasileira. Louvou a colaboração sempre recebida da entidade representativa do comércio, cujo papel como órgão consultivo do Governo e cuja política assistencial em favor dos comerciantes e suas famílias, através do Serviço Social do Comércio e do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, mereciam os melhores aplausos. Manifestou, ainda, a sua confiança em que continuaria contando com a compreensão do comércio para as medidas de emergência que o Governo tem sido levado a adotar na atual conjuntura.

A dupla solenidade, realizada no dia 28 de novembro último, constituiu-se numa festa de confraternização das classes produtoras, além de reunir figuras representativas dos círculos administrativos, políticos, sociais e econômicos do País.

Viam-se presentes, além do Presidente da República, o ministro do Trabalho, sr. Fernando Nóbrega; da Educação e Cultura, sr. Clóvis Salgado; da Saúde, sr. Mário Pinotti; o prefeito Sá Freire Alvim, membros do Conselho Técnico da Confederação Nacional do Comércio, diplomatas, parlamentares, os presidentes da Confederação Nacional da Indústria e da Confederação Rural Brasileira, srs. Lídio Lunardi e Íris Meinberg, representantes das classes produtoras de todo o País e das demais autoridades, e convidados especiais.



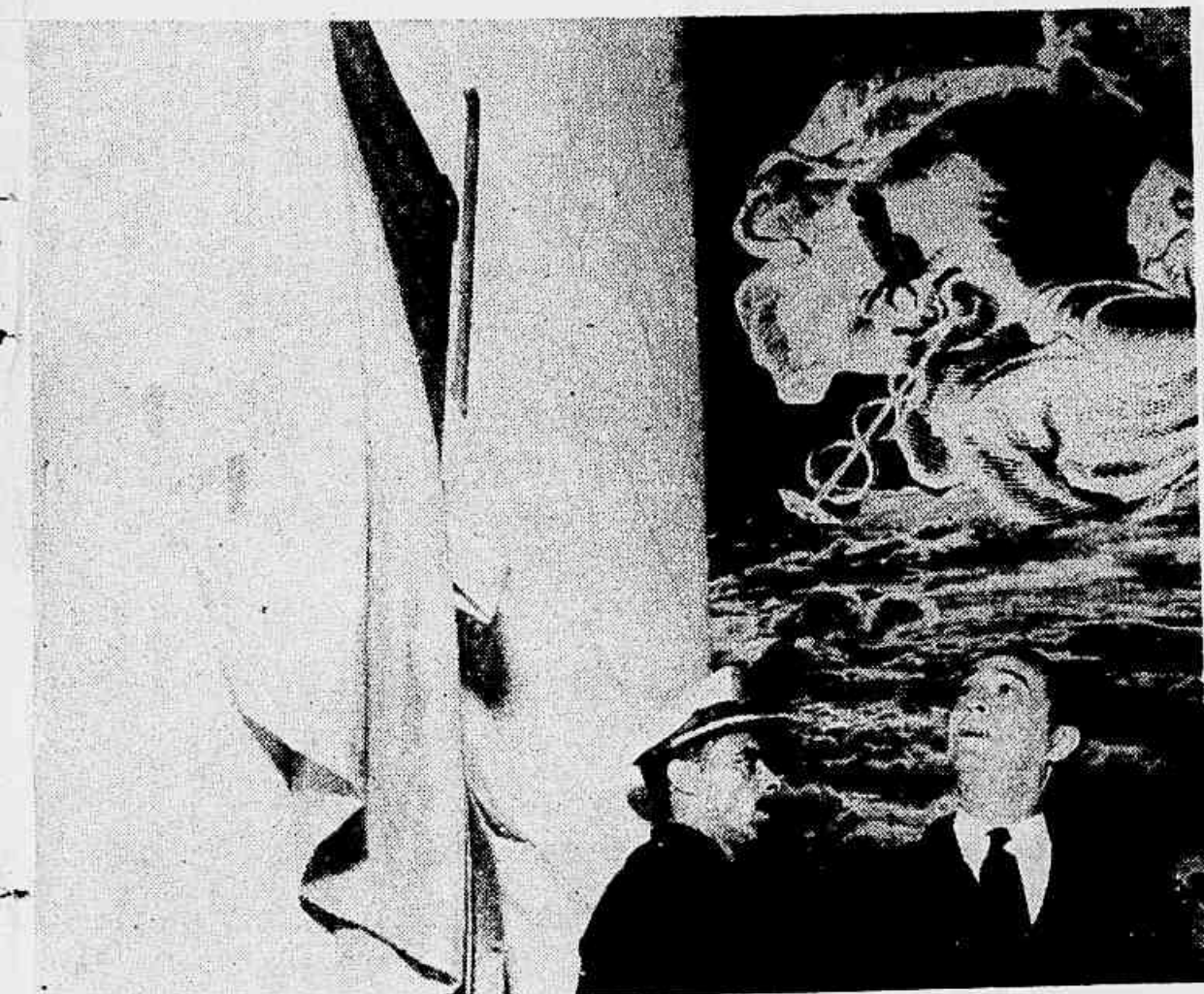
Brindam-se o presidente Juscelino Kubitschek e o sr. Brásio Machado Neto, presidente da C.N.C., pela prosperidade do Brasil, sob o signo da livre iniciativa.



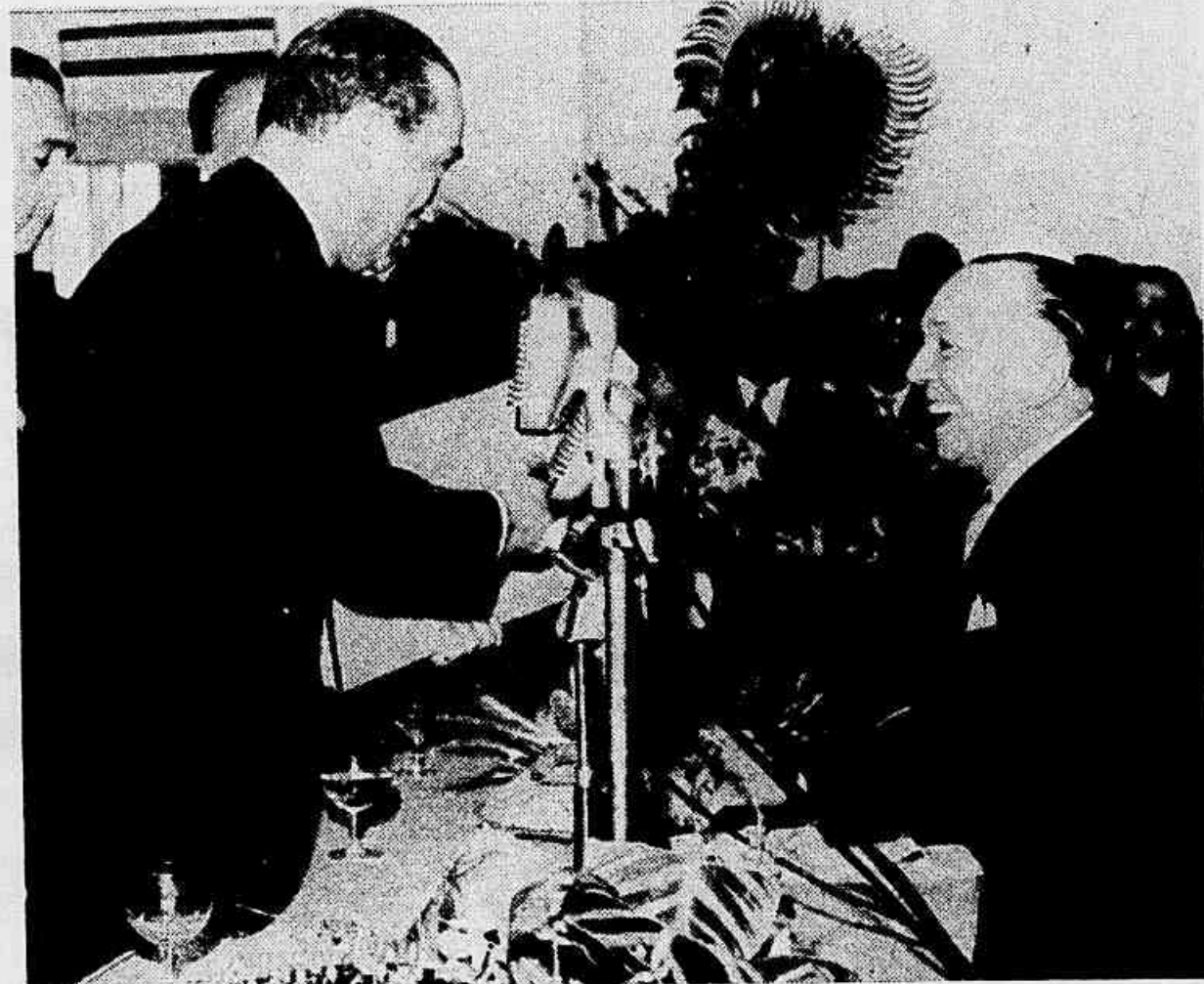
A unidade de pontos de vista entre o governo e os homens de empresa foi ressaltada em seu discurso pelo presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira.



Louvou o presidente da C.N.C., sr. Brásio Machado Neto, medidas do governo em relação às dificuldades enfrentadas pelas classes produtoras.



O presidente Juscelino Kubitschek descerra a placa da nova sede da Confederação Nacional do Comércio, inaugurando o Edifício "Visconde de Cairu".



O sr. José Carlos Pereira de Souza, diretor da C.N.C., entrega ao Presidente pergaminho contendo apoio do comércio à mudança da Capital para Brasília.



FEMININAS

ORIGINALIDADES DE PARIS

TRATAMENTOS DE BELEZA

PEQUENOS TRATAMENTOS de beleza podem ser feitos por nós mesmas sem perigo, a não ser que existam espinhas, feridas ou outras inflamações delicadas.

MÁSCARA DE CLARA DE ÔVO: separar a clara e bater um pouco, em seguida, espalhar por todo o rosto que deve ser bem limpo de qualquer creme, deixar secar, conservar esta máscara uns 10 ou 15 minutos, e lavar devagar com água fria. É um ótimo e natural adstringente.

DUAS FRUTAS MUITO BOAS para máscaras do rosto e até do pescoço são o damasco fresco e o morango: a primeira basta cortá-la em dois e, diretamente, com a fruta esfregar levemente o rosto deixando permanecer a polpa da fruta assim espalhada, como se fôsse um creme de beleza, durante 15 ou 20 minutos. De preferência ficar imóvel pois essa fruta seca depressa e forma uma espécie de pelica seca. Em seguida, lavar o rosto e o pescoço com água fria, sem esfregar e tantas vezes quanto fôr necessário até o rosto ser desembaraçado da máscara. O efeito sobre a pele é surpreendente; só sentimos ser essa fruta de curta estação.

OS MORANGOS DEVEM ser amassados em creme e aplicados da mesma forma. As pessoas cuja pele é muito seca, devem

aplicar uma ligeira camada de mel no rosto e deixá-la permanecer um pouco. Com nenhuma dessas máscaras deve-se adormecer.

PARA QUEM NÃO quer ter trabalho existem cremes de beleza à base de todos esses produtos mas convém ter sempre em mente que quando usar um produto de Beleza, ele deve ser de boa qualidade e fresco como o próprio leite puro ou o próprio creme de leite para comer.

AS AFAMADAS CASAS PARISIENSES aconselham agora uma maquiagem para de dia completamente diferente da destinada às "soirées" sendo este muito mais forte e de tonalidades mais acentuadas. É aconselhável passar o pó de arroz em todo o rosto, e, para quem usa rimel, passar o pó também nos cílios pois o rimel segura melhor nos cílios.

O ARMINHO DEVE SER substituído pelo menos de três em três meses, mas lavado com bastante frequência. Se costuma ser acordada, muito cedo, pela luz forte da manhã, convém usar "a borboleta" para os olhos: trata-se de um pedaço de pano preto em forma de óculos e amarrado nos olhos, cujo emprêgo é muito reconfortante, para as pessoas sensíveis à luz.

MICHEL GOMA

EIS A ÚLTIMA novidade parisiense

à direita: calça de astracã,
estilo toureiro, com blusa de seda
côr de laranja com motivos
bordados em lã preta. A mesma
calça e blusa igualmente de
astracã com calçados "ballerines".

PARA O VERÃO

CALLAO: conjunto para praia em
algodão estampado e, à direita,
"Emeu", conjunto para praia,
casaquinho abotoado, slip e soutien
em loveline estampada.



A CRIANÇA ASSISTIU, EMOCIONADA,

A CHEGADA DE PAPAI NOEL

O NATAL está às portas. A meninada começa a ficar aflita, a encher suas listas com os pedidos de presentes mais mirabolantes, preocupando os papais. Em cada casa do Brasil, nas pobres, nas ricas, a excitação deve ser mais ou menos a mesma. É o momento chegado do garoto ter em suas mãos uma bicicleta bacana igual a de seu colega da pracinha, o ursinho que toca bateria, enquanto fica abrindo e fechando os olhinhos amarelos, ou o carrossel vindo do Japão (foi o papai que disse) que roda, roda, enquanto a musguinha fica tocando lá dentro — plim, plim, plim. O menino viu tudo isso no dia em que foi à cidade com a mamãe, e agora, no momento em que se aproxima o Natal, começa a fazer o levantamento de tantas maravilhas e organizar uma lista que não tem mais fim. Quem sabe, pode ser que Papai Noel o satisfaça. Ele estudou bem direitinho o ano todo, não fez muita travessura — vai escrevendo na carta. Na verdade, ele não estudou tanto assim, e fez umas traquinadazinhas, mas agora aquilo não conta — mesmo Papai Noel não precisa saber desses detalhes.

De repente, a grande notícia: Papai Noel vai chegar, no sábado,

de helicóptero. O velhinho descera em plena cidade, com sua sacola cheia de presentes e receberá, do Prefeito, as chaves da cidade. E a criançada, levada por seus papais, lá vai para a praça do Congresso, esperar o velhinho, vê-lo de perto. Todo o Atêrro fica cheio, desde às três horas da tarde, da garotada maravilhada. Duas horas angustiantes, sob o sol, mas duas horas maravilhosas. Finalmente, o grande momento. Lá vinha vindo, ao longe, no céu, o helicóptero da FAB. A criançada delirava, as cabeças levantadas, as mãozinhas para o céu. Da porta do helicóptero, o velhinho acenava. Mas não descia. Havia qualquer transtorno. O Prefeito, que devia recebê-lo, ainda não tinha chegado, e o helicóptero dava voltas e voltas... Finalmente tudo deu certo, o velhinho botou em terra as pernas cansadas...

E os meninos, os olhos a faiscarem, mas impossibilitados de se soltarem das mãos dos papais e lhe fazerem, pessoalmente, os seus pedidos, fechavam os olhos, e rezavam, rezavam. Rezavam para o velhinho não os esquecer. Olhavam Papai Noel. E viam pilhas de lambretinhas, de cineminhas, patinetes, bonecas, que o velhinho iria depositar na noite de 24, dentro dos seus sapatos...



sua
da
a a
odo
tada
oras
ndo,
ava,
do
quer
che-
tudo
e se
os
vam
viam
ne o
s...



AMBROZIO



Na
ge
pla
So
fic

pe
re
ca
à
do
en
m
ca
su
tr
pe
ca

ti
sè
sè
do

q
co
e
ca

cu
d
co
o
cu
p

q
J

A REVISTA HÁ 50 ANOS

Domingo, 13 de dezembro de 1908.

CAPEIA ESTE NÚMERO um desenho colorido, a propósito do Natal que se aproxima. Nêle, um anjo, os braços estendidos num gesto de acolhimento, a simbolizar a caridade, e, no primeiro plano, um velho casal, tendo a mulher uma criança no regaço. Sob o desenho, da autoria de Amaro, a seguinte legenda versificada:

Natal. Chegou dezembro — o suave mês dos dobres
De sinos a cantar em alegrias francas.
Oh vós que sois cristãos, de puras almas brancas
Lembraí-vos do Natal das criancinhas pobres!...

Na primeira página, Raulino fala, em sua crônica, da temperatura: "Depois da canícula severa com que Phebo nos favoreceu, tostando a crosta terrestre, do lado em que habitamos nós, cariocas submissos; depois da grande calma do verão, que aplicou à terra o cáustico das brasas, fazendo o termômetro perder a conta dos graus, elevados e obrigando os mortais ao bufar constante entre refrigerios e ventiladores, veio o aguaceiro, forte, destemido, valente, enchendo ruas, enlameando passeios, constipando canastros. Depois, o aguaceiro foi-se embora, deixando como substituta uma garoa leve, que de onde em onde ainda nos visita, trazendo como resultado a salutar temperatura que gozamos, um pedacinho da primavera no meio de toda a inconstância do clima carioca. Já é uma compensação."

Entra em seguida Raulino no terreno dos fatos, embora advertindo que nada há de especial a relatar: "Nota-se apenas a ausência de três cronistas que seguiram para a Europa e a soberba série de conferências com que muitos pretenderam combater as doutrinas de Ferri."

E o cronista conclui:

— "Para mim, a melhor de todas as respostas foi a do Dr. Laet, que soube ombrear com galharda pujança, e discorreu com vasto conhecimento dos assuntos tratados pelo conferencista italiano, e tudo adubado com uma inenarrável ironia aliada a um estilo castiço que empolga desde o primeiro período!"

"Estacionou alguns dias no porto a esquadra inglesa sob o comando do Contra-Almirante Sir Percy Scott. Houve uma série de festas em homenagem aos marujos e oficiais. A esquadra, composta de três cruzadores, passou cinco dias entre nós, e entre os passeios programados em honra dos tripulantes figuraram excursões aos pontos pitorescos da cidade. A Revista dedica três páginas, repletas de fotografias, a essa visita da esquadra."

Adiante, apresenta a R.S. as "fotografias dos compatriotas que organizaram e dirigiram os trabalhos" do Primeiro Congresso Jurídico Brasileiro, inaugurado no mesmo dia em que se abriu o

certame da Praia Vermelha e "cujo êxito está reconhecidamente proclamado". Diz ainda a nota: "Ficam, dêste modo, neste hebdomadário arquivados os nomes daqueles que levaram a efeito o Congresso, ideado no Instituto dos Advogados do nosso saudoso companheiro o Dr. Carvalho de Moraes. Foi este advogado, cuja memória nos é tão grata, que, na ilustre associação jurídica pediu que, por ocasião do centenário da abertura dos portos, se reunissem os juristas e estudassem várias questões de nosso direito."

Olegário Marianno, falecido a 28 de novembro de 1958, apresentava, neste número de cinquenta anos atrás, dois poemas. Tinha por essa época o poeta 19 anos e apenas se iniciava na literatura.

Chamam-se "Balada" e "Sonho de Louco", os dois poemas do futuro vate das cigarras, um dos quais transcrevemos, em homenagem:

SONHO DE LOUCO

Nos meus sonhos de amor quando te invoco e penso
Ver teu corpo, a tremer, pela parede nua,
Sinto dentro de mim, num misticismo intenso,
A minh'alma chorar com saudades da tua.

E tento recalcar a dor, que me extenua,
Mas, em doida espiral, como um ninho de incenso,
Pelo ambiente do quarto um perfume flutua...
Teu perfume parece ao frouxel do teu lenço.

Sinto dentro de mim todo o mal de um pecado.
O céu, por sobre mim, na quietude noturna,
Se desdobra e palpita, anelante e azulado.

E apareces então, vaporosa e dolente,
Na estranha procissão diabólica e soturna,
Das trevas que em redor dançam macabramente.

A nota pitoresca nos vem dos Estados Unidos: em Waterbury, no Connecticut, um importante comerciante — Mr. Burns, foi preso por ter beijado sua esposa, em um domingo, quando ia de Bridgeport para Waterbury. Foi por queixa de duas solteironas, já maduras, que se encontravam no *tramway*, que Burns foi detido. Conduzido perante o juiz Hungerford, este, depois de haver longamente refletido, declarou que não via bem como se podia condenar um marido que beija sua mulher. As duas queixosas, porém, observaram que ele a abraçara também e que isto se dava em um domingo, pelo que o juiz se decidiu a condenar o delinqüente a cinco libras de multa e às custas "por procedimento demasiado expansivo e ofensivo do respeito devido ao dia dominical..."

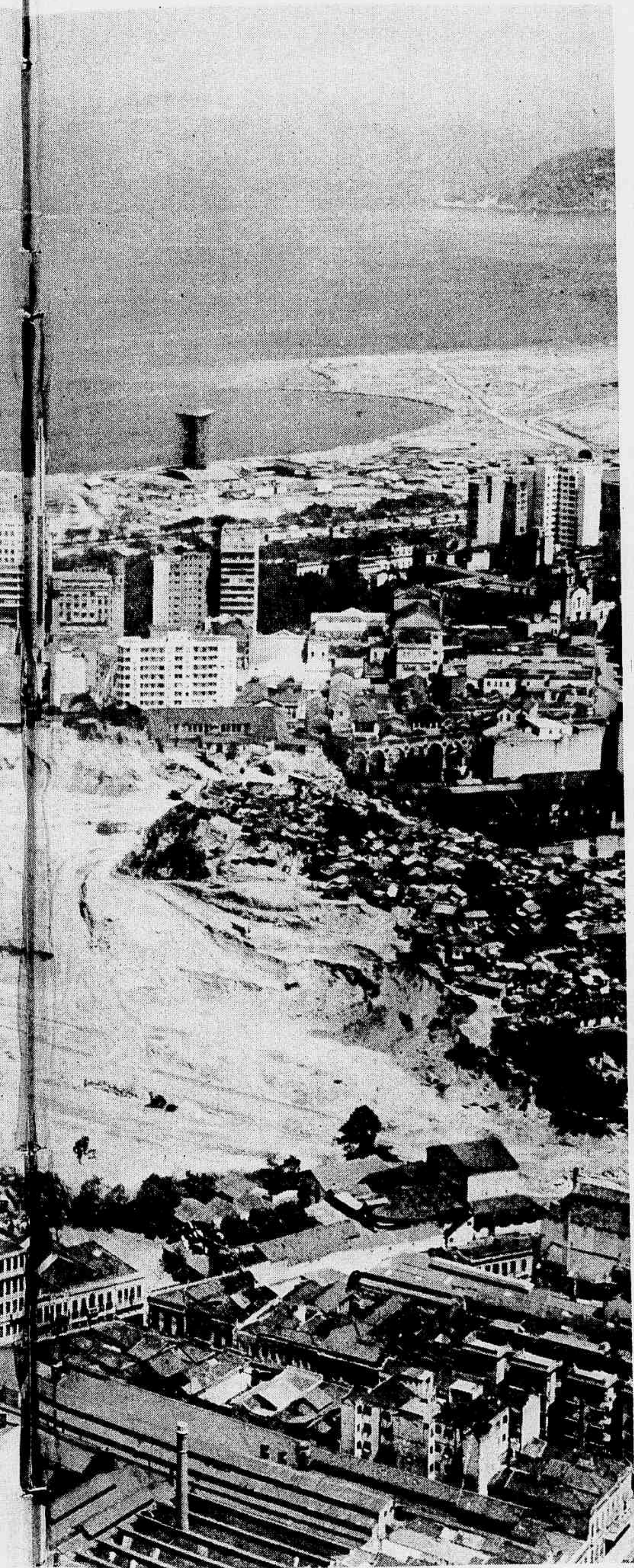
Era assim, há cinquenta anos...



Dois aspectos da chegada, ao Corcovado, do primeiro trem conduzindo excursionistas.



Cidade que não vai de sua valsa: Rio acorda sonolento, para o urbanismo. O desmonte do Sto. Antônio foi, finalmente, realizado.



URBANISMO

RIO, MEU NÊGO, TEU RECORD É DE PACIÊNCIA

HUGO SÉRGIO KOATZ

DE ACÓRDO com a moderna valsa do Rio de Janeiro este povo carioca é canaânico. Suas atividades mestras são: cantar e ser feliz. Se do interior de Goiás folhearmos as revistas que reportam as delícias de Arpoador, Copacabana, Corcovado, Pão e outras maravilhas com todo glamur jornalístico, ficaremos extasiados. Só belezas: imagine que felicidade cruzar na rua com este brôto de maiôzinho italiano, inspecionar a plantação tecnicolor de barracas na praia, dar um mergulho neste mar azul e provar outras amenidades. Toma-se um trem, bate-se no Rio e tome falta d'água, assalto à mão armada, caos no tráfego, desastre de elétrico, carestia de vida e outras mazelas. E, talvez pior que todos, seja o téttrico problema de morar. Se é que ainda se mora. Hoje se constrói um edifício de 500 cubículos com o apelido de apartamentos, empilham-se saletas, WCs, kitchinettes de qualquer jeito. Ao lado se levanta um igual. Em frente mais outro. Encadeia-se o cinturão de cimento armado. Os proprietários, longe do barulho e do desconforto, recebem em prestações a doce chuva de cruzeiros. E o homem, a mulher e a criança que

Mas continuamos pagando pelo crescimento defeituoso da cidade.

URBANISMO

Em 36,

Le Corbusier

anteviu o

desenvolvimento

caótico

da cidade.

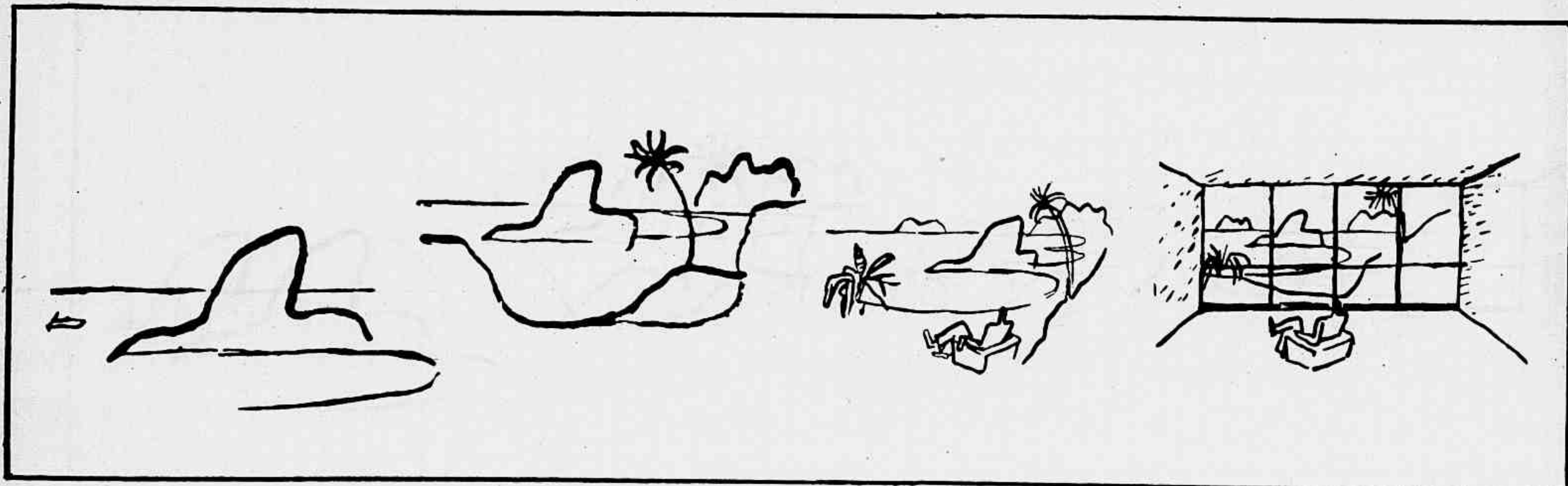
Plano geral de Le Corbusier: adotar um tipo de habitações de máximo aproveitamento; situá-las em locais próprios à moradia; situar separadamente comércio e indústria; criar ligações elevadas de tráfego grosso.

moram nestes edifícios? O homem precisa de comodidade para trabalhar ou descansar de seu trabalho. A mulher, de luz e ar para suas tarefas domésticas. A criança, de pátios e jardins para estudar e brincar. Pode ser que existam famílias que gozem destas necessidades. Mas não a de um funcionário comum; letra J, digamos. Não a esmagadora maioria das famílias que habitam a cidade. Para estas, nada resta senão sufocar nos prédios modelo-caixa de sapatos, uma janela para cada qual. Os construtores, estes espertos (para não chamá-los de nome pior), enquanto isto vão documentando à Prefeitura mentiras incríveis sobre as condições de moradia oferecidas. Mora-se mal no Rio de Janeiro. Mora-se em favelas. E mora-se cego diante da cidade e de sua natureza. A paisagem urbana tornou-se hoje puro concreto armado. Dura, monótona, persistente. Mar, montanha, árvore foram relegadas ao mostruário turístico, alheios à casa e à vida cotidiana do carioca. As avenidas, canais constantemente apinhados de carros, tornaram o pedestre um eterno ameaçado de morte.

O homem urbano luta para sobreviver em todos os sentidos. A cidade o asfixia. E poderia ser diferente? Sim. Mas enriquecer é muito melhor, pois não?

LE CORBUSIER, VOZ NÃO OUVIDA

Um francês, dentista por diploma, mas arquiteto no sangue e na alma, através das grossas lentes de seus óculos olhou o mundo e divisou a brutal transformação que se processaria nas cidades, este século. Seu nome: Le Corbusier. Traçava no papel novas cidades a serem erguidas sobre as velhas, que se tornavam indignas de acolher o ser humano. Os planos de Le Corbusier correram o mundo. Suas palavras exatas advertiam: "O século XIX precipitou em todas as cidades do mundo um caos amedrontador. Tudo aí é falso, terrível, cruel, feio, estúpido, inumano. É preciso pensar nos interiores das cidades. Devemos aproveitar os serviços que presta o avião. As cidades do mundo são



Le Corbusier, agosto de 36: "Meu sonho seria dar à esta capital o benefício do mar e da montanha, e que essa alegria lhes penetrasse nas residências e no coração.

A
er

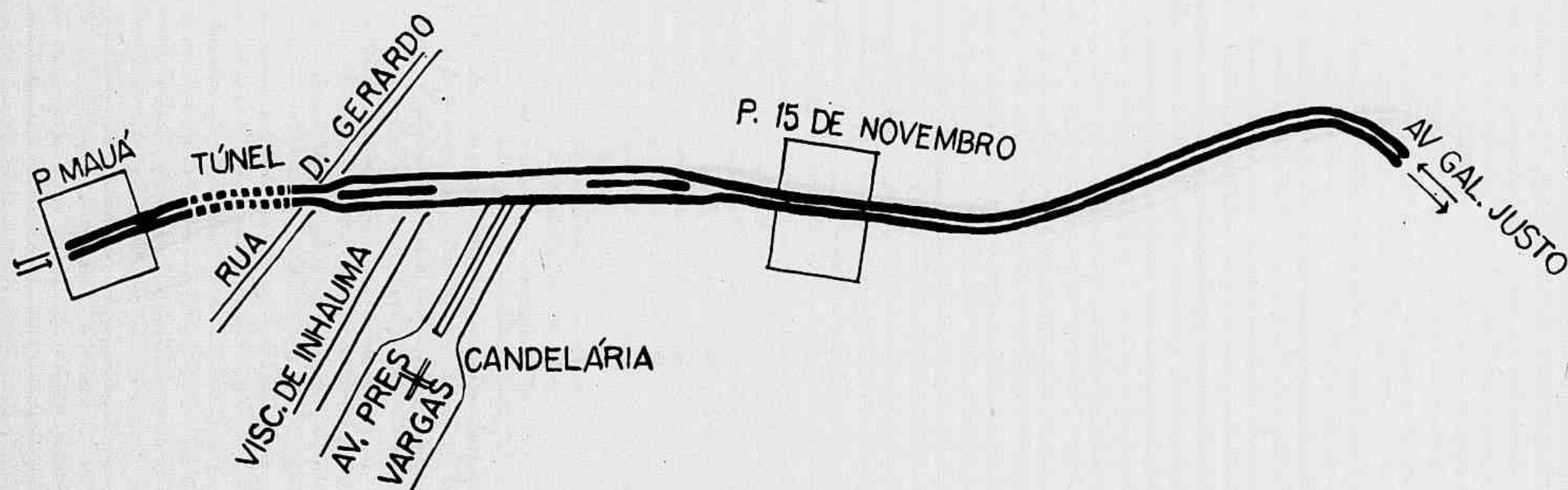
e
o
s,
is
n
r
o
e-
t-
o

-

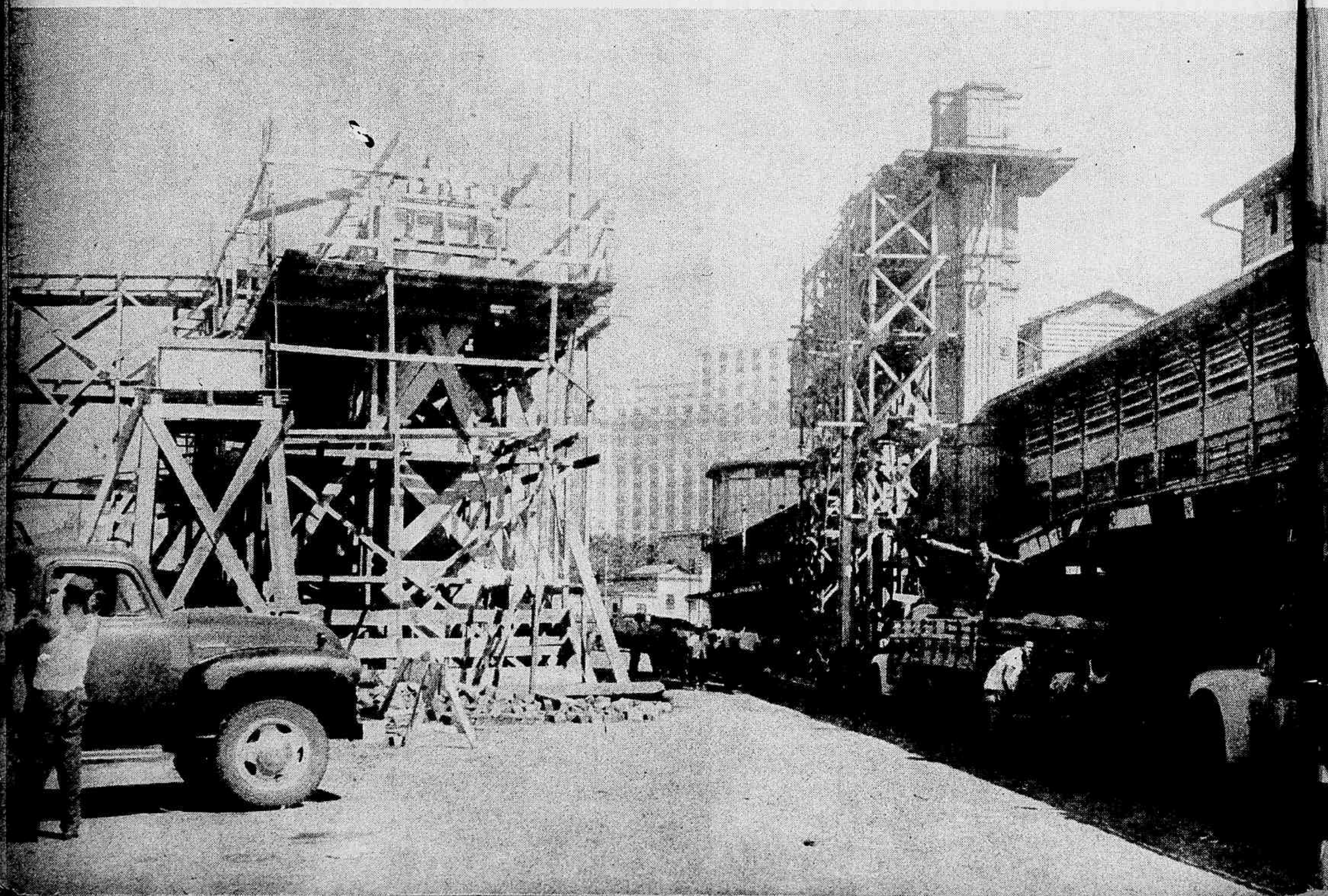
Arquiteto e urbanista, Le Corbusier falou ao mundo em cidades novas e saudáveis, com 88% de áreas livres e 12% de edificadas. Planejou um Rio diferente

Através da famosa lei 899, várias obras foram programadas. Já agora, sã

URBANISMO



Avenida Perimetral nasce em três fases: tendo como ponto de partida a Avenida General Justo, alcançará, por etapas a Praça o problema de comunicações entre Zona Norte e Zona Sul.



...são votadas verbas para a execução de outras. Serão terminadas?

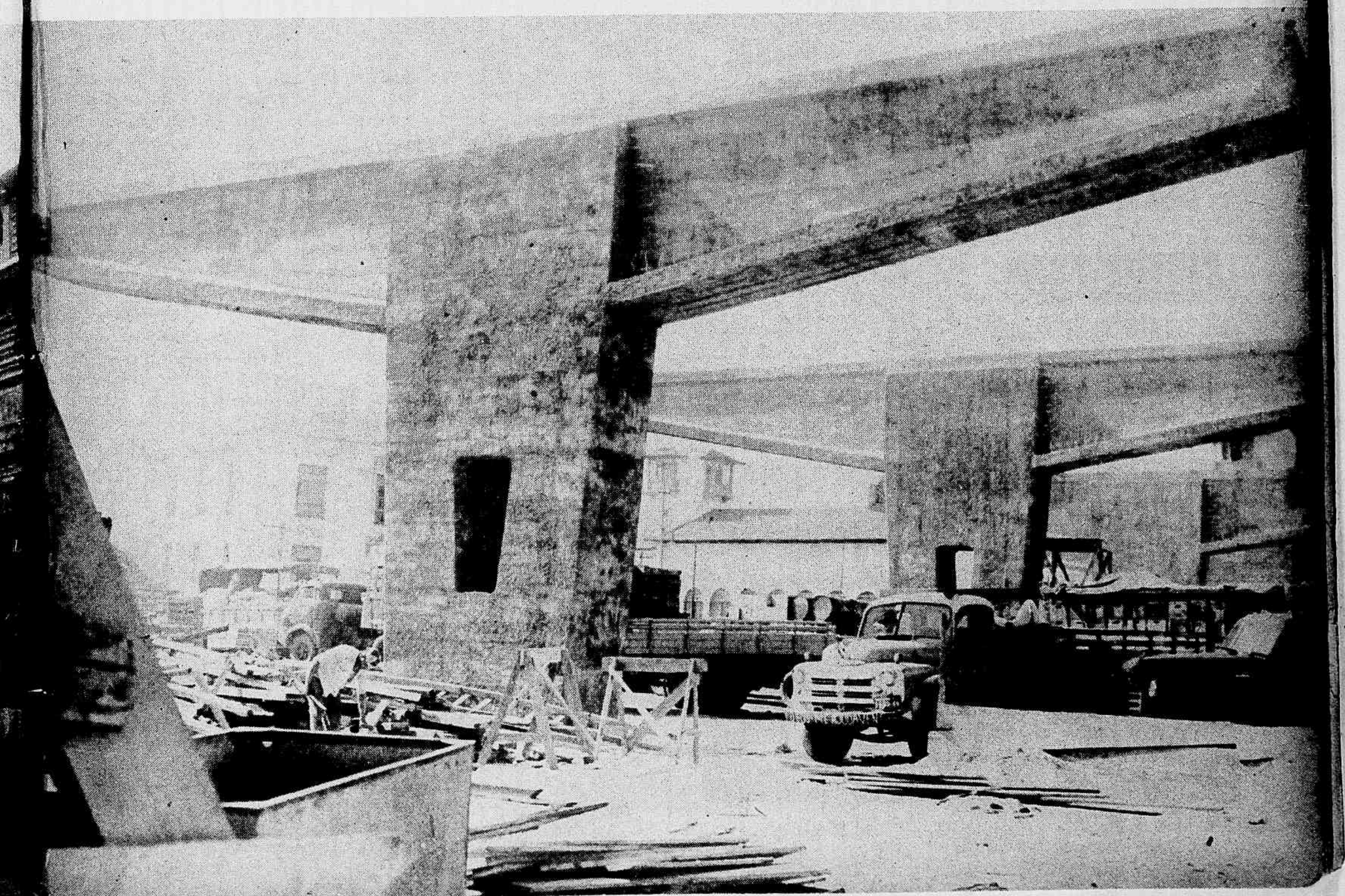
hoje convocadas para a grande metamorfose, para se salvarem do nada". Já se vão três décadas desde que foram ditas estas palavras. Le Corbusier falava de cidades novas, com apenas 12% de área edificada, com 88% de área livre em parques e playgrounds, com totalidade de área livre para pedestres, com autopistas de 5 m de altura para o tráfego de carros. Mostrava que era urgente a criação de planos que aproveitassem devidamente a geografia, a topografia, o clima, o modo-de-ser plástico e sentimental de cada cidade. A cidade que não proporciona boas condições de habitação, recreio, trabalho e transporte a seus povoadores, condena-os a uma vida desumana. Assim aconteceu com o Rio. Em 1929, Le Corbusier vinha ao Brasil. Sobrevoava a Guanabara e deixava no papel, de presente, o traçado novo que imaginava para a cidade. Em 1936, a convite de Gustavo Capanema, então ministro da Educação, voltava ao Rio, pelo "Graf Zeppelin". Deixava aqui o esboço do Ministério e o projeto da Cidade Universitária. Fazia conferências sobre arquitetura e urbanismo, mostrando a interpenetração existente entre as duas atividades. Elogiava rasgadamente Pereira Passos. A vista aérea que desenhou, ao sobrevoar pela primeira vez o Rio e que reproduzimos nesta reportagem, apontava soluções, e era a primeira advertência que fazia aos urbanistas brasileiros. Em 36, suas palavras ainda que por amabilidade um pouco contidas, deixavam transparecer um tom final de ultimato, de sentença, que ainda uma vez não encontraria eco em nosso poder público. Dizia êle: "Vossa cidade encontra-se atualmente às vésperas de grandes decisões de que podem resultar portas largamente abertas sobre o futuro ou obstáculos intransponíveis a seu desenvolvimento. A cidade estendeu-se de maneira descomunal e possui extraordinários recursos de paisagens. Meu sonho seria dar a

todos os habitantes desta capital a possibilidade de ter o benefício desses esplendores, o mar e a montanha, e que essa alegria lhes penetrasse ao mesmo tempo nas residências e no coração." E desenhava o homem sentado em sua casa, como que dentro da Guanabara e dentro da montanha.

HOJE: CIDADE FOI DA VALSA?

As palavras de Le Corbusier caíram no esquecimento. Ele próprio teve oportunidade de ver, nos dias de 36 que aqui passou, os princípios da grande corrida imobiliária de Copacabana. A exploração das mínimas áreas disponíveis dos bairros da zona sul para a construção de prédios, sem qualquer regulamentação que fôsse, prosseguiu por vinte anos, até atingir o irrespirável ponto atual. E o dinheiro engordou os bolsos daqueles que destituíram a cidade de seu clima e de sua paisagem. Um progresso estranho, urdido por aproveitadores, sacudiu o Rio de Janeiro. O carioca de 1958 paga pelos pecados do crescimento defeituoso da cidade. Sua valsa é diferente, sem vento do mar em seu rosto: o carioca está dançando ao som da lei 899. Para justificar o aumento de impostos que criou com esta discutidíssima lei, a Gaiola de Ouro houve por bem, através da mesma, dar origem a uma determinada empresa, que tratasse das feridas vias públicas municipais. Era a SURSAN. Achando-se, certamente, os maiores benfeitores da cidade desde Paulo Frontin, os vereadores que apoiaram a 899, programaram para a SURSAN um conjunto de obras que ficaria sob sua exclusiva alçada. Destas obras, a SURSAN — que vive de uma percentagem retirada do Fundo Especial de Obras Públicas (êste ano a percentagem irá a 1 bilhão) — pegou três já no meio do caminho. Elas são realmente de importância. E já que seria

15 de Novembro e a Avenida Presidente Vargas, a Praça Mauá e a Avenida Rodrigues Alves. Terá que resolver definitivamente



EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 380.00 — Casal Cr\$ 520.00
Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)
São Paulo — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»



Da beleza
do busto
depende
sua
elegância

**SENO
BEL**

Nº 1 para desenvolver seios pequenos. Nº 2 para reduzir e firmar seios volumosos.

A venda nas Drogarias: Pacheco — V. Silva, Neofarm, ou pelo reembolso — Cr\$ 200.00. Caixa Postal, 4 — Tijuca — Rio — Tel.: 48-3087. São Paulo: Caixa Postal, 3764. Tel.: 32-3507 — Porto Alegre: rua Alm. Barroso, 625 Tel.: 2-4328 — Belo Horizonte: Av. Santos Dumont, 664. Tel.: 4-2787.

CARECAS!

Não usem carecas! Usem AKIROL, a última palavra contra a calvície! Nas drogarias Pacheco, V. Silva, Neofarm ou pelo reembolso. Caixa Postal 4 - Tijuca - Rio - Tel. 48-3087.

ASTENIA SEXUAL

Voronof revolucionou a Medicina, demonstrando a possibilidade da restauração das energias perdidas e do vigor sexual. Chamamos pois a atenção da classe médica para a fórmula do TONOKLEN (comprimidos), destinada à restauração das funções genitais. Nas drogarias ou pelo reembolso. Caixa Postal 4, Tijuca, Rio. Tel. 49-3087. Peçam literatura grátis.

LEIAM

EU SEI TUDO

Δ
REVISTA
MENSAL

Δ
PREÇO
CR\$ 15,00

URBANISMO

inútil continuarmos falando nos traçados de Le Corbusier ou lembrarmos os planos de Agache, que não poderão ser tomados senão como sonhos irrealizáveis, falemos no que, em âmbito mais modesto, e por parcelas, se procura agora fazer. As três obras a que nos referimos são:

1 — Desmorte do Morro de Sto. Antônio, que tornará possível uma ligação entre o Largo da Carioca e a Rua da Relação, dirigindo mais uma abertura para o tráfego no sentido Centro-Zona Norte. Com a terra do desmorte estão estendendo um atêrro por Flamengo e Glória (reduzindo mais uma faixa de beleza da Guanabara) que trará o tráfego de Botafogo ao Centro em poucos minutos. Daí em diante entrará em atividade a obra n.º

2 — Avenida Perimetral, que terá que acabar com todos os problemas de comunicação entre zona Sul e zona Norte. Da Av. Gen. Justo à Praça 15 partem 710 metros, pondo abaixo meio Mercado Municipal. Neste trecho já estão fincados 31 pilares, faltando 20 para poder ser erguida a pista elevada que recebe o geométrico nome. Para setembro do ano que vem esta parte deverá estar pronta, assim como o braço de 350 metros, que vai até a Avenida Presidente Vargas. Depois os engenheiros furarão sem dó nem piedade o venerando Outeiro de São Bento para arrumar um túnelzinho de dois níveis. O de baixo irá dar direto na Praça Mauá. E o de cima na Avenida Rodrigues Alves. Em uma visão panorâmica do que será essa Perimetral, admite-se que pelos 1960 tenhamos uma contínua pista de alta velocidade unindo Botafogo à Avenida Brasil. É respeitável. Vale quinhentos réis de sonho com os planos de Le Corbusier. Será que sai?

3 — O Túnel Catumbi-Laranjeiras entra pagando placê na resolução em série dos problemas de trânsito. Sua conclusão evitará o freqüente congestionamento que assola diariamente as ruas Uruguaiana e Riachuelo.

GAIOLA DA NOVO PIO

Resta então ao Rio admitir o ônus da poeirada, do esburacamento e da dinamite para receber em troca um pouco de urbanização. Já que as obras planejadas estão em andamento, a cidade, que já esbanjou à larga sua paciência, pode gastá-la mais um pouco com os poderes públicos. Mas eis que surgem novidades no panorama festivo da Gaiola de Ouro. Sabe-se que a SURSAN, além das obras referidas, se restringe a trabalhar nos túneis locais de Copacabana, no túnel Gen. Glicério-Radial Sul, nos esgotos da zona suburbana e nas avenidas Beira-Mar, Pres. Vargas, Radial Sul, Radial Oeste. O que pretende então a Câmara de Vereadores piando mais seis novas verbas para a empresa? Sim, porque pelo deficitário (em 5 bilhões) orçamento de 59 da Prefeitura, a SURSAN terá que acumular os seguintes novos serviços: Viaduto Lobo Júnior, Pista de rolamento do Canal do Mangue, Túnel Uruguai-Gávea, Viaduto de São Cristóvão, urbanização da Lagoa. Se conseguir realizar tudo isso, em tempo médio, será o caso de carregarmos juntos, em triunfo, vereadores e SURSAN. Mas este acúmulo de obras poderá também estourar com a SURSAN de uma vez por todas. E aí? Aí, paciência, Rio. Recomeçemos tudo novamente com novas orientações, novos dirigentes, nova ordem burocrática.

CONCLUSÃO: SÓ ESPERANÇA

SURSAN ou não SURSAN, prefeito X ou Y, o que o Rio quer, se ainda tiver forças para querer, é que a cidade funcione como deve. Que preencha seus desígnios, tornando o povo mais feliz, embora nos confortáveis versos da valsa ele já o seja completamente. As obras programadas são pouco mais que insignificantes para as necessidades da capital. Se não se realizarem agora, mais algumas gerações serão sacrificadas, vítimas de novas imprevidências dos charutos municipais. Conclusão: só esperança. Rio, meu nego, é ter paciência. Um dia, sei lá como, você amanhecerá limpo, curado, diferente. Neste dia seu céu será mais visível e sorrisos se espalharão pela fisionomia de todos os seus habitantes e você será perimetral, radial, sensacional. Aí, então, em sua homenagem, construiremos uma nova e verdadeira valsa. Amém.

"Mil" lhe oferece:

Contra ROUBO do seu CARRO

FECHADURA TRAVA DIREÇÃO MERLI

SEGURANÇA ABSOLUTA
Colocação imediata
TODOS OS CARROS

Pessoal Técnico Especializado
GARANTIA e HONESTIDADE

R. MEXICO - 98 A
52-1066 - 22-6194 RIO DE JANEIRO

Só na Mil



Veja
o que você vai ter no
Almanaque Eu Sei Tudo
1959

INFORMAÇÕES SÔBRE O ANO: Datas das Festas Móveis, Correspondência dos diferentes calendários, Entrada do Sol nos Signos, Comêço das Estações no Hemisfério Austral, Eclipses de 1959, Elementos do Cômputo Eclesiástico, Calendário Civil, Calendário Católico, Calendário Evangélico, Calendário Israelita, Fases da Lua.

RESUMO DO ANO: Aeronáutico, Automobilístico, Médico, Científico, Artístico, Cinematográfico, Literário, Ex-Librístico, Turfístico, Evangélico, Católico, Israelita, Espírita, Agrícola. Lições das Escolas Dominicais, I, II, III, IV trimestres de 1959. Os Mortos do Ano. Calendário Perpétuo. Calendário Perpétuo das Festas Móveis.

Entre outras curiosidades:

A evolução da humanidade escrita no zodíaco

Assim se vai à lua

Jesus nasceu, mesmo, em 25 de Dezembro ?

O ano 2.000 visto por sábios russos e norte-americanos

O Brasil e o mundo há cem anos

Mulheres que mudaram o curso da história



**HOTEL
AMAZONAS**

**BRASÍLIA
PALACE HOTEL**

